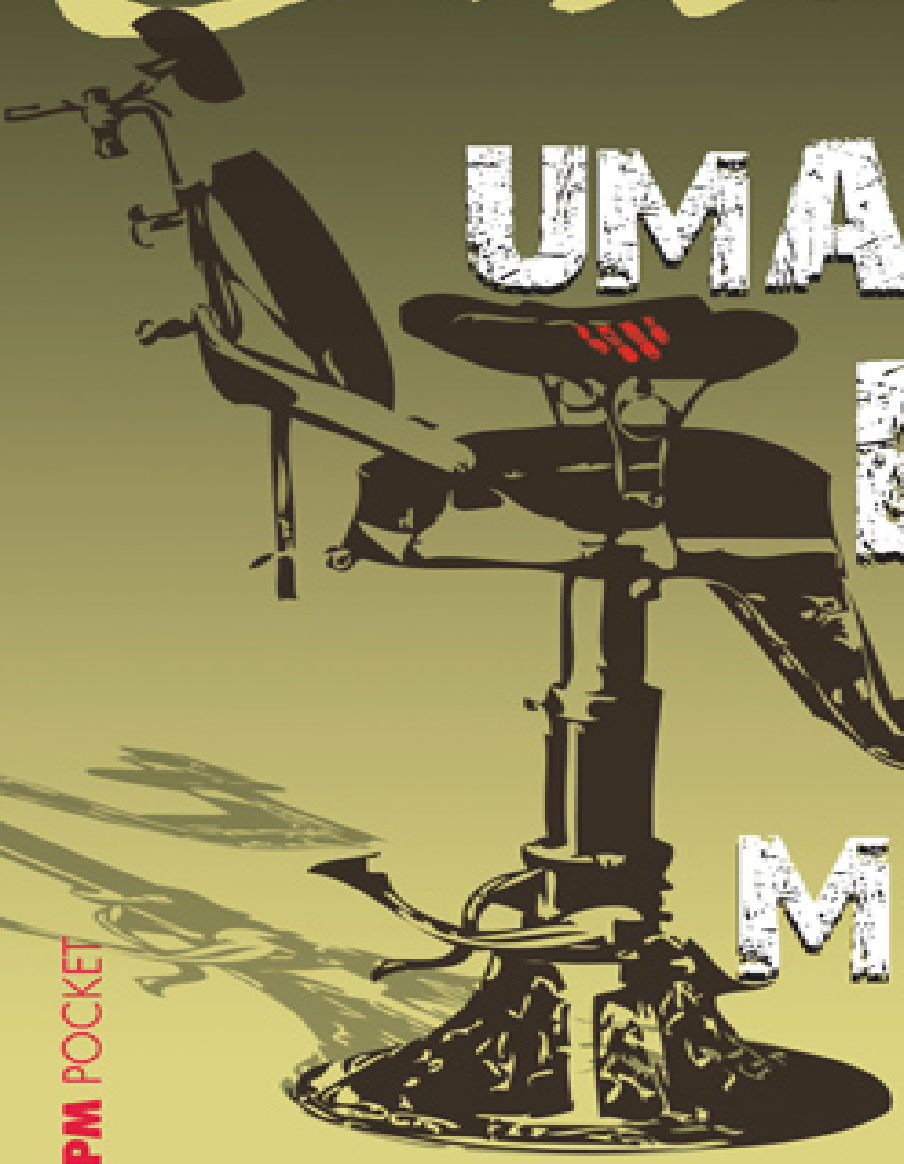
Agatha Christie

UMA DOSE MORTAL



L&PM POCKET

Agatha Christie

UMA DOSE MORTAL

Tradução de ALESSANDRO ZIR

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

Para Dorothy North,
que gosta de histórias de detetive tanto quanto de creme batido,
na esperança de que o livro possa compensá-la pela falta do outro.

UM, DOIS, AFIVELE O SAPATO

I

Naquela manhã, o sr. Morley parecia não ter se levantado com o pé direito. À mesa para o café da manhã, não gostou do bacon, perguntou-se por que lhe serviam água suja em vez de café e comentou que as marcas de cereais eram uma pior que a outra.

O sr. Morley era um homem pequeno, com uma mandíbula respeitável e um queixo ainda mais saliente. Já a irmã, que cuidava da casa, era tão corpulenta quanto um atirador de granadas. Ela olhou apreensiva para o irmão e perguntou se a água do banho estava fria outra vez.

De má vontade, o sr. Morley respondeu que não.

Ele deu uma espiada no jornal e comentou que o governo parecia passar do estado de incompetência ao de imbecilidade completa!

Numa voz de baixo profundo, a srta. Morley concordou que devia ser mesmo uma desgraça!

Como simples mulher, ela sempre tomara por evidente a sensatez de todo e qualquer governo. Era da máxima importância que o irmão lhe explicasse por que o plano de ação do governo era inútil, idiota, estúpido e francamente suicida!

Depois do sr. Morley ter dito tudo o que julgava necessário dizer sobre esses pontos, tomou uma segunda xícara do odiável café e confessou o que realmente o estava incomodando.

– Essas garotas – disse ele – são todas iguais! Egocêntricas e dissimuladas, não é possível confiar nelas para o que quer que seja.

– Você está se referindo a Gladys? – perguntou a srta. Morley, espantada.

– Acabo de receber o recado. A tia dela teve um derrame, e ela teve de ir até Somerset.

A srta. Morley disse:

– Muito chato, meu querido, mas não é culpa dela.

O sr. Morley sacudiu a cabeça, melancólico.

– Como é que vou saber se a tia teve mesmo um derrame? Como é que vou saber se a coisa toda não foi planejada pela moça e o traste daquele pirralho com quem ela está saindo? Aquele jovem é um verdadeiro pilantra! Eles provavelmente tinham combinado alguma coisa para hoje.

– Ah, não, querido, eu duvido que Gladys tivesse coragem de fazer algo assim. Você mesmo sempre elogiou a seriedade dela.

– Sim, sim.

– Uma garota inteligente e muito dedicada ao que faz, você dizia.

– Sim, sim, Georgina, mas isso era antes desse jovem desagradável aparecer. Nos últimos tempos, ela mudou muito, parece outra pessoa, desligada, preocupada, ansiosa.

O atirador de granadas, isto é, a irmã de Morley, suspirou profundamente, depois disse:

– Não há nada que se possa fazer, Henry. Garotas se apaixonam.

O sr. Morley retrucou:

– Mas ela é minha secretária e não pode deixar que isso afete a eficiência do seu trabalho. Justo hoje que tenho uma jornada tão pesada! Vários pacientes importantes! É realmente complicado!

– Entendo que seja mesmo de arrancar os cabelos, Henry. Como está se saindo o novo assistente, falando nisso?

Henry Morley disse, pessimista:

– É o pior que já tive! Não acerta o nome de nenhum paciente e comporta-se como um tosco. Se não melhorar, terei de mandá-lo embora e mais uma vez procurar por outro. Não sei para que servem as instituições de ensino hoje em dia. Despejam-nos uma cambada de imbecis incapazes de entender o que quer que se diga a eles, e muito menos de lembrar alguma coisa.

Ele olhou para o relógio.

– Preciso ir. Uma manhã cheia, e ainda tenho de encaixar aquela tal de Sainsbury Seale, que diz estar com dor. Sugeri a ela que fosse ver

Reilly, mas se fez de surda.

– Só podia – disse Georgina, sempre apoiando o irmão.

– Reilly é muito competente, competente mesmo. Tem os melhores diplomas. Trabalha em sintonia com o que há de mais avançado.

– As mãos dele tremem – disse a srta. Morley. – Tenho a impressão de que ele bebe.

O irmão riu, recuperando o bom humor. Ele disse:

– Estarei livre para um sanduíche à uma e meia, como sempre.

II

No Savoy Hotel, o sr. Amberiotis, sem que ninguém o visse, arreganhava e palitava os dentes.

As coisas corriam exatamente como ele esperava.

Estava com sorte mais uma vez. Não imaginava que os poucos elogios que fizera à retardada daquela mulher fossem ser tão bem remunerados. Como se diz: *Lança teu pão sobre as águas*... Ele sempre fora um homem de bom coração. E generoso! No futuro, teria condições de ser ainda mais generoso. Visões de benevolência pairavam diante dos seus olhos. O pequeno Dimitri... E o velho Constantopopolus exasperado com o pequeno restaurante... Que surpresas agradáveis guardava para eles...

O palito de dentes espetou-o num momento de descuido, e o sr. Amberiotis estremeceu. As visões róseas do futuro desapareceram, dando lugar à preocupação com o que em breve poderia acontecer. Ele examinou o machucado, suavemente, com a ponta da língua. Tirou o bloquinho do bolso. Meio-dia. Queen Charlotte Street, número 58.

Tentou recuperar toda a confiança anterior. Mas foi em vão. O horizonte se reduzira a seis meras palavras:

“Queen Charlotte Street, número 58. Meio-dia.”

III

No Glengowrie Court Hotel, em South Kensington, o café da manhã estava encerrado. A srta. Sainsbury Seale estava sentada no saguão, onde conversava com a sra. Bolitho. Na sala de jantar, costumavam comer em mesas contíguas e tinham ficado amigas no dia seguinte à chegada, uma semana atrás, da srta. Sainsbury Seale.

A srta. Sainsbury Seale disse:

– Você pode não acreditar, querida, mas parou mesmo de doer! Não sinto nenhuma pontada, nada! Talvez seja melhor eu ligar...

A sra. Bolitho a interrompeu:

– Não seja tola, minha cara. Vá ao dentista e livre-se do problema.

A sra. Bolitho era uma mulher alta, dominadora, e tinha uma voz grave. A srta. Sainsbury Seale era uma mulher de quarenta e lá vão alguns anos, com cabelos possivelmente descoloridos arrumados num penteado bem despojado. Suas roupas eram largas e soltas – artísticas –, e o pincenê estava sempre caindo. Era uma tagarela nata.

Acabara mesmo de dizer, pensativa:

– Mas é sério, você pode não acreditar, não sinto mais nenhuma dor.

– Absurdo. Você me contou que passou a noite toda em claro.

– Não, não passei. Bem, de fato. Mas, quem sabe, talvez agora o nervo tenha de fato morrido.

– Mais uma razão para você ir ao dentista – disse a sra. Bolitho com firmeza. – Todo mundo, quando pode, deixa os problemas de lado, mas isso é covardia. O melhor é tomar uma atitude e livrar-se deles!

Uma ideia pairou em suspense entre os lábios da srta. Sainsbury Seale. Ela, resignada, acabou por murmurar:

– Sim, mas não é o *seu* dente.

E aquilo queria dizer o seguinte: “Espero que você esteja certa. Além do mais, o sr. Morley é realmente muito cuidadoso e nunca machuca ninguém”.

IV

A reunião da diretoria tinha terminado. Fora uma reunião tranquila. O relatório era positivo, sem nenhuma observação discordante. No entanto, o

sr. Samuel Rotherstein sentia que algo não estava bem. Havia alguma coisa estranha nos modos do presidente.

Uma ou duas vezes, seu tom de voz tinha sido seco, ácido, o que não fazia nenhum sentido diante dos procedimentos da reunião.

Alguma preocupação que ele não pudesse revelar, quem sabe? Mas era difícil para Rotherstein relacionar Alistair Blunt com algum tipo de segredo. Ele não era uma pessoa emotiva. Era tão absolutamente normal. Britânico em sua essência.

Podia ser o fígado, é verdade... O fígado do sr. Rotherstein o incomodava de tempos em tempos. Mas ele nunca tinha ouvido falar que Alistair reclamasse do fígado. A saúde de Alistair era tão boa quanto o seu cérebro e o seu entendimento de finanças. Não se tratava de nenhuma cordialidade desconfortável, e sim de um bem-estar silencioso.

E, no entanto, havia alguma coisa. Uma ou duas vezes, o presidente tinha passado a mão pela face. Sentara absorto, segurando o queixo. Aquela não era uma atitude usual. Por uma ou duas vezes, parecia realmente distraído.

Saíram da sala da diretoria e desceram as escadas.

Rotherstein disse:

– Posso lhe oferecer uma carona?

Alistair Blunt sorriu e sacudiu a cabeça.

– O motorista está me esperando. – Olhou de relance para o relógio. – Eu não vou voltar até a cidade – fez uma pausa. – Na verdade, tenho uma consulta marcada com o dentista.

O mistério estava resolvido.

V

Hercule Poirot desceu do táxi, pagou o motorista e tocou a campainha do número 58, na Queen Charlotte Street.

Depois de uma pequena demora, a porta foi aberta, com toda a educação, por um jovenzinho de uniforme, sardas e cabelo vermelho.

Hercule Poirot perguntou:

– O sr. Morley?

Ele ainda nutria a ridícula esperança de que o sr. Morley tivesse ido atender alguém fora da cidade, que estivesse doente ou que não recebesse pacientes naquele dia... Tudo em vão. O atendente recuou, Hercule Poirot entrou e a porta fechou atrás dele com a calma inexorável de toda desgraça irreversível.

O atendente perguntou:

– Seu nome, por favor?

Poirot disse o nome a ele, a porta da direita do saguão foi aberta num único gesto e ele entrou na sala de espera.

Era uma sala mobiliada com um discreto bom gosto, mas indescritivelmente angustiante para Hercule Poirot. Jornais e revistas estavam arrumados com cuidado sobre a mesa Sheraton (réplica). O aparador Hepplewhite (réplica) tinha dois candelabros folheados Sheffield e uma *epergne*[1]. O consolo da lareira tinha um relógio de bronze e dois vasos também de bronze. As janelas eram cobertas por cortinas de veludo azul, e as cadeiras estofadas com um motivo jacobiano de pássaros vermelhos e flores.

Numa delas, sentava um senhor que parecia ser um militar, com um bigodinho ameaçador e de tipo anglo-indiano. Lançou um olhar admirado para Poirot, como se este fosse uma espécie de inseto venenoso. Não era uma arma que parecia procurar, mas sim o spray de inseticida. Poirot, revidando o olhar como se também não tivesse gostado, disse a si mesmo: "há ingleses tão desagradáveis e ridículos que deveriam bater as botas logo ao nascer".

O militar, depois de encará-lo por um longo período, apanhou de cima da mesa o *The Times*, virou a cadeira de forma a que Poirot ficasse fora do seu raio de visão e começou a lê-lo.

Poirot escolheu a revista *Punch*.

Folhou-a com atenção do início ao fim, mas sem conseguir achar graça em nenhuma das piadas.

O atendente entrou na sala e chamou:

– Coronel Arrow-Bumby.

E o militar foi levado dali.

Poirot se perguntava sobre as possibilidades de existir um nome como aquele, quando a porta foi aberta e entrou um jovem de cerca de

trinta anos.

Como o jovem se mantinha ao lado da mesa, examinando sem descanso a capa das revistas, Poirot olhou-o de soslaio. Um jovem de aparência desagradável e perigosa, ele pensou, que podia muito bem ser um assassino. Pelo menos parecia muito mais com um assassino do que qualquer um dos assassinos que Hercule Poirot prendera ao longo da sua carreira.

O atendente abriu a porta e disse, sem se dirigir a ninguém:

– Sr. Peerer.

Dando-se conta de que o estavam chamando, Poirot levantou. O atendente levou-o ao fundo do saguão, onde pegaram um pequeno elevador até o segundo andar. Seguiram por um corredor até uma porta, que dava para uma antessala, onde o jovem bateu numa segunda porta. Sem esperar pela resposta, ele a abriu e em seguida recuou para que Poirot entrasse.

O som de água correndo tomava conta da sala. Poirot entrou, voltou-se na direção da porta e descobriu o sr. Morley lavando as mãos com um entusiasmo profissional na pia da parede contígua.

VI

Na vida dos homens mais grandiosos, há momentos humilhantes. Já foi dito que nenhum homem é visto como um herói pelo seu criado. A isso se pode acrescentar que poucos homens veem a si mesmos como heróis no momento em que vão ao dentista.

Hercule Poirot tinha uma consciência mórbida desse fato.

Era um homem acostumado a ter uma opinião positiva de si mesmo. Ele era Hercule Poirot, superior aos outros homens em muitos aspectos. Mas nesse momento não conseguia se sentir superior de forma alguma. Era apenas aquela figura comum e covarde do homem com medo da cadeira do dentista.

O sr. Morley tinha terminado suas abluções profissionais. Agora falava num tom profissional, encorajador.

Mais frio do que deveria para a época do ano, não é mesmo?

Gentilmente, ele indicou o caminho até o lugar esperado – a cadeira! Com destreza, brincou com o encosto da cabeça, movendo-o para cima e para baixo.

Hercule Poirot respirou fundo, deu um passo adiante, sentou e entregou a cabeça aos cuidados profissionais do sr. Morley.

– Assim... – disse o sr. Morley, com um prazer hediondo. – Está totalmente confortável, não é mesmo?

Num tom sepulcral, Hercule Poirot respondeu que sim.

O sr. Morley aproximou de si a pequena mesinha, escolheu um espelhinho, pegou um instrumento e preparou-se para começar o trabalho.

Hercule Poirot agarrou-se aos braços da cadeira, fechou os olhos e abriu a boca.

– Algum problema em especial? – perguntou o sr. Morley.

Não foi possível entender muito bem, por causa da dificuldade de pronunciar consoantes enquanto se mantém a boca aberta, mas Hercule Poirot pareceu responder que não havia nenhum problema em especial. Essa era, de fato, a segunda revisão que fazia naquele ano, motivado apenas pelo seu senso de ordem e limpeza. Talvez não houvesse nada a ser feito... Quer dizer, o sr. Morley poderia, quem sabe, olhar por alto aquele penúltimo dente do qual tinham vindo as pontadas... Ele poderia, mas isso não era provável, pois o sr. Morley era um excelente dentista.

O sr. Morley examinou com cuidado um dente após o outro, percutindo e sondando, murmurando para si mesmo conforme prosseguia.

– Essa obturação está cedendo um pouco, mas nada muito sério. As gengivas estão em ótima condição, fico feliz de constatar.

Uma pausa diante de um suspeito, um giro na sonda... Não, novamente um falso alarme. Ele passou para o lado de baixo. Um, dois... três? Não. “O cão”, pensou Hercule Poirot, numa linguagem confusa, “farejou a caça!”

– Um probleminha aqui. Não tem lhe causado nenhuma dor, não? Hum... Fico surpreso.

A sonda foi adiante.

Finalmente o sr. Morley se afastou, satisfeito.

– Nada muito sério. Apenas algumas obturações e um sinal de cárie naquele molar superior. Acredito que seja possível resolver tudo essa manhã.

Ele ligou um interruptor e ouviu-se um zumbido. O sr. Morley desenganchou a broca e, com precisão, encaixou nela uma ponteira.

– Avise quando doer – disse ele a Poirot, de forma breve, dando início ao seu espantoso trabalho.

Não foi necessário que Poirot se valesse daquela permissão, que levantasse a mão, fizesse alguma careta ou mesmo berrasse. No momento exato, o sr. Morley parava com a broca, ordenava-lhe que cuspisse, limpava o dente com uma gazezinha, selecionava uma nova ponteira e continuava. Não era dor o que ele sentia, mas terror diante do suplício da broca.

Enquanto o sr. Morley preparava a obturação, a conversa era retomada.

– Tenho de fazer tudo eu mesmo essa manhã – explicou. – A srta. Nevill teve de se ausentar. O senhor se lembra da srta. Nevill?

Poirot mentiu que sim.

– Teve de viajar para o interior por causa de um parente que ficou doente. E isso naturalmente acontece no dia em que mais preciso dela. Já estou atrasado essa manhã. O paciente anterior chegou tarde. Quando isso acontece é de amargar. A manhã inteira fica desregulada. E ainda terei de encaixar uma paciente extra, porque ela está com dor. Sempre tenho uns quinze minutos disponíveis pela manhã, para caso isso aconteça. Mesmo assim, a correria continua a aumentar.

O sr. Morley espiava dentro da pequena cuba enquanto discursava.

– Vou contar-lhe algo que tenho notado com frequência, sr. Poirot. As pessoas influentes, aquelas que são importantes, estão sempre no horário, nunca o deixam esperando. A realeza, por exemplo. São os mais pontuais. O mesmo se pode dizer desses executivos bem-sucedidos. Essa manhã devo receber a visita de um homem importantíssimo: Alistair Blunt!

O sr. Morley pronunciou o nome numa voz triunfante.

Poirot, impedido de falar pelos inúmeros rolos de algodão e um tubo de vidro que gorgolejava debaixo da sua língua, emitiu um barulho indeterminado.

Alistair Blunt! Nomes como esse é que eram a sensação do momento. Não duques, condes, ou primeiros-ministros. Nada disso – sr. Alistair Blunt, pura e simplesmente. Um homem cujo rosto era quase

desconhecido das pessoas em geral, um homem referido no máximo em algum parágrafo casual e discreto. Não uma pessoa espetacular.

Um inglês comum e tranquilo, o chefe do maior banco da Inglaterra. Um homem muito rico, cuja opinião era acatada pelos governantes. Um homem cuja vida passava despercebida, que nunca aparecia em palanques ou fazia discursos. Mas um homem poderosíssimo.

A voz do sr. Morley manteve seu tom reverente, mesmo quando ele se debruçou sobre Poirot a fim de dar os toques finais à obturação.

– Ele chega sempre na hora marcada, pontualmente. Muitas são as vezes em que ele dispensa o motorista e volta para o escritório caminhando. É um camarada tranquilo, simpático, despretensioso. Adora jogar golfe e tem orgulho do seu jardim. Ninguém imaginaria que ele poderia comprar metade da Europa! Ele é como eu e o senhor.

Poirot sentiu um certo incômodo com aquela comparação feita de improviso. O sr. Morley era sim um dentista competente, mas havia outros dentistas competentes em Londres. E havia um único Hercule Poirot.

– Bocheche e cuspa, por favor – disse o sr. Morley.

– Essa é a melhor resposta que damos a Hitler, Mussolini e toda a corja deles – continuou o sr. Morley, enquanto passava ao segundo dente. – Não fazemos alvoroço aqui. Veja como são democráticos o nosso rei e a nossa rainha. É claro que um francês como o senhor, acostumado com ideias republicanas...

– A na saa fra-ha, a saa... baga!

– Hum... Hum... – fez o sr. Morley, decepcionado. – É preciso que a cavidade esteja completamente seca – acrescentou antes de lançar, implacável, um jato de ar quente sobre ela.

Em seguida continuou:

– Não tinha percebido que o senhor era belga. Muito interessante. Tenho sempre ouvido dizer que o rei Leopoldo é um excelente homem. Dou bastante importância à realeza e suas tradições. O treinamento a que são submetidos é muito bom. Veja a forma notável como se lembram de nomes e fisionomias. É tudo resultado de treinamento, embora, é claro, existam pessoas com habilidade natural para esse tipo de coisa. Eu mesmo, por exemplo, não tenho boa memória para nomes, mas é notável como nunca me esqueço de um rosto. Um dos meus pacientes de outro dia, por exemplo, tinha certeza de já tê-lo visto. O nome não significava nada

para mim, mas imediatamente me perguntei: “Onde foi que vi essa pessoa?”. Ainda estou tentando lembrar, e qualquer hora vou conseguir, tenho certeza. Bocheche só mais uma vez, por favor.

Depois de Poirot haver bochechado e cuspido, o sr. Morley examinou atentamente a boca do paciente.

– Bem, acredito que esteja tudo certo. Agora feche a boca com cuidado... Está confortável? Não está sentindo a obturação? Abra de novo, por favor. Não, parece que está tudo certo.

Hercule Poirot desceu da cadeira. Era um homem livre.

– Bem, até logo, sr. Poirot. Espero que não tenha descoberto nenhum criminoso em minha casa.

Poirot disse, sorrindo:

– Antes de sentar aqui, todos me pareciam criminosos. Talvez agora seja diferente!

– Ah, sim. O antes e o depois fazem uma grande diferença! De qualquer forma, nós dentistas não somos mais os bichos-papões que costumávamos ser! Quer que eu chame o elevador para o senhor?

– Não, não, eu vou de escada.

– Como o senhor preferir. O elevador é logo ao lado da escada.

Poirot saiu do consultório. Ao fechar a porta, ouviu a água que começava a correr na pia do lado de dentro.

Desceu os dois lances de escada. Ao chegar à última volta, viu o coronel anglo-indiano sendo acompanhado até a porta. Não era, de forma alguma, um sujeito mal-encarado, refletiu Poirot, com alívio. Provavelmente, um bom atirador que tivesse matado vários tigres. Um homem útil – um representante do Império Britânico.

Ele foi apanhar o chapéu e a bengala que tinha deixado na sala de espera. O jovem irrequieto continuava lá, para a surpresa de Poirot. Outro paciente, um homem, lia a revista *Field*.

Da perspectiva do seu renovado espírito de bondade, Poirot examinava o jovem. Ele ainda parecia ameaçador, como se quisesse matar alguém, mas não era realmente um assassino, pensou Poirot, solidário. Sem dúvida, depois de terminado o suplício, o jovem desceria voando as escadas feliz, sorrindo e sem desejar o mal de ninguém.

O atendente entrou na sala, dizendo em alto e bom tom:

– Senhor Blunt.

O homem largou a revista *Field* sobre a mesa e levantou-se. Era de estatura mediana, de meia-idade, nem magro nem gordo. Bem-vestido, calmo.

Saiu atrás do atendente.

Um dos homens mais ricos e poderosos da Inglaterra. Ainda assim, tinha de ir ao dentista, como todo mundo, e certamente, ao fazê-lo, não se sentia melhor que os demais!

Com esses pensamentos em mente, Hercule Poirot pegou seu chapéu e a bengala e dirigiu-se até a porta. Ao fazer isso, deu uma olhadela para trás e foi tomado pela ideia de que o jovem que aguardava na sala devia estar de fato sofrendo com uma terrível dor de dentes.

Poirot parou diante do espelho do saguão para arrumar o bigode que o dentista, no empenho das suas atividades, tinha desalinhado.

No momento em que lhe dava, satisfeito, os últimos retoques, o elevador tinha descido novamente. Dele saiu o atendente assobiando para o ar, até que engoliu o apito, ao dar de cara com Poirot. Baixou a cabeça e dirigiu-se para abrir-lhe a porta da rua.

Um táxi tinha acabado de estacionar na frente da casa, e um pé começava a aparecer do lado de fora. Poirot examinou-o com o interesse de um galanteador.

Um tornozelo elegante, coberto por uma meia que parecia de excelente qualidade. O pé não era de se jogar fora, mas Poirot não gostou do sapato. Um sapato de couro, que visivelmente acabara de ser comprado, com uma fivela enorme, brilhante. Ele sacudiu a cabeça.

Nada chique, muito provinciano!

A mulher estava saindo do táxi quando prendeu o outro pé na porta, arrancando a fivela que caiu tinindo na calçada.

Galante, Poirot se adiantou, juntou-a do chão e a devolveu à dona, fazendo uma reverência.

Pena! Estava mais próxima dos cinquenta do que dos quarenta anos. Pincenê. Um cabelo amarelo-acinzentado desarrumado. Vestia um daqueles vestidos verdes e folgados supostamente artísticos, mas na verdade deprimentes! Ela agradeceu a ele, deixando cair primeiro o pincenê e depois a bolsa.

Poirot, agora mais por educação do que por real interesse, juntou-os para a mulher, que subiu os degraus do número 58 da Queen Charlotte

Street.

– O senhor está livre, não é mesmo? – perguntou Poirot ao motorista do táxi, que continuava a contemplar, ultrajado, a gorjeta recebida.

– Sim, estou – foi o que ele respondeu, entediado.

– Eu também. Missão cumprida!

O motorista franziu o cenho, desconfiado.

– Não se preocupe que não estou bêbado. Acabo de vir do dentista e não vou precisar voltar antes de seis meses. É aliviador.

Três, quatro, feche a porta

I

Eram 14h45 quando o telefone tocou.

Depois de um excelente almoço, Hercule Poirot estava agora satisfeito e fazia a digestão sentado na poltrona.

Ele não se mexeu quando ouviu o telefone tocar, mas esperou que o fiel George atendesse.

– *Eh bien*? – perguntou quando George se virou para ele, alcançando o fone, depois de ter dito "um minuto, por favor".

– É o inspetor Japp.

– Como?

Poirot pegou o fone, encostando-o no ouvido.

– *Eh bien, mon vieux* – ele disse. – Como vão as coisas?

– É você, Poirot?

– Mas claro que sou eu.

– Ouvi dizer que você foi ao dentista essa manhã, é verdade?

Poirot disse, contrariado:

– Nada escapa à Scotland Yard!

– O dentista se chama Morley e atende no número 58 da Queen Charlotte Street?

– Sim... – a voz de Poirot tinha mudado. – Por quê?

– Você foi lá realmente para uma consulta, certo? Quero dizer, a visita não serviu de pretexto para alguma investigação?

– Claro que não. Tenho três dentes obturados!

– O que você achou dele? Parecia estar bem?

– Eu diria que sim. Por quê?

A voz de Japp estava tensa.

– Porque pouco tempo depois ele se deu um tiro.

– O quê?

Japp indagou, cortante:

– Isso o surpreende?

– Francamente, sim!

– Também não estou nada satisfeito com essa história. Gostaria que tivéssemos uma conversa, mas acho que fica difícil para você vir até aqui...

– Onde é que você está?

– Na Queen Charlotte Street.

– Estou indo encontrá-lo agora mesmo.

II

Foi um policial que abriu a porta do número 58. Ele disse, respeitosamente:

– Sr. Poirot?

– Sim, sou eu.

– O inspetor está lá em cima, no segundo andar. O senhor sabe chegar lá?

Hercule Poirot disse:

– Estive lá essa manhã mesmo.

Havia três homens no consultório. Japp ergueu os olhos quando Poirot entrou.

Ele disse:

– Como vai, Poirot? Estamos prestes a removê-lo. Você gostaria de dar uma olhada nele antes?

Um homem com uma câmera, que estivera ajoelhado perto do corpo, se levantou.

Poirot deu um passo à frente. O corpo estava caído perto da lareira.

Morto, o sr. Morley parecia quase o mesmo. Logo abaixo da têmpora direita, havia um buraquinho escuro. No chão, ao lado da mão direita estendida, estava a pequena pistola.

Poirot sacudiu a cabeça, em silêncio, em sinal de desaprovação.

Japp disse:

– Está certo. Agora podem levá-lo.

Tiraram o sr. Morley do quarto. Japp e Poirot foram deixados sozinhos.

Japp disse:

– Seguimos todos os procedimentos. Impressões digitais etc.

Poirot sentou-se e perguntou:

– O que foi que aconteceu?

Japp apertou os lábios, depois disse:

– Ele poderia ter atirado em si mesmo. É provável que tenha atirado em si mesmo. Só as impressões dele foram encontradas na arma, mas não estou convencido.

– Quais são as suas dúvidas?

– Bem, para começar, é difícil entender por que ele se suicidaria. Sua saúde era boa, ele ganhava bem, não parecia ter problemas. Não estava enrolado com nenhuma mulher, pelo menos – corrigiu-se Japp – até onde se sabe. Ele não andava mal-humorado, deprimido, e nem tinha tido qualquer mudança brusca de comportamento. É por isso que eu estava ansioso para ouvir o que você teria a dizer depois de tê-lo visto essa manhã. Estava pensando se você não teria notado nada de diferente.

Poirot balançou a cabeça, negando.

– Nada, realmente. Ele era a normalidade em pessoa!

– Esse suicídio parece então muito estranho, não é mesmo? De qualquer forma, quem é que se mataria em pleno horário de trabalho? O usual seria que ele esperasse pela noite.

Poirot concordou.

– Quando foi que a tragédia ocorreu?

– Não sabemos ainda ao certo. Parece que ninguém ouviu o tiro. E não creio mesmo que pudessem ter ouvido. Há duas portas entre essa sala e o corredor, e elas têm as extremidades todas cobertas de feltro, para abafar, eu imagino, o barulho das vítimas na cadeira do dentista.

– Muito provável. Pacientes sob o efeito de óxido nitroso[2] fazem às vezes muito barulho.

– Certamente. E do lado de fora, na rua, o tráfego é intenso, o que diminui a possibilidade do tiro ser ouvido lá embaixo.

– Quando foi que o encontraram?

– Por volta da uma e meia. Alfred Biggs, o atendente, um tipo que não é dos mais brilhantes, diga-se de passagem, foi quem o descobriu. Parece que a paciente do meio-dia e meia ficou incomodada depois de uma longa espera e começou a reclamar. Às 13h10, o atendente subiu e bateu na porta. Não ouviu resposta e parece que não se atreveu a entrar. Durante a manhã, ele já tinha sido xingado por Morley mais de uma vez e ficou com medo de dar outra mancada. Ele desceu novamente e, às 13h15, a paciente levantou-se e foi embora bufando, é claro. A espera já durava quarenta e cinco minutos, e ela ainda não tinha almoçado.

– Quem era ela?

Japp esboçou um sorriso amarelo.

– De acordo com o atendente, chamava-se srta. Shirty, mas o nome que aparece na agenda de consultas é Kirby.

– Qual era o procedimento adotado para chamar os pacientes?

– Quando o sr. Morley estava pronto para a próxima consulta, ele apertava aquela campainha, e o atendente então subia com o paciente.

– E qual foi a última vez que Morley apertou a campainha?

– Cinco minutos depois do meio-dia, e o atendente subiu com o paciente que esperava. O sr. Amberiotis, hóspede do Savoy Hotel, de acordo com a agenda de consultas.

Um sorriso discreto passou pelos lábios de Poirot. Ele murmurou:

– Só fico imaginando o que o atendente fez de um nome como esse...

– Uma embrulhada completa, só pode. Podemos perguntar a ele agora, se quisermos um motivo para uma boa risada.

Poirot disse:

– E que horas esse tal de Amberiotis deixou o consultório?

– O atendente não o levou até a porta, então ele não sabe. Muitos pacientes não esperam pelo elevador, descem as escadas e vão embora.

Poirot concordou com a cabeça.

Japp continuou:

– Mas eu liguei para o Savoy Hotel. O sr. Amberiotis foi bem preciso. Ele disse ter olhado no relógio enquanto fechava a porta da rua, e eram então 12h25.

– E ele não se lembrou de mais nada que pudesse ser importante?

– Não, exceto que o dentista se comportou normalmente, sem dar nenhum sinal de que algo o incomodasse.

– *Eh bien* – disse Poirot. – Então o seguinte parece estar claro: entre as 12h25 e as 13h30, alguma coisa aconteceu. Mais perto do primeiro horário, é provável.

– Exatamente, porque senão...

– ... senão ele teria tocado a campainha para chamar o próximo paciente.

– Isso mesmo. A evidência médica concorda com isso. O perito examinou o corpo às 14h20. Ele não iria se comprometer. Hoje em dia nenhum deles se compromete. Cada caso tem suas idiossincrasias, é o que costumam dizer. Mas não é possível que Morley tenha sido baleado depois da uma hora. O provável é que tenha ocorrido mais cedo, mas o perito não quis precisar quando.

Poirot disse, pensativo:

– Nesse caso, às 12h25 nosso dentista é um dentista normal, alegre, desembaraçado, competente. E depois? Desespero, miséria, alguma coisa e ele se mata!

– Você tem de concordar que é engraçado – disse Japp.

– Engraçado não...

– Sim, o que quero dizer é que é muito estranho.

– A pistola era dele?

– Não. Ele não tinha pistola. Nunca teve nenhuma. De acordo com a irmã, não havia nada desse tipo na casa. Como na maioria das casas. É claro que ele poderia tê-la comprado se tivesse pensado em se matar. Se for esse o caso, logo ficaremos sabendo.

Poirot perguntou:

– Mais alguma coisa o preocupa?

Japp esfregou o nariz.

– Bem, a forma como ele estava caído. Não é que uma pessoa não pudesse cair daquela maneira, mas tinha algo de forçado! E havia uma ou outra marquinha no carpete, como se algo tivesse sido arrastado.

– Isso dá mesmo o que pensar.

– Sim, a não ser que tenha sido aquele garoto! Alguma coisa me diz que ele tentou mover Morley quando o encontrou. Ele nega, é claro, porque está assustado. Mas isso é típico desses bestalhões. Apanham tanto por causa das besteiras que fazem que depois ficam acostumados a mentir quase que automaticamente.

Poirot olhou pensativo ao redor do consultório.

Observou a pia na parede atrás da porta, o arquivo do outro lado. A cadeira articulada e a aparelhagem toda ao redor, os instrumentos próximos à janela. Foi até a lareira, depois deteve-se no lugar onde o corpo tinha caído. Havia uma segunda porta na parede perto da lareira.

Japp acompanhava os seus movimentos.

– Dá para um escritoriozinho – disse ele, abrindo a porta de supetão.

Como ele tinha dito, tratava-se de uma pequena sala com uma escrivaninha, uma mesinha com uma lamparina, um aparelho de chá e algumas cadeiras. Não havia outra porta.

– É aqui que a secretária dele trabalhava – explicou Japp. – A srta. Nevill. Parece que hoje não veio ao trabalho.

Os dois se entreolharam. Poirot disse:

– Foi o que ele me falou. Seria esse mais um indício contra a hipótese do suicídio?

– Você quer dizer que ela teria sido afastada de propósito?

Japp ficou em silêncio, depois concluiu:

– Se não foi suicídio, então o mataram. Mas por quê? Uma coisa é tão implausível como a outra. Era um camarada tranquilo, inofensivo ao que parece. Quem teria interesse na morte dele?

Poirot disse:

– Quem poderia tê-lo matado?

– Para essa pergunta, a resposta é quase todo mundo! A irmã dele poderia ter descido do apartamento de cima e atirado nele, um dos empregados poderia ter aparecido e feito o mesmo. O sócio dele, Reilly, poderia ter atirado nele. O atendente, Alfred, também poderia. Um dos pacientes poderia ter atirado nele.

Japp fez uma pausa e então disse:

– Amberiotis poderia ter atirado nele. De todos, é o que teria tido a melhor chance.

Poirot assentiu.

– Mas, nesse caso, temos de descobrir por quê.

– Exatamente. Voltamos ao ponto de partida. Amberiotis está hospedado no Savoy. Por que motivo um grego rico viria aqui para dar um tiro num dentista inofensivo?

– Essa vai ser a pedra no nosso sapato: o motivo!

Poirot deu de ombros. Ele disse:

– É como se a morte tivesse escolhido, da forma mais tosca, o homem errado. O grego misterioso, o banqueiro rico, o detetive famoso... como seria natural se um deles tivesse sido baleado! Estrangeiros misteriosos podem estar envolvidos em espionagem, banqueiros ricos estão ligados a pessoas que se beneficiariam da morte deles, e detetives famosos são temidos por criminosos.

– Enquanto o velho Morley não ameaçava ninguém – observou Japp, desanimado.

– É o que imagino.

Japp deu uma olhada ao redor.

– O que é que você procura?

– Nada. Alguma coisa que não tenhamos percebido.

Poirot repetiu a Japp as poucas palavras, aparentemente sem importância, ditas pelo sr. Morley sobre memória fisionômica. O dentista também mencionara um paciente.

Japp ficou pensativo.

– Suponho que seja possível. Mas parece exagerado. Pode ter sido alguém que quisesse esconder a própria identidade. Você reparou alguma coisa estranha nos outros pacientes que encontrou essa manhã?

Poirot murmurou:

– Vi, na sala de espera, um jovem que tinha mesmo o aspecto de um assassino!

Japp disse, assustado:

– O quê?

Poirot sorriu, e então explicou:

– *Mon cher*, foi logo que cheguei aqui! Eu estava nervoso, imaginava coisas, enfim, não me sentia nada à vontade. Tudo me parecia sinistro, a sala de espera, os pacientes, até o carpete e as escadas! Na verdade, penso que o jovem sofria de uma terrível dor de dentes. Nada mais!

– Entendo o que você está dizendo. Mas vamos, de qualquer maneira, investigar esse seu suposto assassino. Vamos investigar todo mundo, seja ou não suicídio. Penso que primeiro devemos conversar de novo com a srta. Morley. Troquei com ela apenas algumas palavras. Estava muito abalada, é claro, mas é uma mulher forte. Gostaria que você fosse comigo vê-la agora mesmo.

III

Uma mulher alta e severa, Georgina Morley ouviu o que os dois homens tinham a dizer e respondeu às suas questões.

Ela disse, com firmeza:

– Para mim é inacreditável, realmente inacreditável que meu irmão tenha se suicidado!

– Nesse caso, mademoiselle, só nos resta uma alternativa...

– O senhor quer dizer... assassinato – disse ela, e ficou quieta. Depois continuou devagar:

– Essa outra alternativa é quase tão impossível quanto a primeira.

– Mas não inteiramente impossível.

– Não, porque... ah! No primeiro caso, falo de algo sobre o que não tenho dúvidas, o estado de espírito do meu irmão. Eu sei que ele não estava preocupado com nada, eu sei que não havia nenhum motivo, nada mesmo para que ele tirasse a própria vida!

– A senhorita falou com ele essa manhã, antes de ele ir trabalhar?

– Sim, durante o café da manhã.

– E ele se comportou de maneira usual? Não estava incomodado com nada?

– Ele estava incomodado, mas não no sentido que o senhor pergunta. Ele estava irritado!

– Por quê?

– Ele teria uma manhã cheia de trabalho pela frente, e sua secretária tivera de se ausentar.

– A srta. Nevill?

– Sim.

– Qual é o serviço dela?

– Ela fazia toda a correspondência, é claro, tomava conta do agendamento das consultas e preenchia as fichas. Ela também ajudava a esterilizar os instrumentos e a preparar o amálgama, segurando e alcançando as coisas para ele durante o trabalho.

– Faz tempo que ela trabalha com ele?

– Três anos. Uma moça de total confiança e nós dois gostávamos muito dela.

Poirot disse:

– Seu irmão me disse que ela teria se ausentado por causa de um parente doente.

– Sim. Ela recebeu um telegrama dizendo que a tia tinha tido um derrame. Ela pegou o primeiro trem para Somerset hoje de manhã.

– E foi isso que deixou o seu irmão tão irritado?

– Sim... – hesitou a srta. Morley.

Em seguida disse, como para corrigir-se:

– É preciso que o senhor entenda. Meu irmão não era nenhum insensível. Acontece que ele pensou... passou pela cabeça dele...

– Pode dizer, srta. Morley.

– Bem... que ela pudesse ter inventado a coisa toda. Ah! Não me entenda mal, por favor. Tenho certeza de que Gladys jamais faria algo assim. Eu disse isso a Henry. A verdade é que ela acabou por se envolver com um jovem cuja índole não parece das melhores. Henry já estava aborrecido com isso, e ocorreu a ele que esse jovem pudesse tê-la persuadido a tirar um dia de folga.

– A senhorita também pensa que algo assim possa ter acontecido?

– Não, de forma alguma. Gladys é uma moça muito séria.

– Mas o jovem pode ter sugerido.

A srta. Morley suspirou.

– Muito provavelmente, é verdade.

– O que é que faz esse jovem, qual o nome dele, para começar?

– Carter, Frank Carter. Ele é, ou era, corretor de seguros ou algo do gênero. Perdeu o emprego faz algumas semanas e parece que está tendo dificuldades para encontrar um outro. Henry disse, e talvez eu tenha de concordar, que o rapaz é um canalha. Gladys emprestou a ele algumas das economias dela, e Henry ficou muito desapontado.

Japp arriscou:

– Por acaso seu irmão tentou persuadi-la a romper o noivado?

– Sim, ele fez isso. Eu sei.

– Sendo assim, esse Frank Carter poderia muito bem ter guardado um rancor do seu irmão.

O atirador de granadas disse, resoluto:

– Totalmente absurdo. O senhor está sugerindo que Frank Carter atirou em Henry. Henry certamente advertiu a moça quanto ao jovem

Carter, mas ela não seguiu o seu conselho. Ela é louca por Frank.

– A senhorita se lembra de alguma outra pessoa que pudesse guardar algum rancor do seu irmão?

A srta. Morley fez que não com a cabeça.

– Ele se dava bem com o sócio, o sr. Reilly?

A srta. Morley respondeu, ácida:

– O melhor possível, considerando-se que o sr. Reilly é um irlandês.

– O que é que a senhorita quer dizer com isso?

– Bem, irlandeses são sujeitos exaltados e adoram todo o tipo de barulho. O sr. Reilly gostava de discutir política.

– Só isso?

– Só isso. O senhor Reilly tem inúmeros defeitos, mas é muito competente na profissão, ou pelo menos era isso o que o meu irmão dizia.

Japp insistiu:

– Que tipo de defeitos?

A srta. Morley hesitou, então disse, azeda:

– Ele bebe demais, mas, por favor, não deixe que isso se espalhe.

– Havia algum conflito entre ele e o seu irmão por causa disso?

– Henry largou uma que outra indireta a respeito. Em odontologia – continuou a srta. Morley, agora didaticamente – é preciso ter a mão firme, e um hálito de álcool realmente não inspira confiança.

Japp concordou com a cabeça. Então disse:

– A senhorita pode nos dizer alguma coisa a respeito da situação financeira do seu irmão?

– Henry estava ganhando bem e conseguira economizar outro tanto. Além disso, assim como eu, ele tinha uma pequena renda que nos foi deixada pelo nosso pai.

Japp murmurou depois de uma engasgada:

– A srta. não sabe, suponho, se o seu irmão deixou um testamento?

– Ele deixou, e posso revelar-lhe o conteúdo. Ele deixou uma pequena quantia para Gladys Nevill. Todo o restante ele deixou para mim.

– Entendo. A srta. poderia...

Bateram na porta com força. Depois abriram-na devagar, e o rosto de Alfred apareceu. Os olhos esbugalhados pareciam absorver cada detalhe dos dois visitantes, até que ele largou:

– É a srta. Nevill. Ela está de volta e bastante abalada. Quer saber se deve vir aqui.

Japp fez que sim, e a srta. Morley disse:

– Peça a ela para vir, Alfred.

– Certo – disse Alfred e desapareceu.

A srta. Morley suspirou, depois disse desconsolada:

– Esse rapaz é um caso perdido!

IV

Gladys Nevill era uma moça de cerca de 28 anos, alta, loira e um pouco anêmica. Embora estivesse com toda certeza bastante abalada, foi possível perceber de imediato que se tratava de uma criatura inteligente e prática.

Com o pretexto de querer examinar os documentos do sr. Morley, Japp conseguiu afastá-la da srta. Morley, indo com a moça até a pequena sala que ficava junto ao consultório.

Ela repetiu mais de uma vez:

– Simplesmente não posso acreditar! Não faz sentido algum pensar que o sr. Morley tenha feito algo assim!

Ela foi taxativa quanto a ele não parecer preocupado ou aborrecido nos últimos dias.

Japp começou então o interrogatório:

– A senhorita teve de se ausentar hoje...

Ela o interrompeu.

– Sim, e a coisa toda não passou de uma brincadeira de péssimo gosto! Não entendo como é que alguém pode se divertir com algo assim. Realmente eu não entendo.

– O que é que a senhorita quer dizer?

– Não havia nada de errado com a minha tia. Ela nunca esteve melhor. Quando apareci de repente, ela sequer entendeu. É claro que fiquei felicíssima, mas em seguida muito irritada. Terem me mandado um telegrama como aquele, me preocupando e tudo mais.

– A senhorita tem consigo o telegrama?

– Joguei ele fora na estação, eu acho. Ele dizia: “Sua tia teve um derrame a noite passada. Por favor, venha imediatamente”.

– A senhorita tem certeza... – Japp deu uma tossidinha – que não foi o seu amigo, o sr. Carter, quem mandou o telegrama?

– Frank? Mas para quê? Ah! Entendi... O senhor quer dizer algo combinado entre nós para que eu pudesse me ausentar? De forma alguma, inspetor. Nenhum de nós faria algo assim.

A indignação dela parecia genuína, e Japp foi obrigado a acalmá-la. A pergunta sobre quem seriam os pacientes da manhã fez com que ela voltasse a si.

– Eles estão todos aqui na agenda. Aposto que você ainda não os viu. Conheço a maioria dos pacientes. Às dez horas, a sra. Soames. A consulta era por causa da nova prótese dentária dela. Às dez e meia, lady Grant, uma senhora de idade que mora no Lowndes Square. Às onze horas, o sr. Hercule Poirot, que vem regularmente. Ah, é claro, me desculpe, este é ele. Estou tão nervosa! Às onze e meia, o sr. Alistair Blunt, o banqueiro, o senhor sabe. Uma consulta rápida, porque o sr. Morley já tinha dado início ao tratamento na vez passada. Então a srta. Sainsbury Seale, que ligou para pedir que o sr. Morley a encaixasse em algum horário, pois estava com dor. Uma verdadeira tagarela, não consegue ficar quieta, e além disso muito atrapalhada. Ao meio-dia, o sr. Amberiotis, um paciente novo que marcou a consulta do Savoy Hotel. O sr. Morley sempre atende muitos estrangeiros e americanos. Ao meio-dia e meia, a srta. Kirby. Ela vem de Worthing.

Poirot perguntou:

– Havia aqui, quando cheguei, um militar. Quem poderia ser ele?

– Um dos pacientes do sr. Reilly, imagino. Vou lá pegar a agenda dele.

– Obrigado, srta. Nevill.

Ela ficou ausente apenas alguns minutos. Retornou com uma agenda semelhante à do sr. Morley.

Ela leu em voz alta:

– Às dez horas, Betty Heath, uma menina de nove anos. Às onze horas, o coronel Abercrombie.

– Abercrombie! – disse Poirot. – *C’était ça*!

– Às onze e meia, o sr. Howard Raikes. Ao meio-dia, o sr. Barnes. Esses são todos os pacientes da manhã. O sr. Reilly não tem tantos

pacientes quanto o sr. Morley, é claro.

– A senhorita pode nos dizer alguma coisa a respeito de algum desses pacientes do sr. Reilly?

– O coronel Abercrombie é um paciente de longa data, e todos os filhos da sra. Heath são atendidos pelo sr. Reilly. Não posso dizer-lhes nada a respeito do sr. Raikes ou do sr. Barnes, mas acho que já ouvi o nome deles. Sou eu que recebo todas as ligações.

Japp disse:

– Podemos perguntar diretamente ao sr. Reilly. Gostaria de falar com ele o quanto antes.

A srta. Nevill saiu. Japp disse a Poirot:

– São todos antigos pacientes do sr. Morley, exceto Amberiotis. Gostaria de ter uma conversinha com ele. Pelo que sabemos, ele teria sido a última pessoa a ver o sr. Morley vivo, e precisamos ter certeza de que Morley estava de fato vivo.

Poirot disse vagarosamente, sacudindo a cabeça:

– Você ainda tem de descobrir o motivo.

– Eu sei. Essa vai ser a pedra no nosso sapato. Mas é possível que a Scotland Yard saiba alguma coisa sobre Amberiotis.

Japp acrescentou com rispidez:

– Você se antecipa a tudo!

– Estava pensando a respeito de uma coisa...

– E o que é?

Poirot disse, esboçando um sorriso:

– Por que o inspetor Japp?

– Hum?

– Eu disse: por que o inspetor Japp? Um oficial da sua categoria não é chamado para cuidar de um suicídio como esse.

– Para falar a verdade, eu andava aqui por perto quando tudo ocorreu. Eu estava num estabelecimento na Wigmore Street investigando um engenhoso sistema de fraudes que montaram por lá. Eles me telefonaram para que eu viesse aqui.

– Mas por que foi que telefonaram a você?

– Bem, é bastante simples. Alistair Blunt. O inspetor do distrito ligou para a Scotland Yard logo que soube que Blunt tinha estado aqui essa manhã. O sr. Blunt é o tipo de pessoa de quem tomamos conta neste país.

– Você quer dizer que existem pessoas que o querem fora de circulação?

– Pode apostar que sim. Para começar, os comunistas e também os nossos amigos fascistas italianos. O grupo de Blunt está dando um apoio substancial ao governo. Trata-se da velha política financeira conservadora. Essa é a razão pela qual eles querem uma investigação minuciosa. Pode ter se tratado de uma gracinha contra o sr. Blunt.

Poirot assentiu.

– Isso é mais ou menos o que eu estava pensando. E tenho a impressão – disse ele, fazendo um gesto expressivo com a mão – que alguma coisa não saiu como se esperava. A vítima deveria ter sido, só poderia ser, Alistair Blunt. Seria esse apenas o início de algum tipo de campanha? Alguma coisa me diz que há muito dinheiro envolvido nesse negócio!

Japp disse:

– Você está pressupondo uma série de coisas...

– Estou sugerindo que *ce pauvre* Morley não passou de um joguete. Ele devia saber de alguma coisa que talvez tivesse contado a Blunt. Ou talvez temessem que ele fosse contar...

Poirot calou-se, pois Gladys entrava na sala.

– O sr. Reilly está ocupado fazendo uma extração – disse ela. – Mas ele vai estar disponível daqui a uns dez minutos, pode ser?

Japp disse que sim. Enquanto isso, ele conversaria novamente com o atendente Alfred.

V

Alfred oscilava entre nervosismo, alegria e um medo mórbido de ser considerado culpado por tudo o que ocorrera! Fazia apenas duas semanas que ele estava trabalhando para o sr. Morley. Durante todos aqueles dias, ele não deixara uma única vez de executar de forma invariavelmente incorreta as ordens que lhe davam. Um sentimento contínuo de vergonha tinha acabado com a sua segurança.

– Ele estava um pouquinho mais desagradável do que de costume, eu acho – disse Alfred respondendo a uma pergunta. – Não me lembro de mais nada. Eu jamais poderia imaginar que ele... poria um fim à própria vida!

Poirot o interrompeu:

– Você tem de nos contar tudo aquilo que lembra sobre a manhã de hoje. Você é uma testemunha importante e tudo o que lembrar pode ser imensamente útil.

A face de Alfred tingiu-se de vermelho rubro. Seu peito inflou. Ele já tinha fornecido a Japp um breve relato sobre os acontecimentos da manhã, mas agora ele se estenderia. Uma sensação de satisfação com a própria importância foi tomando conta dele.

– Sim, estou completamente às ordens. Posso contar-lhes tudo.

– Para começar, alguma coisa fora do comum aconteceu essa manhã?

Alfred refletiu por um minuto e então disse, mais desanimado do que contente:

– Que tenha mesmo acontecido, isso eu não posso dizer... Parecia tudo igual.

– Alguma pessoa estranha apareceu no consultório?

– Não, senhor.

– Nem entre os pacientes?

– O senhor se referia aos pacientes? Todos os que vieram tinham hora marcada, se é isso que o senhor quer saber. Estão todos na agenda.

Japp fez que sim. Poirot perguntou:

– É possível que algum desconhecido tenha entrado na casa?

– Não, um desconhecido não conseguiria. É preciso ter a chave, o senhor compreende?

– Mas seria fácil deixar a casa?

– Ah, isso sim! É só girar a maçaneta, sair e empurrar a porta. Como a maioria deles faz, aliás. É o que eu estava para dizer... Eles quase sempre descem pela escada enquanto eu levo, pelo elevador, o próximo a ser atendido. É assim que ocorre.

– Entendo. Mas agora me diga quem foram os pacientes de hoje, começando pelo primeiro e na ordem em que apareceram. Se não se lembrar dos nomes, pode descrevê-los.

Alfred refletiu por um minuto. Então disse:

– Uma senhora com uma mocinha, pacientes do sr. Reilly. Uma tal de srta. Soap, ou outro nome parecido, pacientes do sr. Morley...

– Muito bem, pode continuar – disse Poirot.

– Então uma outra mulher de idade. Parecia uma madame... veio num Daimler! Quando ela saiu, um camarada militar apareceu e, logo depois dele, foi a vez do senhor – disse ele, sinalizando com a cabeça na direção de Poirot.

– Certo.

– E então o americano apareceu...

Japp interrompeu:

– Americano?

– Sim, senhor. Um jovem. Ele era americano sim, dava para notar pela voz. Veio cedo... Sua consulta era apenas às onze e meia e além do mais ele nem esperou.

Japp perguntou, irritado:

– O que é que você está dizendo?

– Eu vim buscá-lo quando soou a campainha do sr. Reilly para o paciente das onze e meia, talvez um pouco depois... Na verdade, é possível que já fossem 11h40. Ele não estava mais lá. Deve ter se irritado e ido embora.

Alfred fez então uma cara de autoridade máxima no assunto e acrescentou:

– Isso é uma coisa que às vezes acontece.

Poirot disse:

– Ele deve ter saído logo depois de mim?

– Isso mesmo. A consulta do senhor terminou, e eu subi com um grã-fino que chegou aqui num carro bacana, um Rolls Royce. Era o sr. Blunt, paciente das onze e meia. Depois eu desci e acompanhei o senhor até a porta, e uma mulher chegou. A srta. não sei o quê Berry Seal, ou coisa parecida, e então... Bem, para falar a verdade, dei uma descidinha rápida até a cozinha para pegar meu lanchinho das onze. Eu estava lá embaixo quando tocou a campainha do sr. Reilly, mas em seguida subi e, como disse, o americano tinha dado no pé. O sr. Reilly ficou nervoso, como sempre acontece com ele.

Poirot pediu que ele continuasse.

– Hum... O que aconteceu depois? Ah, sim! O sr. Morley tocou a campainha para chamar a srta. Seal, e o grã-fino desceu e foi embora enquanto eu subia com essa dona pelo elevador. Em seguida desci mais uma vez e chegaram dois homens. Um baixinho com uma voz esganiçada, não consigo lembrar o nome dele. Era paciente do sr. Reilly. O outro, um gordo estrangeiro, era paciente do sr. Morley. A consulta da srta. Seal não durou muito tempo. Pouco mais de quinze minutos. Eu a acompanhei até a porta e daí subi com o estrangeiro. Eu já tinha levado o outro camarada, logo que ele chegou, ao consultório do sr. Reilly.

– E você não viu o sr. Amberiotis, o estrangeiro, sair do consultório?

– Não, senhor. Não posso dizer que tenha visto. Deve ter ido com as próprias pernas... O outro eu também não vi sair.

– Onde é que você estava do meio-dia em diante?

– Fico sempre sentado no banquinho do elevador, esperando que a campainha da porta ou as dos consultórios soem.

Poirot disse:

– E você lia um bom livro, não é mesmo?

Alfred corou novamente.

– Não há nada de errado nisso, senhor. Era a única coisa que eu podia fazer.

– Certo que sim. E que livro você lia?

– *Morte às onze e quarenta e cinco*. É uma história de detetive americana. Espetacular, o senhor tem de ler! Conta tudo sobre pistoleiros...

Poirot esboçou um sorriso amarelo. Ele disse:

– Dali do elevador, você escutaria a porta da frente se fechar?

– O senhor quer dizer se alguém saísse? Talvez eu escutasse. Mas não sei muito bem. Quero dizer, o elevador fica bem no fundo do corredor, o senhor entende? As campainhas soam ali do lado. Elas eu não deixaria de ouvir.

Poirot concordou, e Japp fez a pergunta:

– O que aconteceu depois?

Alfred franziu o cenho, num esforço supremo para recordar.

– Só não falei da srta. Shirty. Esperei que o sr. Morley tocasse a campainha, mas nada aconteceu. À uma hora, essa mulher, que estava esperando, ficou indignada...

– Você não pensou em subir para ver o que estava ocorrendo?

Alfred balançou negativamente a cabeça, consternado.

– Eu não! Nem pensaria em fazer isso. O último paciente ainda devia estar lá. Eu tinha de esperar o sr. Morley tocar a campainha. Se eu soubesse que o senhor Morley tinha dado um fim à própria vida...

Alfred continuava a balançar a cabeça, como que hipnotizado.

Poirot perguntou:

– A campainha sempre toca depois do paciente descer ou às vezes toca antes?

– Depende. Normalmente, o paciente descia pelas escadas e logo em seguida a campainha tocava. Se eles chamavam o elevador, a campainha, na maioria das vezes, tocava quando eu descia com eles. Mas não era sempre assim. Às vezes o sr. Morley tocava um pouco antes ou um pouco depois. Se ele estivesse atrasado, tocaria a campainha logo que o paciente saísse do consultório.

– Entendo – disse Poirot. Depois de uma pausa, continuou:

– O suicídio do sr. Morley foi uma surpresa para você, Alfred?

– Caí do cavalo! Por que ele tinha de fazer uma coisa dessas? Até onde eu sei... Oh! – os olhos de Alfred se esbugalharam. – Não foi um assassinato, foi?

Poirot disse rápido, se antecipando a qualquer comentário de Japp:

– Supondo que tenha sido um assassinato, você ficaria menos surpreso?

– Bem, quanto a isso... estou certo de que não sei. Quem é que iria querer matar o sr. Morley? Ele era um cavalheiro decente, que não tinha nada de estranho. Ele foi mesmo assassinado?

Poirot disse, solene:

– É preciso considerar todas as hipóteses. Foi por isso que eu disse que você seria uma testemunha muito importante e que você deveria tentar se lembrar de tudo o que aconteceu essa manhã.

Poirot acentuou cada palavra, e Alfred franziu ainda mais o cenho, num esforço prodigioso de concentração.

– Não consigo me lembrar de mais nada, senhor! Não consigo mesmo.

A voz de Alfred estava embargada.

– Muito bem, Alfred. E você tem certeza de que somente pacientes vieram aqui hoje pela manhã?

– Não veio ninguém estranho. Aquele namorado da srta. Nevill apareceu e ficou surpreso por não encontrá-la.

Japp disse, nervoso:

– Quando foi isso?

– Foi um pouco depois do meio-dia. Quando eu disse a ele que a srta. Nevill não tinha vindo trabalhar, ele não acreditou. Disse que ia esperar para falar com o sr. Morley. Eu disse a ele que o sr. Morley estava ocupado até a hora do almoço, mas ele respondeu que não se importava, que ele ia ficar esperando...

Poirot perguntou:

– E ele ficou esperando?

Alfred fez uma expressão de espanto, então disse:

– Ah! Eu tinha me esquecido disso. Ele foi até a sala de espera, mas eu não o vi lá depois. Ele deve ter se cansado de esperar e resolvido voltar numa outra hora.

VI

Assim que Alfred se retirou, Japp disse irritado:

– Você achou prudente falar de assassinato com esse garoto?

Poirot deu de ombros.

– Achei que não haveria problema. Qualquer sugestão a respeito do que ele possa ter visto ou ouvido vai estimular-lhe a memória, e ele também ficará atento a tudo que acontecer por aqui.

– Pode ser, mas não queremos que essa história se espalhe tão cedo.

– *Mon cher*, isso não vai acontecer. Alfred é um leitor de histórias de detetive. Ele é fascinado por crimes. Se ele deixar escapar alguma coisa, vão pensar que é fruto da sua imaginação mórbida.

– Bem, talvez você esteja com a razão. O que precisamos fazer agora é ouvir Reilly.

O consultório do sr. Reilly ficava no primeiro andar. Era tão espaçoso como o de cima, mas menos iluminado e mais modesto.

O sócio do sr. Morley era um jovem alto, moreno. Um tufo de cabelos caia desordenado sobre a testa. A voz era bonita, e o olhar, penetrante.

– Esperamos que o senhor possa nos trazer algum esclarecimento sobre o ocorrido – disse Japp depois das apresentações.

– Infelizmente, não – ele respondeu. – Eu não imaginava de forma alguma que alguém como Henry Morley pudesse se matar. Eu poderia ter feito algo assim, mas ele não.

– E por que essa seria uma possibilidade para o senhor? – perguntou Poirot.

– Porque estou afundado em problemas – ele respondeu. – Problemas financeiros, para começar! Gasto sempre mais do que ganho. Mas Morley era um homem prudente. Vocês não vão descobrir nenhuma dívida, nenhum problema financeiro, estou certo disso.

– Talvez o envolvimento com alguma mulher?

– Estamos falando da mesma pessoa? Ele não tinha esse tipo de envolvimento! Vivia sob a tutela da irmã.

Japp pediu a Reilly que desse detalhes sobre os pacientes atendidos naquela manhã.

– Não há nada de especial que possa ser dito a respeito deles. A pequena Betty Heath, uma criança das mais calmas. Tenho atendido a família toda. O coronel Abercrombie é também um paciente antigo.

– E quanto ao sr. Howard Raikes? – perguntou Japp.

Reilly arreganhou os dentes.

– O paciente que me deixou esperando sem aparecer? Nunca esteve aqui antes. Não sei nada a respeito dele. Ligou para marcar uma consulta para a manhã de hoje.

– De onde foi que ele ligou?

– Do Holborn Palace Hotel. Imagino que seja americano.

– Foi o que Alfred nos disse.

– Alfred deve saber – disse o sr. Reilly. – Nosso Alfred é fanático por cinema...

– E o outro paciente?

– Barnes? Um homenzinho engraçado e muito atento. É funcionário público aposentado. Mora para os lados de Ealing.

Japp fez uma pausa e perguntou:

– O que é que o senhor pode nos contar a respeito da srta. Nevill?

O sr. Reilly alçou as sobrancelhas.

– A bela secretária loira? Não há nada aí, meu velho! A relação dela com o sr. Morley era das mais honestas, estou certo disso.

– Eu não sugeri que não fosse – disse Japp, corando.

– O erro foi meu – disse Reilly. – Estava sendo malicioso, me desculpe. Pensei tratar-se de uma tentativa sua de *cherchez la femme*. Acredito que meu sotaque não seja dos piores – acrescentou ele, dirigindo-se a Poirot num parênteses. – É a vantagem de ter sido educado num colégio de freiras.

Japp não gostou da gracinha. Ele perguntou:

– O senhor tem algo a nos dizer a respeito do jovem de quem ela é noiva? O nome dele é Carter, segundo fomos informados. Frank Carter.

– Morley não gostava muito dele – disse Reilly. – Ele tentou fazer com que la *Nevill* rompesse o noivado.

– É possível que Carter tenha se ofendido com isso?

– É provável que ele tenha se ofendido bastante – disse o sr. Reilly, espirituoso. Ele fez uma pausa, depois acrescentou:

– Desculpe-me. O que estão investigando é um assassinato ou suicídio?

Japp disse, irritado:

– Tratando-se de um assassinato, o senhor teria algo a nos dizer?

– Eu não! Gostaria que fosse Georgina! Uma dessas mulheres sinistras, que jamais fazem nada de errado. Mas lamento, Georgina é um exemplo de moderação. Claro que seria fácil dar uma subidinha rápida e atirar no velho Morley eu mesmo, mas não fiz isso. Na verdade, não consigo pensar em ninguém que tivesse interesse em matar Morley. Mas tampouco posso entender o fato dele ter se matado.

Em seguida acrescentou, em outro tom de voz:

– Fiquei muito triste com o ocorrido... Não me entenda mal. Estou agindo assim por nervosismo. Eu gostava do velho Morley e vou sentir a falta dele.

VII

Japp desligou o telefone. Virou-se para Poirot com uma expressão carregada no rosto e disse:

– O sr. Amberiotis não está se sentindo bem. Diz não ter condições de falar com ninguém essa tarde. Mas comigo ele vai ter de falar... Não vai me passar a perna! Tenho um detetive no Savoy pronto para segui-lo caso ele pense em desaparecer.

Poirot refletiu por um tempo, depois perguntou:

– Você está pensando que Amberiotis atirou em Morley?

– Não sei. Mas ele foi a última pessoa que viu Morley vivo. E não era um paciente conhecido. Ele afirma ter saído do consultório às 12h25, tendo então se despedido de Morley, que parecia estar bem. Isso pode ou não ser verdade. Se Morley estava mesmo bem, teremos de descobrir o que aconteceu depois. Faltavam cinco minutos para a próxima consulta. Alguém teria ido encontrá-lo durante esses cinco minutos? Carter? Reilly? O que teria acontecido? Dependendo do caso, às 12h30 ou às 12h35, Morley estava morto. Caso contrário, ele teria feito soar a campainha ou mandado dizer à srta. Kirby que não poderia atendê-la. Ou ele foi assassinado ou contaram-lhe alguma coisa que afetou profundamente o seu estado de espírito, e em decorrência disso ele se matou.

Japp fez uma pausa.

– Quero conversar com cada um dos pacientes que ele atendeu essa manhã. Existe sempre a possibilidade de ele ter dito algo que nos coloque na pista certa.

Japp deu uma olhada no relógio.

– O sr. Alistair Blunt disse que poderia me conceder alguns minutos às quatro e quinze. Vamos até ele primeiro. A casa dele é em Chelsea Embankment. Podemos falar com a srta. Sainsbury Seale quando formos nos encontrar com Amberiotis. Eu gostaria de obter o máximo de informações antes de lidar com o nosso amigo grego. Depois disso, gostaria de trocar uma ou duas palavras com o americano que, conforme você disse, “parecia um assassino”.

Hercule Poirot retrucou:

– O que ele tinha era dor de dentes.

– Não importa. Vamos falar com esse tal de sr. Raikes. O comportamento dele foi no mínimo estranho. E vamos ter de checar essa

história do telegrama da srta. Nevill, falar com a tia e o namorado dela. Na verdade, teremos de investigar todos os indícios que tivermos.

VIII

Alistair Blunt nunca tinha chamado muita atenção. Possivelmente porque era um homem reservado que levava uma vida discreta. Talvez porque, por muitos anos, tivesse desempenhado o papel de príncipe consorte, e não de rei.

Rebecca Sanseverato, *née* Arnholt, viera a Londres como uma mulher desiludida de 45 anos. Era descendente de famílias opulentas, por ambos os lados. A mãe era herdeira da família europeia Rotherstein. O pai era o diretor do grupo bancário americano Arnholt. Rebecca Arnholt, por causa da morte dos dois irmãos e de um primo num trágico acidente aéreo, era a herdeira única de uma imensa fortuna. Ela casara com um aristocrata europeu chamado Príncipe Felipe di Sanseverato. Três anos depois, ela obtinha o divórcio e a custódia do filho do casal, depois de ter padecido por dois anos nas mãos de um canalha da mais alta estirpe cujas safadezas eram notórias. Alguns anos depois, o filho morreria.

Amargurada, Rebecca Arnholt resolveu dedicar-se inteiramente aos negócios. Apostando no talento que corria no seu sangue, tornou-se sócia de seu pai.

Depois da morte dele, dona de uma imensa fortuna, ela continuou a ser uma figura influente no mundo das finanças. Vindo a Londres para uma visita de negócios, recebeu, no Claridge Hotel, um enviado do grupo inglês, que deveria ajudá-la com vários documentos. Seis meses depois, o mundo era sacudido com a notícia de que Rebecca Sanseverato estava se casando com Alistair Blunt, um homem quase vinte anos mais jovem do que ela.

Fizeram-se as piadinhas usuais. Os amigos diziam: não havia jeito, quando se apaixonava por um homem, Rebecca perdia a cabeça. Primeiro Sanseverato, agora esse jovem. É claro que ele só estava casando com ela por causa do dinheiro. Ela se encaminhava para um segundo desastre! Mas, para a surpresa de todos, o casamento foi um sucesso. Aqueles que

tinham previsto que Alistair Blunt gastaria o dinheiro dela com outras mulheres estavam enganados. Ele permaneceu fiel e devotado a ela. Mesmo com a morte dela dez anos depois, quando, herdeiro da vasta fortuna, estaria livre para fazer o que quisesse, não casou de novo. Continuou com a mesma vida simples e discreta. O talento que ele tinha para os negócios não era menor que o da mulher. Tomava decisões acertadas e fazia transações sólidas. Sua integridade estava acima de qualquer suspeita. Por uma questão de pura habilidade, liderava os grupos Arnholt e Rotherstein, sendo o principal representante deles.

Ele pouco frequentava a sociedade, tendo uma casa em Kent e outra em Norfolk, onde passava os finais de semana. Lá não dava festas, mas gozava da companhia de alguns poucos amigos discretos e fora de moda. Gostava de golfe e jogava razoavelmente bem. Dedicava-se a cuidar do jardim da casa.

Era esse o homem na direção de quem o inspetor Japp e Hercule Poirot iam sacolejando dentro do táxi velho.

A mansão de estilo gótico era um endereço conhecido em Chelsea Embankment. O interior era suntuoso em sua cara simplicidade. Não era muito moderno, mas extremamente confortável.

Alistair Blunt não os deixou esperando. Foi até eles assim que chegaram.

– Inspetor Japp?

Japp deu um passo à frente e depois introduziu Hercule Poirot. Blunt olhou para ele atentamente.

– Conheço-o de nome, é claro, sr. Poirot. E certamente... em algum lugar... não faz muito... – ele se interrompeu, franzindo o cenho.

Poirot disse:

– Foi essa manhã mesmo, monsieur, na sala de espera desse *pauvre* sr. Morley.

O rosto de Alistair Blunt iluminou-se. Ele disse:

– Mas claro! Eu sabia que o tinha visto em algum lugar. – Ele voltou-se para Japp. – O que é que posso fazer pelos senhores? Fiquei com muita pena quando soube do ocorrido.

– O senhor ficou surpreso?

– Muito. Eu o conhecia apenas superficialmente, é claro, mas jamais poderia imaginar que ele fosse se suicidar.

– Ele parecia bem de saúde e estava de bom-humor essa manhã?

– Foi o que achei, sim! – Alistair Blunt fez uma pausa. – Para falar a verdade, tenho um medo terrível de ir ao dentista – confessou ele, com um sorriso maroto. – Não suporto aquele motor horroroso e a broca. Esse é o motivo pelo qual não prestei atenção em quase nada. A não ser quando a coisa tinha acabado e me levantei para ir embora. Mas devo dizer que Morley me pareceu perfeitamente normal. Alegre e envolvido com o trabalho.

– Faz tempo que o senhor consulta com ele?

– Acho que essa foi a terceira ou quarta vez que estive lá. Quase nunca tive problema com meus dentes até o ano passado. Acho que deve ser a idade.

Hercule Poirot perguntou:

– Quem foi que lhe recomendou o sr. Morley?

Blunt franziu o cenho num esforço para se concentrar.

– Deixe-me pensar... Senti uma pontada num dente, e alguém me disse que o homem certo para consultar era o sr. Morley da Queen Charlotte Street. Mas não consigo lembrar de jeito nenhum quem foi. Me desculpe.

Poirot disse:

– Se vier a lembrar mais tarde, poderia fazer o favor de nos informar?

Alistair Blunt olhou para ele, curioso, e disse:

– Prometo fazer isso, é claro. Mas por quê? É um detalhe importante?

– Tenho a impressão que sim – disse Poirot.

Os dois detetives estavam descendo a escadaria da casa quando um carro estacionou em frente. Era um carro esporte, daqueles de que só se consegue desentalar debaixo do volante depois de muita ginástica.

Da jovem que dele tentava sair enxergavam-se apenas os braços e pernas. Quando ela finalmente conseguiu se desprender, os dois já caminhavam na direção do portão.

A moça ficou olhando para eles durante um certo tempo, até que gritou:

– Ei! Olá!

Como não perceberam que era a eles que chamava, não se viraram, e a moça continuou:

– Ei! Vocês aí!

Eles pararam e olharam ao redor, desconfiados. A moça caminhou até eles. Braços e pernas continuavam sendo o que mais se via. Era uma moça alta, magra. A inteligência e vivacidade do rosto compensavam a falta de beleza natural. Ela tinha os cabelos escuros e uma pele bastante bronzeada.

– Eu sei quem é o senhor: o detetive Hercule Poirot! – disse ela com um sotaque americano, num tom de voz caloroso e envolvente.

Poirot respondeu:

– Às suas ordens, mademoiselle.

Os olhos dela se dirigiram a Japp.

Poirot disse:

– Este é o inspetor Japp.

Os olhos dela se arregalaram. Parecia ter ficado alarmada. Então disse, com a voz levemente embargada:

– Mas o que fazem aqui? Aconteceu alguma coisa com o tio Alistair?

Poirot perguntou rapidamente:

– O que a faz pensar assim, mademoiselle?

– Não aconteceu nada? Ainda bem.

Japp retomou a pergunta de Poirot:

– O que é que a faz pensar que algo poderia ter ocorrido com o sr. Blunt, srta...?

– Olivera. Jane Olivera – disse ela, e soltou uma risadinha forçada. – Onde há fumaça há fogo, certo?

– Fico feliz em lhe informar que não há nada de errado com o sr. Blunt, srta. Olivera.

Ela olhou diretamente para Poirot.

– Ele chamou o senhor por algum motivo em especial?

Japp disse:

– Fomos nós que o procuramos, srta. Olivera, para ver se ele poderia nos ajudar a esclarecer um caso de suicídio que ocorreu essa manhã.

Ela disse, abruptamente:

– Suicídio? De quem? Onde?

– Um dentista chamado Morley, que atendia na Queen Charlotte Street, número 58.

– Como? – disse ela, sem entender. – Como? – repetiu ela, caindo em si e franzindo o cenho. – Que coisa mais absurda! – disse por fim e virou-

lhes as costas sem maiores explicações, avançando na direção da casa, em que entrou abrindo a porta com a chave.

– Bem – disse Japp, olhando espantado na direção da moça –, o que não faz sentido algum é o comportamento dela.

– Interessante... – observou Poirot, sem comentar mais nada.

Japp se refez do susto, deu uma olhada no relógio e chamou um táxi que estava passando.

– Temos tempo de falar com a srta. Sainsbury Seale antes de ir ao Savoy.

IX

A srta. Sainsbury Seale estava tomando chá no salão mal-iluminado do Glengowrie Court Hotel.

Inicialmente, ficou confusa com o fato do oficial de polícia estar vestido à paisana, mas o detalhe acabou tornando-o mais agradável a seus olhos. Poirot constatou com tristeza que ela ainda não tinha consertado a fivela do sapato.

– Eu realmente não sei, senhor inspetor – disse a srta. Sainsbury Seale numa voz suave e olhando ao redor –, onde é que poderíamos conversar com mais privacidade. É hora do chá. O senhor e o seu amigo não gostariam de uma xícara?

– Estou bem assim – disse Japp. – Esse é o sr. Hercule Poirot.

– Ah, é mesmo? – disse a srta. Sainsbury Seale. – Mas então... Tem certeza de que não gostariam de uma xícara de chá? Não? Bem, poderíamos ir até o salão principal, embora esteja sempre cheio. Ah, estou vendo aquele canto ali. As pessoas estão saindo. Vamos até lá?

Ela tomou a dianteira na direção de um nicho relativamente mais reservado em que estavam acomodadas duas cadeiras e um sofá. Poirot e Japp a seguiram, o primeiro juntando uma echarpe e depois um lenço que a srta. Sainsbury Seale deixara cair pelo caminho.

Ele os devolveu a ela.

– Ah, muito obrigada. Sou tão descuidada! Agora, por favor, inspetor... Inspetor-chefe, seria? Estou à sua inteira disposição. Uma

história muito desagradável essa. Pobre homem. Suponho que alguma coisa o atormentasse? Vivemos numa época tão conturbada!

– O sr. Morley lhe pareceu preocupado?

– Bem... – a srta. Sainsbury Seale refletiu por um instante. Finalmente disse, indecisa:

– Para falar a verdade, não posso afirmar que ele tenha me parecido preocupado! Mas talvez eu não tivesse prestado atenção, dadas as circunstâncias. Temo que eu não estivesse nenhum pouco à vontade, o senhor entende? – A srta. Sainsbury Seale deu uma risadinha constrangida, ajeitando de leve os cachos do penteado.

– Será que a senhorita poderia nos dizer se viu mais alguém na sala de espera enquanto esteve por lá?

– Deixe-me ver. Havia apenas um jovem quando eu cheguei. Acho que estava realmente sofrendo, porque ficava resmungando consigo mesmo e não parava quieto. Virava as páginas das revistas de qualquer jeito. E então, sem mais nem menos, ele se levantou e foi embora. Devia estar com uma dor de dentes insuportável.

– A senhorita não reparou se ele deixou a casa quando saiu da sala?

– Isso não sei. Imagino que ele tenha concluído que não podia mais esperar e precisava ver o dentista. Mas não creio que tenha ido ver o sr. Morley, porque o atendente veio me chamar e me levou até o consultório minutos depois.

– A senhorita voltou à sala de espera antes de ir embora?

– Não. Veja o senhor que eu já tinha ajeitado o meu cabelo e colocado o chapéu no consultório do sr. Morley. Algumas pessoas – disse a srta. Sainsbury Seale, fazendo um certo suspense – tiram o chapéu e deixam-no lá embaixo na sala de espera. Eu jamais faço isso. Uma coisa terrível aconteceu com uma amiga minha... Ela tinha comprado recentemente um chapéu que botou com todo o cuidado numa cadeira, e quando ela desceu de volta, o senhor não vai acreditar, uma criança tinha sentado em cima. Ficou todo achatado! Sem nenhuma arrumação!

– Que horror – disse Poirot, educadamente.

– A culpa é toda da mãe, é claro – disse a srta. Sainsbury Seale, indignada. – Deve ser daquelas que largam os filhos em qualquer lugar, sem dar a eles a menor atenção. Os outros que se cuidem.

Japp disse:

– Então esse jovem, que estava sofrendo de dor de dentes, foi o único outro paciente que a senhorita viu por lá?

– Um senhor desceu as escadas e saiu quando eu estava subindo ao consultório. Ah! Agora me lembro... Um estrangeiro estranhíssimo estava indo embora quando cheguei.

Japp deu uma tossidinha. Poirot disse, com certa altivez:

– Esse era eu, madame.

– Ah, claro! – A srta. Sainsbury Seale cravou os olhos nele. – É verdade. Me perdoe, está tão escuro aqui, não é mesmo? – e então seguiu divagando. – Sou míope, mas a verdade é que tenho uma memória fisionômica excelente. A luz aqui é muito fraca, vocês não acham? O senhor me desculpe.

Eles procuraram acalmá-la, e Japp perguntou:

– A senhorita tem certeza de que o sr. Morley não comentou nada a respeito, por exemplo, de alguma visita desagradável que ele teria de receber durante a manhã? Nada do gênero?

– De fato, não. Estou certa de que não disse nada nesse sentido.

– Ele não mencionou nenhum paciente de nome Amberiotis?

– Não, não. Ele não disse nada, exceto aquilo que os dentistas sempre têm de dizer.

Pela mente de Poirot passou rapidamente o filme: "Bocheche. Abra um pouco mais. Agora feche com cuidado".

Japp deu o próximo passo. Talvez fosse necessário que a srta. Sainsbury Seale prestasse depoimento no decorrer do inquérito.

Depois de um primeiro gritinho de surpresa, a srta. Sainsbury Seale pareceu até se acostumar com a ideia. Respondeu à pergunta seguinte de Japp contando-lhes toda a vida dela.

Tinha vindo da Índia à Inglaterra há, parece, seis meses. Passara por vários hotéis e pensões até que enfim encontrara o Glengowrie Court, do qual ela realmente tinha gostado por causa da atmosfera familiar. Na Índia ela vivera a maior parte do tempo em Calcutá, onde trabalhara junto à embaixada e dera também aulas de dicção.

– A fim de que pudessem falar um inglês puro e com pronúncia clara. Algo de fundamental importância. O senhor veja – a srta. Sainsbury Seale soltou um risinho afetado e em seguida se conteve, séria –, quando jovem estive nos palcos. Papéis menores, entenda bem. Com uma companhia do

interior. Mas eu era muito ambiciosa. Nosso repertório incluía Shakespeare e Bernard Shaw. Chegamos a fazer uma turnê internacional – ela suspirou. – O problema de nós mulheres está no coração. Ficamos à mercê do coração. Um casamento feito às pressas. Ai de mim! Partimos logo em seguida. Mas fui enganada. Voltei a usar meu nome de solteira. Consegui um dinheiro com um amigo e dei início à escola de dicção. Ajudei a fundar uma sociedade de teatro amadora, mas muito boa. Vou mostrar-lhes alguns dos nossos anúncios.

O inspetor Japp deu-se conta do quão longe iria aquilo tudo e levantou-se de súbito, puxando consigo Poirot. A srta. Sainsbury Seale ainda teve tempo de dizer umas últimas palavras:

– No caso de precisarem, por qualquer motivo, colocar meu nome nos jornais – quero dizer, como testemunha de investigação – prestem bem atenção para escrevê-lo corretamente. Mabelle Sainsbury Seale. Mabelle se escreve M.A.B.E.L.L.E e Seale, S.E.A.L.E. E é claro... podem mencionar que apareci na encenação de *Como Gostais*, do Oxford Repertory Theatre...

– Claro, claro... – disse o inspetor Japp e saiu correndo.

No táxi, enxugou a testa e suspirou.

– Espero não ser necessário investigá-la. A não ser que seja tudo mentira, mas não acredito.

Poirot concordou, e disse:

– Mentirosos dificilmente são tão detalhistas e muito menos tão inconsequentes.

Japp continuou:

– Fiquei com medo de que ela começasse a perguntar coisas sobre a investigação. A maioria dessas solteironas faz isso. O fato de ter sido atriz explica bem a exaltação dela. Está sentindo falta de um holofote!

– Mas você realmente quer que ela deponha?

– Acho que não. Depende. – Ele fez uma pausa e então disse:

– Estou mais do que convencido, Poirot. *Não foi um suicídio*.

– Mas qual teria sido o motivo?

– No momento não temos como saber. Digamos que Morley tenha seduzido a filha de Amberiotis...

Poirot permaneceu em silêncio. Tentou imaginar o sr. Morley no papel do sedutor de uma jovem grega de olhos encantadores, mas não

conseguiu.

Ele lembrou Japp do que o sr. Reilly tinha dito, que o seu sócio não se envolvia com mulheres e vivia sob a tutela da irmã.

– Ah, bom! Mas sabe-se lá o que pode acontecer, por exemplo, num cruzeiro. Acho que vamos entender melhor a situação depois de falarmos com esse grego.

Eles pagaram o táxi e entraram no Savoy.

Japp perguntou pelo sr. Amberiotis.

O recepcionista olhou para eles espantado.

– O sr. Amberiotis? Me desculpe, cavalheiro, mas acho que não vai ser possível falar com ele.

– Ah, vai sim, meu rapaz – disse Japp, ameaçador, puxando-o para perto de si e mostrando a ele a carteira de polícia.

O recepcionista disse:

– O senhor não está entendendo. Amberiotis morreu há cerca de uma hora.

Para Poirot, foi como se uma porta tivesse se fechado delicada, mas irremediavelmente.

Cinco, seis, junte os gravetos

I

Vinte e quatro horas depois, Japp ligou para Poirot. Seu tom de voz era sombrio.

– Um fiasco! A coisa toda um fiasco!

– O que é que você quer dizer, meu caro?

– Morley se suicidou realmente. Descobrimos o motivo.

– E qual foi?

– Acabo de receber o laudo do médico-legista quanto à morte de Amberiotis. Não vou entrar em termos técnicos com você, mas usando uma linguagem clara, ele morreu de uma overdose de adrenalina e novocaína. Agiu diretamente no coração, até onde entendo, e ele teve um colapso. Ontem à tarde, quando o desgraçado alegou estar passando mal, ele falava a verdade. São produtos que os dentistas injetam na gengiva como anestésico local. Morley se equivocou na dose e se deu conta do erro depois de Amberiotis ter saído do consultório. Ficou apavorado com o que tinha feito e matou-se.

– Com uma pistola que nunca ninguém tinha visto? – objetou Poirot.

– Os amigos não sabem tudo sobre nós. As pessoas escondem coisas que ninguém imagina. Ele poderia muito bem ter a pistola!

– Sim, isso é verdade.

Japp disse:

– Bem, é uma explicação perfeitamente lógica para o que ocorreu.

Poirot disse:

– Meu caro, tenho de confessar que não fiquei completamente convencido. Sabe-se que de fato muitos pacientes podem reagir mal a esses anestésicos locais. Reações alérgicas à adrenalina são conhecidas. Quando empregada em conjunto com a procaína, mesmo pequenas doses

podem ser tóxicas. Mas não é comum que um médico ou dentista, depois de usar a droga, fique consternado a ponto de se matar!

– Sim, mas você está falando de casos em que o anestésico foi utilizado normalmente. Nesses casos, a culpa não é do cirurgião em questão. A morte foi causada por uma reação específica do paciente. Mas no caso em questão, fica claro que houve uma overdose. Eles ainda não determinaram a quantidade exata do anestésico, para isso é preciso semanas, mas com certeza foi maior do que o normal. Isso quer dizer que Morley se enganou.

– Mesmo assim – disse Poirot –, o que ocorreu foi um engano. A coisa não seria tratada como um crime.

– Não, mas não seria nada bom para a carreira dele. Na verdade, significaria nada menos que a ruína. Ninguém vai consultar um dentista que é capaz de injetar doses letais de veneno nos pacientes quando se distrai.

– É uma coisa estranha, admito.

– E esse tipo de coisa acontece com doutores, farmacêuticos... São cuidadosos e confiáveis durante anos, mas então basta um instante de desatenção e o dano está feito, não há como voltar atrás. Morley era um homem sensível. No caso de um médico, é sempre possível pôr a culpa no farmacêutico, na pessoa que fez a entrega do remédio ou pelo menos dividir a culpa com eles. Nesse caso, Morley era o único responsável.

Poirot permaneceu cético.

– Não teria ele deixado uma mensagem tentando se explicar? Dizendo que não poderia enfrentar as consequências do equívoco? Alguma coisa do gênero, nem que fosse apenas para a irmã?

– Não. Da forma como entendo, foi de repente que ele percebeu o que tinha feito. Ficou simplesmente apavorado e despachou-se pela saída mais rápida.

Poirot ficou em silêncio.

Japp disse:

– Admita, meu velho. Depois de se envolver num caso de suposto assassinato, você não desistiria tão fácil! Confesso que fui o responsável por colocá-lo nesse caminho dessa vez. Bem, eu me enganei. Admito!

Poirot disse:

– Eu ainda tenho a impressão de que a explicação possa ser outra.

– Há várias hipóteses possíveis, ouso dizer. Tenho pensado sobre elas, mas são todas fantásticas demais. Digamos que Amberiotis tenha atirado em Morley, depois sentido remorso ao voltar para o hotel e então cometido suicídio usando uma droga que tivesse apanhado no próprio consultório. Se você pensa que essa é uma hipótese plausível, eu penso que não.

– Temos um relatório sobre Amberiotis aqui na Scotland Yard – continuou Japp. – É bem interessante. Ele começou como gerente de um hotelzinho na Grécia e então se envolveu com política. Fez serviços de espionagem na Alemanha e na França, ganhando quantias consideráveis. Mas queria enriquecer ainda mais rápido, e acredita-se que tenha recorrido à chantagem. Um sujeito inescrupuloso. Andou pela Índia no ano passado e parece que extorquiu o que podia de um príncipe nativo. O mais difícil sempre tem sido provar alguma coisa contra ele. É muito escorregadio.

– Há ainda outra possibilidade. Ele poderia estar chantageando Morley a respeito de alguma coisa. Morley, tendo uma oportunidade ímpar, injeta nele uma overdose de adrenalina e novocaína, contando que o desfecho da história seja interpretado como um acidente, uma reação alérgica inesperada ou algo do gênero. Mas depois que o homem vai embora, Morley é tomado de remorso e se mata. Não! Estou bastante seguro de que tudo se passou da forma como eu tinha lhe dito antes. Foi mesmo um acidente numa manhã particularmente estafante de trabalho. Vamos ter de aceitar isso. Falei com o promotor e ele foi muito claro a respeito.

– Entendo – disse Poirot, com um suspiro. – Entendo...

Japp disse, na tentativa de reanimá-lo:

– Sei como se sente. Mas há casos que não tem mesmo a graça de um assassinato! O máximo que posso fazer é desculpar-me por tê-lo incomodado.

Ele desligou.

II

Hercule Poirot sentou-se na sua bela escrivaninha moderna. Ele gostava de móveis modernos. A elegância e simplicidade das linhas lhe

eram mais agradáveis do que os contornos sinuosos dos modelos mais antigos.

Na frente dele estava uma folha de papel com comentários e perguntas, organizados por subtítulos.

Primeiro:

Amberiotis. Espionagem. Por que motivo estaria na Inglaterra? Ano passado morou na Índia, num período politicamente tumultuado. Seria ele um agente comunista?

Havia um espaço em branco e depois o próximo subtítulo:

Howard Raikes?

Logo abaixo, aparecia a seguinte frase, entre aspas:

"Que coisa mais absurda!"???

A cabeça de Hercule Poirot estava inclinada numa posição interrogativa. Do lado de fora, um passarinho carregava um graveto para o ninho. Separados pela vidraça, era como se ambos estivessem se imitando, cada qual com a sua cabeça oval inclinada para lado.

Mais abaixo na lista, Poirot anotou o seguinte:

Sr. Barnes?

Ele fez uma pausa, depois escreveu:

Salinha do consultório de Morley. Marca no tapete. Possibilidades.

Por um tempo, ficou refletindo sobre o que tinha escrito.

Então se levantou, pegou o chapéu e a bengala e saiu.

III

Depois de 45 minutos, Poirot saía da estação de metrô em Ealing Broadway, e dali cinco minutos chegava ao seu destino, o número 88 da Castlegardens Road.

Era uma pequena casa geminada com um jardim muito bem cuidado, que impressionou Poirot.

– Admiravelmente simétrico – disse para si mesmo.

O sr. Barnes estava em casa e recebeu Poirot em uma pequena sala de jantar, muito limpa e bem organizada.

O sr. Barnes era um homem pequeno, de olhos cintilantes e quase completamente calvo. Ele espiou a visita por cima da lente dos óculos, enquanto revirava na mão esquerda o cartão que Poirot tinha entregado à empregada.

Ele disse numa voz contida, empertigada, quase de falsete:

– Pois bem, sr. Poirot. Para mim é certamente uma honra.

– Gostaria de me desculpar por vir procurá-lo dessa maneira – disse Poirot, educadamente.

– Não há problema algum – disse o sr. Barnes. – Além do mais, o senhor chegou na hora exata. Quinze para as sete, nessa época do ano, estamos todos em casa. Sente-se, sr. Poirot – disse ele indicando uma cadeira. – Estou certo de que temos algo a conversar. Queen Charlotte Street, número 58, suponho?

Poirot disse:

– O senhor acertou. Mas a que se deve o seu palpite?

– Meu caro amigo – disse o sr. Barnes –, já faz um tempo que, aposentado, não trabalho mais para o governo britânico. Mas não estou completamente enferrujado. Não é a polícia que eles usam quando querem tratar de casos mais delicados. A polícia chama muita atenção!

Poirot disse:

– E por que o senhor supõe tratar-se de um caso delicado?

– E não é? – perguntou. – Bem, se não é, na minha opinião deveria ser. – Ele se inclinou para frente e bateu com o pincenê no braço da cadeira. – No serviço secreto, estão sempre atrás dos peixes grandes, mas para chegar a eles é preciso não assustar os menores.

– Está me parecendo, sr. Barnes, que o senhor sabe mais coisas do que eu – disse Hercule Poirot.

– Não sei de nada. Estou apenas somando dois mais dois.

– E quem seriam esses dois?

– Amberiotis – disse ele prontamente. – O senhor se esquece de que me sentei à frente dele na sala de espera por um minuto ou dois. Ele não me conhecia. Nunca dão muita atenção a mim. Às vezes, isso é uma vantagem. Mas eu o conhecia muito bem, e não me enganava sobre as intenções dele.

– E quais eram elas?

Os olhos do sr. Barnes cintilaram ainda mais.

– Somos pessoas entediantes, nós ingleses. Somos conservadores. Muito conservadores. Estamos sempre resmungando, mas não estamos de fato dispostos a acabar com nosso governo democrático e nos lançar em projetos rocambolescos. É isso o que no final acaba por desesperar o agitador estrangeiro, por mais dedicado que ele seja à sua causa! Do ponto de vista deles, a dificuldade consiste em que, bem ou mal, conseguimos pagar nossas contas. Melhor do que os outros países da Europa. Para afetar a Inglaterra, afetá-la de verdade, você teria de fazer o diabo com nossas finanças! E é impossível fazer isso quando se tem alguém como Alistair Blunt à frente dos negócios.

O sr. Barnes fez uma pausa e então continuou:

– Blunt é o tipo de homem que, na vida privada, nunca deixaria de pagar uma conta e viveria sempre de acordo com o seu orçamento, não importa o quanto ganhasse. Ele é esse tipo de pessoa. E para ele, mesmo no caso de um país, não há porque as coisas andarem de outro jeito! Não há porque gastar dinheiro em experimentos mirabolantes. Nada de gastos exagerados com utopias imaginárias. Esse é o motivo pelo qual – o sr. Barnes fez uma pausa – certas pessoas estão convencidas de que Blunt deve ser eliminado.

– Ah... – disse Poirot.

O sr. Barnes assentiu com a cabeça.

– Sei bem do que estou falando. São tipos interessantes, muitos deles. Cabelos compridos, olhos penetrantes, idealistas. Outros não são tão admiráveis, são na verdade asquerosos. Barbudos com sotaque estrangeiro,

andam sempre se escondendo como ratos. Há também os que são brutais. Todos eles compraram a mesma ideia: Blunt precisa sumir!

Ele balançava imperceptivelmente a cadeira, para frente e para trás.

– Acabemos com a velha ordem! Com os membros do partido conservador, com os conservadores inflexíveis, com esses indivíduos suspeitos que só pensam nos negócios. Talvez eles estejam certos, eu não sei. O que eu sei é que se precisa de algo para colocar no lugar da velha ordem, algo que funcione e não apenas algo que pareça funcionar. Bem, não precisamos entrar em detalhes. Estamos lidando com fatos concretos e não com teorias abstratas. Um edifício sem estruturas firmes vem abaixo em pouco tempo. Blunt é uma das estruturas do Estado de Coisas Atual.

Ele se inclinou para frente.

– Eles estão lá fora à espreita de Blunt. Disso eu sei. E sou da opinião de que, ontem pela manhã, estiveram muito próximo de pegá-lo. Posso estar errado, mas já tentaram isso antes. O mesmo método, quero dizer.

Ele fez uma pausa e então, calmamente, sem alarde, mencionou três nomes. Um ministro da fazenda especialmente hábil, um industrial progressista e de visão larga, e um jovem político promissor que começava a chamar a atenção do público. O primeiro morrera numa mesa de operações, o segundo sucumbira a uma doença misteriosa, diagnosticada tarde demais, e o terceiro tinha morrido num atropelamento.

– É relativamente fácil – disse o sr. Barnes. – O anestesista deu uma dose um pouco mais forte do anestésico. Bem, isso é uma coisa que pode acontecer. No segundo caso, os sintomas não eram imediatamente visíveis. A maioria dos clínicos gerais não os reconheceria. No terceiro, uma mãe dirigia apressada para pegar o filho doente. Uma história triste, o júri acabou por absolvê-la.

Depois de um pequeno intervalo, ele continuou:

– Todos casos que acontecem. E são rapidamente esquecidos. Mas posso lhe contar onde é que agora estão cada uma dessas pessoas. O anestesista é chefe de um laboratório de pesquisa de primeira classe, para o qual não faltam recursos. O clínico geral se aposentou. Tem um iate e uma casinha das mais confortáveis à beira de um lago do Broads. A mãe pode oferecer a todos os seus filhos uma educação de primeira classe, pôneis para andar nos finais de semana, uma belíssima casa no campo com jardins e pastagens.

– Em qualquer profissão, em qualquer ramo de atividade, há sempre alguém pronto a se vender. O problema, no nosso caso, é que o sr. Morley não estava!

– O senhor acha que foi isso o que ocorreu? – perguntou Poirot.

– Sim. Não é fácil atingir uma pessoa importante. Elas são protegidas por todos os lados. Proezas automobilísticas são arriscadas e nem sempre funcionam. Mas, na cadeira de um dentista, estamos todos indefesos.

Ele tirou o pincenê, limpou-o com o lenço e colocou-o de volta. Então disse:

– Essa é a minha teoria! Morley se recusou a fazer o serviço. Ele sabia demais, entretanto, e por isso tiveram de pô-lo fora de circulação.

– Mas quem?

– Me refiro à organização por trás disso tudo. Para fazer o serviço, bastava uma única pessoa, é claro.

– Quem?

– Bem, tenho um palpite, mas é apenas um palpite e posso estar errado.

Poirot disse baixinho:

– Reilly?

– Mas é claro! Ele é o suspeito mais óbvio. Penso que não tenham sequer pedido a Morley para fazer o serviço. Bastava que ele encaminhasse Blunt ao seu sócio, no último minuto. Alegaria uma indisposição súbita ou algo do gênero. Era Reilly quem teria realmente de sujar as mãos. No final das contas, a coisa seria tomada como mais um desses acidentes lamentáveis. A morte de um famoso banqueiro. Um jovem e infeliz dentista se apresentando à corte num estado tal de abatimento e agitação que acabariam por tratá-lo com condescendência. Ele abandonaria a carreira de dentista e se recolheria para algum lugar no interior, com uma renda anual de milhares de libras.

Poirot se sentiu de repente atravessado pelo olhar do sr. Barnes, que falou:

– Não imagine que sou algum tipo de romancista. Coisas assim acontecem.

– Sim, sim. Eu sei que acontecem.

O sr. Barnes continuou, tamborilando num livro de encadernação vermelha que jazia na mesa ao alcance da mão:

– Leio vários desses volumes de espionagem. Muitos são fantasiosos, mas não mais fantásticos do que a vida real. Há belas aventureiras, homens sinistros com sotaque estrangeiro, grupos de bandidos, associações internacionais e crápulas da pior espécie! Me fazem corar, porque vejo neles impressas coisas que conheço. Se eu as contasse, ninguém acreditaria!

Poirot disse:

– Na sua teoria, onde é que entra Amberiotis?

– Não sei muito bem. Penso que o colocaram ali para servir de bode expiatório, caso algo desse errado. Ele tem feito jogo duplo mais de uma vez, e ouso dizer que lhe armaram uma cilada. É apenas uma hipótese.

Hercule Poirot disse calmamente:

– Caso as suas hipóteses estejam corretas, o que é que aconteceria agora?

O sr. Barnes coçou o nariz.

– Vão tentar pegá-lo de uma outra maneira. Ah, sim. Vão tentar uma outra vez. O tempo está correndo. Existem pessoas na cola de Blunt, é o que eu penso. Eles vão ter de ser ainda mais cuidadosos. Não vai ser alguém escondido numa moita com uma pistola. Não vai ser nada assim tão grosseiro. Eles vão procurar as pessoas respeitáveis, os parentes, os velhos empregados, o químico da farmácia de manipulação, o comerciante que lhe vende o vinho do porto. Tirar Alistair Blunt de circulação é uma façanha que vale milhões. As pessoas vão fazer maravilhas por isso. Uma pequena renda de milhares de libras ao ano! Talvez mais...

Poirot ficou por um tempo em silêncio, depois disse:

– Eu tinha mesmo desconfiado de Reilly desde o início.

– Por causa do IRA?

– Nem tanto, mas havia uma marca no carpete, como se o corpo tivesse sido arrastado. Se Morley tivesse sido morto por um paciente, o crime teria ocorrido no próprio consultório e não haveria necessidade de mover o corpo. Foi por isso que pensei, logo de início, que ele devia ter sido morto na salinha ao lado, no escritório. Isso significava que o crime não tinha sido cometido por um paciente, mas por alguém da casa.

– Muito perspicaz – disse o sr. Barnes.

Hercule Poirot levantou-se e estendeu a mão para despedir-se.

– Muito obrigado – disse. – O senhor me ajudou bastante.

IV

No caminho de volta para a casa, Poirot resolveu dar uma passada no Glengowrie Court Hotel.

Como resultado da visita, ligou para Japp no dia seguinte, bem cedo pela manhã.

– *Bonjour, mon ami*. O inquérito judicial é hoje, correto?

– Sim. Você vem assistir?

– Eu acho que não.

– Seria mesmo perda de tempo.

– A srta. Sainsbury Seale vai depor?

– A adorável Mabelle? Por que ela não usa Mabel pura e simplesmente? Não consigo entender esse tipo de mulher! Não, eu não a intimei. Não há necessidade.

– Você não teve mais notícias dela?

– Não, e por que eu deveria ter tido?

Hercule Poirot disse:

– Eu estava divagando, nada mais. Talvez seja do seu interesse saber que a srta. Sainsbury Seale deixou o Glengowrie Court Hotel depois do jantar, duas noites atrás, e não retornou.

– O quê? Será que quis nos passar a perna?

– É uma explicação possível.

– Mas por que motivo faria isso? Não há nada de errado com ela. O que nos contou é verdade. Antes de descobrir o motivo da morte de Amberiotis, telegrafei a Calcutá a fim de checar a história dela, e me mandaram uma resposta ontem à noite. Está tudo certo. Ela é conhecida lá há anos, e levava mesmo a vida que nos descreveu. Só deu uma enrolada quanto ao casamento. Casou-se com um estudante hindu e depois descobriu que ele já tinha outros compromissos. Então retomou o nome de solteira e dedicou-se a trabalhos filantrópicos. Ela é unha e carne com os missionários, dá aulas de dicção e ajuda na produção de espetáculos teatrais amadores. Em suma, uma doida varrida, mas definitivamente sem relação com qualquer tipo de assassinato. E você agora me diz que ela deu no pé? Não posso entender. – Ele ficou em silêncio por um momento e então disse, não muito seguro:

– Talvez ela já estivesse de saco cheio daquele hotel. Eu não aguentaria muito tempo lá.

Poirot disse:

– A bagagem dela ainda está lá. Ela não levou nada.

Japp praguejou.

– A que horas ela deixou o hotel?

– Mais ou menos às 18h45.

– E o pessoal do hotel?

– Estão preocupados. A gerente não sabe o que fazer.

– E por que não procuraram a polícia?

– Ora, *mon cher*... Mesmo que a aparência dela não sugira algo assim, ela poderia apenas ter resolvido passar a noite fora. Ao voltar e descobrir que tinham chamado a polícia, poderia ficar furiosa, e com razão. A sra. Harrison, a gerente, ligou para vários hospitais, em caso de ter ocorrido algum acidente. Ela estava pensando em ligar para a polícia quando apareci por lá. Na verdade, para ela foi como se eu caísse do céu. Me encarreguei de tudo e expliquei que iria pedir a ajuda de um inspetor de polícia muito discreto.

– Sendo esse inspetor eu mesmo, suponho.

– Suposição correta.

Japp rosnou.

– Certo. Encontro você no Glengowrie Court Hotel depois do inquérito.

V

Japp resmungava enquanto eles esperavam pela gerente.

– O que é que essa mulher tinha na cabeça quando resolveu desaparecer?

– Você tem de admitir que é estranho.

Não tiveram tempo para continuar a conversa. A sra. Harrison, gerente do Glengowrie Court Hotel, surgiu entre eles.

A sra. Harrison estava exaltada e quase com lágrimas nos olhos. Estava muito preocupada com a srta. Sainsbury Seale. O que será que teria

acontecido? Ela enumerou rapidamente vários desastres possíveis. Perda de memória, algum tipo de ataque, hemorragia, atropelamento por ônibus, roubo, assalto à mão armada... – Teve de se interromper para respirar e murmurou:

– Uma mulher tão educada. E parecia ter gostado tanto daqui...

Ela os levou, atendendo ao pedido de Japp, até o recatado apartamento ocupado pela mulher desaparecida. Estava tudo arrumadinho. As roupas dependuradas no armário, a camisola dobrada sobre a cama. Num canto estavam as duas malas modestas da srta. Sainsbury Seale. Embaixo da penteadeira, sapatos dispostos em uma fileira: utilitários de couro com cadarço para uso diário; dois pares envernizados de salto alto, espalhafatosos e de qualidade duvidosa, ornamentados com laços de couro; sapatos pretos de cetim para a noite, praticamente novos; um par de mocassins. Poirot reparou que os sapatos de noite eram menores do que os de uso diário, uma questão provavelmente tanto de vaidade quanto de calos. Ele se perguntou se a srta. Sainsbury Seale teria encontrado tempo de arrumar a fivela do sapato antes de deixar o hotel. Ele esperava que sim. Negligência no vestir era uma coisa que o incomodava.

Japp estava ocupado tentando olhar através dos envelopes das cartas de uma gaveta da penteadeira. Hercule Poirot cautelosamente abriu outra gaveta. Estava abarrotada de roupas íntimas, algumas de lã. Ele a fechou com discrição, murmurando alguma coisa a respeito das idiossincrasias da srta. Sainsbury Seale, e abriu uma terceira gaveta, que continha meias.

Japp disse:

– Descobriu alguma coisa, Poirot?

Poirot disse, desapontado, balançando um dos pares entre os dedos:

– Um pé grande de meia de seda brilhante e barata, custando provavelmente três quartos de libra.

Japp disse:

– Você não veio aqui para avaliar os bens dela, meu velho. Encontrei duas cartas da Índia, um ou dois recibos de organizações filantrópicas e nenhuma conta a pagar. Possui um excelente caráter a nossa srta. Sainsbury Seale.

– E também um péssimo gosto ao vestir-se – lamentou Poirot.

– Vai ver ela segue uma moda internacional... – Japp estava copiando o endereço de uma velha carta datada de dois meses atrás.

– Pode ser que essas pessoas saibam algo sobre o paradeiro dela – disse. – Moram em Hampstead. Pela carta, pode-se dizer que são amigos íntimos.

Não havia mais nada a ser descoberto no Glengowrie Court Hotel, exceto que a srta. Sainsbury Seale não parecia ansiosa nem preocupada quando saiu. Pelo contrário, certamente pretendia retornar, pois ao passar no saguão pela sua amiga, a sra. Bolitho, teria dito:

– Depois do jantar, vou lhe ensinar aquele jogo de paciência sobre o qual eu tinha falado.

Além do mais, era de praxe no Glengowrie Court que os hóspedes avisassem caso não fossem comparecer a alguma das refeições. A srta. Sainsbury Seale não tinha feito isso. Parecia, portanto, evidente que ela pretendia retornar para o jantar que seria servido das sete e meia às oito e meia.

Mas ela não tinha retornado. Saíra pela Cromwell Road e desaparecera.

Japp e Poirot foram até o endereço, em West Hampstead, que constava no remetente da carta.

Era uma casa bonita e os Adams, pessoas educadas, com uma família numerosa. Tinham vivido na Índia durante anos e se lembravam calorosamente da srta. Sainsbury Seale. Mas não podiam ajudar.

Já fazia pelo menos um mês que não a viam, na verdade desde que tinham voltado do feriado de páscoa. Na época, ela estava ficando em um hotel perto da Russell Square. O senhor Adams deu a Poirot as indicações e também o endereço de outros amigos anglo-indianos da srta. Sainsbury Seale que viviam em Streatham.

Mas tampouco puderam lhes informar alguma coisa nesses lugares. A srta. Sainsbury Seale hospedara-se no hotel em questão, mas eles se lembravam dela apenas vagamente, e não sabiam de nada que pudesse ajudar. Era uma mulher agradável e tranquila, que tinha morado no exterior. Os amigos que viviam em Streatham também não sabiam de nada relevante. Eles não viam a srta. Seansbury Seale desde fevereiro.

Permanecia a hipótese de um acidente, mas foi logo descartada. Nenhum hospital tinha admitido mulher alguma que correspondesse à descrição dela.

A srta. Sainsbury Seale tinha desaparecido sem deixar vestígios.

VI

Na manhã seguinte, Poirot foi até o Holborn Palace Hotel, onde perguntou pelo sr. Howard Raikes.

A essa altura, já não se surpreenderia caso lhe respondessem que também o sr. Howard Raikes tinha saído num final de tarde sem retornar.

Mas o sr. Howard Raikes ainda estava no Holborn Palace, onde tomava o café da manhã.

A imagem de Hercule Poirot junto à mesa do café não pareceu agradar muito ao sr. Howard Raikes.

Embora não parecesse tão perigoso quanto na lembrança tumultuada que Poirot guardava dele, sua carranca ainda era considerável. Ele arregalou os olhos para o estranho que interrompia a sua refeição e disse, sem maiores constrangimentos:

– O que foi?

– O senhor me dá licença?

Hercule Poirot puxou uma cadeira da mesa ao lado.

O sr. Raikes disse:

– Não se preocupe comigo. Sente-se e faça como se estivesse em casa.

Poirot, sorrindo, valeu-se da permissão.

O sr. Raikes perguntou, impaciente:

– Mas o que é que você quer?

– O senhor não se lembra de mim?

– Nunca vi mais gordo.

– Nisso o senhor se engana. O senhor sentou-se comigo numa mesma sala, por pelo menos cinco minutos e não mais do que três dias atrás.

– Não sou obrigado a lembrar-me de cada pessoa que encontro numa maldita festa.

– Não foi numa festa – disse Poirot. – Foi na sala de espera de um dentista.

Um flash de emoção atravessou por segundos os olhos do jovem. Seus modos se modificaram. Tornou-se subitamente cauteloso, deixando de parecer informal e impulsivo. Ele fitou Poirot nos olhos e disse:

– Ah, bom!

Poirot examinou-o com cuidado antes de dizer mais alguma coisa. Ele sentia que o jovem era de fato perigoso. Um rosto magro, faminto, uma mandíbula agressiva, os olhos de um fanático. Era, entretanto, um rosto que mulheres poderiam considerar atraente. Ele se vestia de forma descuidada, as roupas estavam gastas. Comia com uma voracidade inconsciente que, para o homem que o observava, pareceu singular.

Poirot resumiu-o para si mesmo com a seguinte expressão: “um lobo capaz de raciocínio”.

Raikes foi direto ao ponto:

– Bem, que diabos você quer, surgindo assim dessa maneira?

– Minha visita o incomoda?

– Eu não sei quem é você.

– Peço desculpas.

Agilmente, Poirot tirou do bolso o porta-cartão. Pegou um dos cartões e alcançou-o, por cima da mesa.

A mesma emoção, difícil de definir, atravessou de novo o cenho do sr. Raikes. Não era medo. Era algo mais agressivo do que medo. Depois dela veio, sem dúvida, a raiva.

Ele atirou o cartão de volta.

– Então, esse é o seu nome? Já ouvi falar de você.

– Outras pessoas também – disse Poirot, sem afetação.

– O senhor é um desses enxeridos particulares, não é mesmo? Do tipo que cobra uma fortuna. Do tipo que é contratado quando dinheiro não é problema, quando se paga qualquer quantia para se salvar a própria pele!

– Se o senhor não beber o seu café – disse Poirot, calmamente – ele vai esfriar.

Raikes lançou a ele um olhar fulminante.

– Me diga, por favor, que tipo de inseto é você?

– O café nesse país é muito ruim de qualquer forma – disse Poirot.

– Eu diria que sim – concordou o sr. Raikes.

– Mas quando frio é praticamente intragável.

O jovem se inclinou na direção dele.

– Aonde é que você quer chegar? O que é que veio procurar aqui?

Poirot deu de ombros.

– Eu só queria... vê-lo.

– Ah, sim? – disse o sr. Raikes, sarcástico.

As pupilas dos olhos dele diminuíram.

– Se é de dinheiro que você está atrás, então veio falar com o homem errado. O pessoal que está comigo não tem como pagar por aquilo que eles querem. Melhor você voltar para o homem que lhe paga o salário.

Poirot disse, suspirando:

– Até agora não recebi salário algum.

– Você está querendo me dizer...

– É verdade. Estou desperdiçando um tempo valioso e não recebo nada por isso. Não faço senão tentar saciar a minha curiosidade.

– E suponho que estivesse também saciando a sua curiosidade na cadeira do maldito dentista, no outro dia.

Poirot fez que não com a cabeça.

– O senhor parece esquecer-se do motivo mais comum que leva alguém à sala de espera de um dentista: tratar de um problema dentário.

– Com certeza. Você vai me desculpar, mas eu não acredito.

– Posso perguntar, então, o que é que o senhor fazia lá?

O senhor Raikes deu uma risadinha.

– Agora peguei você. Eu também precisava tratar de um problema dentário.

– O senhor então sofria com uma dor de dentes?

– Isso mesmo, meu chapa.

– Mas, ainda assim, o senhor foi embora antes de ver o dentista.

– E daí? Isso não é da sua conta. – Ele fez uma pausa, então disse, num tom ameaçador:

– De que é que nos serve essa conversinha fiada? Você estava lá zelando pelo seu belo prêmio. Está tudo certo com ele, não é mesmo? Nada aconteceu ao precioso Alistair Blunt. Não lhe devo coisa alguma.

Poirot disse:

– Onde é que o senhor foi quando saiu de forma tão abrupta da sala de espera?

– Fui embora, obviamente.

– Ah... – disse Poirot, olhando para o teto. – Mas ninguém o viu sair, sr. Raikes.

– E o que tem isso?

– Uma pessoa morreu naquela casa não muito tempo depois, o senhor está lembrado?

Raikes disse, desdenhoso:

– Ah, você se refere ao camarada dentista...

A voz de Poirot estava tensa quando ele falou:

– Sim. Me refiro ao camarada dentista.

Raikes arregalou os olhos. Disse:

– Você quer me responsabilizar por isso? É disso que se trata? Pois bem, não há como. Acabo de ler o resultado do inquérito de ontem. O desgraçado deu-se um tiro na testa depois de se enganar na dose do anestésico local e causar a morte de um paciente.

Poirot insistiu, sem se deixar convencer:

– O senhor tem como provar que deixou a casa no momento em que diz tê-la deixado? Há alguém que possa dizer concretamente onde é que o senhor esteve entre o meio-dia e a uma da tarde?

As pupilas do outro diminuíram.

– Você está, então, realmente disposto a me responsabilizar por isso? Suponho que Blunt tenha lhe pagado bem.

Poirot suspirou e disse:

– O senhor vai me desculpar, mas está parecendo que Alistair Blunt é uma ideia fixa sua. Não trabalho nem nunca trabalhei para ele. Aquilo que me preocupa não é a segurança dele, mas a morte de um homem que se dedicava com afinco à profissão que escolheu seguir.

Raikes sacudiu negativamente a cabeça.

– Me desculpe, mas não acredito em você. Você é sim o enxerido particular do Blunt. – Sua face se tornava cada vez mais sombria conforme ele ia se inclinando sobre a mesa. – Mas você não pode salvá-lo. Ele está superado. Ele e tudo aquilo que ele representa! Vão ter de dar as cartas de novo. Esse sistema financeiro corrupto vai ter de acabar. Essa rede maldita de banqueiros, estendida como teia de aranha aos quatro cantos do planeta. Não é nada pessoal, mas o sr. Blunt é o tipo de homem que eu odeio. Um verme. Um sujeito que para mexer só usando dinamite. Ele é o tipo de pessoa que diz: “As fundações da civilização são imutáveis”. Dá para acreditar? Não perde por esperar! Ele está obstruindo o caminho da mudança e vai ser removido. Não há mais lugar no mundo de hoje para alguém como Blunt. Homens que se agarram ao passado, que querem viver da mesma forma que os pais ou os avós! A Inglaterra está cheia deles, conservadores empedernidos, símbolos gastos de uma era em decadência.

Meu Deus! Vão ter de acabar. Um mundo novo vai surgir. Você está me ouvindo? Um mundo novo.

Poirot suspirou, levantando-se.

– Estou vendo, sr. Raikes, que é um idealista.

– E daí?

– Idealista demais para se importar com a morte de um dentista.

O sr. Raikes retrucou, desdenhoso:

– Mas o que é que importa a morte desse miserável dentista?

Hercule Poirot respondeu:

– Para o senhor, nada. Para mim, muito. Essa é a nossa diferença.

VII

Poirot chegou em casa e foi informado por George que uma mulher o estava esperando.

– Ela está... um pouco nervosa, senhor – disse ele.

Como ela não tinha dito o nome, Poirot imaginou quem seria. E imaginou errado, pois a jovem que levantou agitada do sofá, assim que ele entrou na sala, era a secretária do falecido sr. Morley, a srta. Gladys Nevill.

– Caro sr. Poirot. Estou realmente muito envergonhada por vir aqui dessa maneira. Não sei como tive coragem de procurá-lo. Temo que o senhor considere uma ousadia da minha parte. Estou certa de que não gostaria de fazê-lo perder o seu tempo. Eu sei o quanto o senhor é ocupado. Mas estou muito angustiada. Imagino que o senhor considere isso uma perda de tempo, mas...

Beneficiando-se da sua longa experiência no trato com ingleses, Poirot sugeriu uma xícara de chá. A reação da srta. Nevill não poderia ter sido melhor.

– Bem, realmente. É muito gentil da sua parte. Não que já tenha passado muito tempo desde que tomei café, mas uma xícara de chá é sempre bem-vinda, não é mesmo?

Poirot, que dispensava todas as que podia, concordou polidamente. Pediu a George que trouxesse o chá, e num passe de mágica o detetive e sua visita estavam sentados um diante do outro em torno da bandeja.

– Quero pedir-lhe desculpas – a srta. Nevill disse, recuperando, sob a influência da bebida, o sangue-frio –, mas para falar a verdade, o inquérito de ontem me incomodou bastante.

– Tenho certeza que sim – disse Poirot.

– Não fui lá para depor nem nada do gênero. Mas senti que era necessário que eu acompanhasse a srta. Morley. O sr. Reilly estaria lá, é claro, mas não seria a mesma coisa. Não apenas porque a srta. Morley não gosta do sr. Reilly, mas também porque a companhia de outra mulher é diferente. Achei que fosse meu dever ir com ela.

– A senhorita foi muito gentil em acompanhá-la – disse Poirot, encorajando-a.

– Ah, nada disso! Apenas senti que era preciso que eu fosse. O senhor vê, já faz anos que trabalho para o sr. Morley. O que aconteceu foi um choque para mim. E é claro que o inquérito apenas piorou as coisas.

– Temo que sim.

A srta. Nevill se inclinou para frente, com todo o cuidado.

– Está tudo errado, sr. Poirot. Realmente, tudo errado!

– O que é que está errado, mademoiselle?

– Bem... simplesmente não poderia ter sido da maneira como dizem. Injetar uma overdose na gengiva do paciente?

– A senhorita pensa que não?

– Eu tenho certeza. Às vezes, pacientes têm reações adversas, mas isso se deve a algum problema fisiológico deles, uma deficiência cardíaca, por exemplo. Mas estou certa de que uma overdose é algo muito raro. O preparo regular da dose é um hábito que se torna absolutamente mecânico. Eles injetam a dose certa automaticamente.

Poirot concordou, aprovando o raciocínio dela. Ele disse:

– Também pensei a mesma coisa.

– Trata-se de um procedimento tão padronizado, o senhor entende? Um químico tem de produzir remédios utilizando sempre quantidades diferentes e, ao multiplicar uma dosagem, qualquer falta de atenção pode resultar num desastre. Um médico, se ele tem de escrever muitas receitas, também precisa estar atento para não se enganar. Mas não era esse o caso. Esse tipo de coisa não ocorre com dentistas.

Poirot perguntou:

– A senhorita não pediu permissão para depor sobre essas coisas durante o inquérito?

Gladys Nevill fez que não. Ela retorceu os dedos com nervosismo e disse:

– Veja bem. Fiquei com medo de piorar ainda mais as coisas. Eu sei que o sr. Morley jamais cometeria um erro desses. Meu depoimento poderia dar a entender que ele tivesse injetado a dose deliberadamente.

Poirot concordou.

Gladys Nevill disse:

– Essa é a razão pela qual vim procurá-lo, sr. Poirot. Porque não seria um depoimento oficial. Mas alguém precisava saber. A explicação que encontraram não faz nenhum sentido.

– Ninguém quer levar isso adiante – disse Poirot.

Ela arregalou os olhos para ele, confusa.

Poirot disse:

– Eu gostaria de saber um pouco mais a respeito daquele telegrama que a senhorita recebeu no outro dia, que fez com que se ausentasse do consultório.

– Honestamente falando, não sei o que pensar daquilo, sr. Poirot. É mesmo estranho. Quem o enviou tinha de saber muita coisa sobre mim, sobre minha tia, onde ela morava e tudo mais.

– Sim. O provável é que tenha sido enviado por algum dos seus amigos ou por alguém da casa do sr. Morley que soubesse tudo a respeito da senhorita.

– Nenhum dos meus amigos faria algo assim, sr. Poirot.

– Mas então quem é que teria feito uma coisa dessas?

A moça hesitou por um instante. Ela disse, cuidadosa:

– De início, logo que soube que o sr. Morley tinha se matado, me perguntei se não poderia ter sido ele quem o tinha enviado.

– A senhorita quer dizer no sentido de lhe poupar da confusão?

Ela fez que sim.

– Mas essa ideia parece fantasiosa, mesmo se ele estivesse pensando em se matar naquela manhã. É muito estranho. Frank, o meu noivo, ficou louco a respeito. Ele me acusou de estar saindo com outra pessoa, como se eu fosse capaz de fazer algo desse tipo.

– E não há mesmo nenhuma outra pessoa?

– É claro que não. Mas Frank mudou tanto ultimamente, está tão temperamental e desconfiado... Ele perdeu o emprego e não tem sido nada fácil arranjar outro. Ficar assim à deriva, para um homem, não é nada bom. Estou muito preocupada com ele.

– Ele ficou mesmo aborrecido, não é? Ao descobrir que a senhora tinha viajado naquele dia...

– Ele tinha ido lá justamente para informar-me que arranjara um novo emprego, um emprego muito bom, dez libras por semana. Ele não podia esperar um minuto para me contar. E acho que ele queria que o próprio sr. Morley ficasse sabendo, porque Frank se ressentia da maneira como o sr. Morley o tinha julgado, tentando fazer com que eu rompesse o noivado.

– E a verdade é que o sr. Morley realmente não gostava dele, correto?

– Bem... sim... de certo modo! É claro, Frank perdeu inúmeros empregos e não foi capaz de alcançar aquilo que se chama de estabilidade. Mas ele está mudando. Eu acho que muita coisa depende das influências que recebemos, o senhor não acha? Se um homem sente que a mulher com quem está saindo é uma pessoa exigente, ele tenta satisfazer suas expectativas.

Poirot suspirou, mas não disse nada. Já ouvira centenas de mulheres usarem o mesmo argumento, baseado numa crença cega quanto à capacidade redentora que teria o amor feminino. Uma vez em mil, supunha ele, cinicamente, isso poderia se revelar verdadeiro.

Ele disse apenas:

– Gostaria muito de poder conversar com o seu noivo.

– Eu ficaria encantada, sr. Poirot. No momento, somente aos domingos ele está livre. Passa viajando a semana toda.

– Ah, sim, o emprego novo. E o que é que ele faz, se posso perguntar?

– Não sei muito bem. Ele ajuda em um escritório, até onde eu sei. Parece que é algo do governo. Escrevo para o endereço de Frank em Londres e as cartas são reenviadas até ele.

– Um pouco estranho, não lhe parece?

– Bem, também achei, mas Frank me disse que as coisas são feitas assim hoje em dia.

Poirot olhou nos olhos dela em silêncio por um momento e então disse:

– Amanhã é domingo, não é mesmo? Gostaria de convidá-los para almoçar na Logan's Corner House. Eu teria assim a chance de conversar com os dois a respeito de toda essa história lamentável.

– Bem, obrigada, sr. Poirot. Sim, estou certa de que seria um prazer para nós almoçarmos com o senhor.

VIII

Frank Carter era um jovem loiro de estatura mediana. Vestia-se de forma um pouco vulgar, mas expressava-se com desenvoltura. Os olhos ficavam meio próximos um do outro, e viravam-se estranhamente para o lado quando ele ficava constrangido.

Parecia um pouco desconfiado e hostil.

– Jamais poderia imaginar que teríamos o prazer de almoçar com o senhor. Gladys não me disse nada.

Enquanto falava, lançou a ela um olhar de repreensão.

– Mas foi ontem mesmo que combinamos – disse Poirot, sorrindo. – As circunstâncias da morte do sr. Morley têm preocupado bastante a srta. Nevill, e pensei que poderíamos...

Frank Carter o interrompeu, mal-educado:

– A morte de Morley? Não aguento mais essa história! Por que você não esquece isso de uma vez, Gladys? O que é que esse sujeito tinha de tão maravilhoso?

– Frank! Você não deveria falar dessa maneira. Ele me deixou cem libras. Recebi uma carta informando a respeito ontem mesmo.

– Muito bem – admitiu Frank, de má vontade. – Mas não fez mais do que a obrigação. Você trabalhava para ele como uma escrava enquanto ele embolsava uma nota preta.

– Ele me pagava um excelente salário.

– Não exatamente! Você é submissa demais, Gladys. Você se deixa explorar. Eu percebi muito bem o que ele queria, desde o início. Você sabe tanto quanto eu que ele fez o que pôde para nos separar.

– Ele não conhecia você.

– Pouco importa. Agora ele está morto. E caso não estivesse iria ouvir poucas e boas de mim. Diria tudo o que eu penso dele.

– Você esteve a ponto de fazer isso na manhã em que ele morreu, não é verdade? – perguntou Poirot, gentilmente.

Frank Carter retrucou irritado:

– Quem é que lhe disse isso?

– Você o procurou, não procurou?

– Eu queria falar era com a srta. Nevill aqui...

– Mas lhe disseram que ela tinha se ausentado.

– Sim, e isso me deixou muito desconfiado. Eu disse àquele paspalhão cabeça de laranja que iria esperar ali e falar com Morley eu mesmo. Essa história de querer me afastar de Gladys já tinha ido longe demais. Eu iria dizer a Morley que deixara de ser um pobre coitado desempregado, que eu conseguira um bom emprego e que estava na hora de Gladys lhe dar o aviso prévio e pedir as contas.

– Mas você não chegou a falar com ele, chegou?

– Não. Cansei de ficar esperando naquele mausoléu sinistro. Fui embora antes de falar com ele.

– A que horas você saiu?

– Não sei dizer ao certo.

– A que horas você chegou lá?

– Também não sei. Logo depois do meio-dia, eu acho.

– E você ficou lá por meia hora, mais ou menos?

– Estou lhe dizendo que não sei. Não sou desses sujeitos que estão sempre olhando no relógio.

– Havia mais alguém na sala de espera enquanto você estava lá?

– Quando cheguei, havia um gordo seboso, mas não ficou muito. Depois disso, fiquei sozinho.

– Então você deve ter saído antes do meio-dia e meia, pois nessa hora chegou uma paciente.

– Imagino que sim. Eu não gosto daquele lugar, como lhe disse.

Poirot o examinou por um tempo.

A indignação dele era um pouco forçada, não parecia realmente espontânea. Mas isso poderia ser fruto apenas de nervosismo.

Poirot disse a seguir, num tom franco e amistoso:

– A srta. Nevill me contou que você teve mesmo a sorte de encontrar um ótimo emprego.

– O salário é bom.

– Dez libras por semana, ela me disse.

– Isso mesmo. Nada mal, hein? Prova que quando me empenho sou capaz de conseguir o que eu quero – disse ele, se pavoneando.

– Acredito que sim. E o trabalho, é muito difícil?

Frank Carter foi sucinto:

– Não muito.

– E é interessante?

– Ah, sim, bastante. Falando em trabalho, sempre quis saber como é que vocês detetives particulares se arranjam. Acho que, hoje em dia, devem tratar mais de divórcios do que dar uma de Sherlock Holmes, certo?

– Eu não me envolvo em casos de divórcio.

– Verdade? Mas então como é que o senhor vive?

– Dou um jeito, meu amigo.

– Mas o senhor é muito conhecido e respeitado, não é mesmo, sr. Poirot? – interrompeu Gladys. – O sr. Morley dizia isso. O que quero dizer é que quando a realeza, o governo ou um duque precisam de um detetive, é o senhor que eles vão procurar.

Poirot sorriu para ela.

– A senhorita me deixa encabulado.

IX

Poirot caminhou de volta para casa, pelas ruas desertas de Londres, pensativo.

Quando chegou, ligou para Japp.

– Desculpe incomodá-lo, meu caro, mas por acaso você chegou a fazer alguma coisa no sentido de rastrear aquele telegrama que foi enviado a Gladys Nevill?

– Você ainda não virou o disco? Sim, rastreamos o telegrama, para falar a verdade. Havia um telegrama, bem inteligente, aliás. A tia dela vive

em Richbourne, em Somerset. O telegrama foi enviado de Richbarn, o subúrbio londrino, como você deve saber.

Hercule Poirot disse, admirado:

– Essa foi uma ideia inteligente. Bem inteligente mesmo. Se o destinatário resolvesse conferir de onde fora enviada a mensagem, a localidade teria um nome suficientemente semelhante a Richbourne para ser convincente.

Ele fez uma pausa.

– Você sabe o que é que eu penso, Japp?

– O quê?

– Quem fez isso estava longe de ser tolo.

– Poirot, você quer, a todo custo, fazer disso um caso de assassinato.

– Como é que você explica o telegrama?

– Coincidência. Alguém queria pregar uma peça na moça, nada mais.

– E por que fariam isso?

– Ora, Poirot! Por que as pessoas fazem esse tipo de brincadeira, pregam peças? Um senso de humor mal direcionado, nada mais.

– E alguém quis dar uma de engraçadinho bem no dia em que Morley iria se enganar na dosagem do anestésico?

– Se as duas coisas estão relacionadas, é da seguinte maneira: a srta. Nevill estava ausente, Morley estava mais sobrecarregado do que de costume e isso pode ter contribuído para que ele se enganasse.

– Ainda não estou convencido.

– Mas onde é que nos levaria a sua hipótese? Se alguém tirou Nevill do caminho, esse alguém foi talvez o próprio Morley. Nesse caso, ele teria matado Amberiotis deliberadamente e não por acidente.

Poirot ficou em silêncio. Japp disse:

– Concorda comigo?

– Amberiotis pode ter morrido de outra forma.

– Não. Ninguém foi encontrá-lo no Savoy. Ele almoçou no quarto. E o laudo médico indica que a overdose foi injetada e não ingerida. Não se encontrou vestígios no estômago. Você está entendendo? O caso é simples.

– É o que querem que todo mundo acredite.

– É a explicação do médico-legista.

– E como é que ele explica o desaparecimento da srta. Sainsbury Seale?

– O Caso da Missionária Desaparecida? Ainda estamos investigando. Essa mulher tem de estar em algum lugar. Ninguém vai dar uma voltinha e some do mapa.

– Esse parece ter sido o caso dela.

– Até agora não descobrimos onde ela está. Mas ela deve estar em algum lugar, viva ou morta, e acho que está viva.

– E por que você acha isso?

– Se ela estivesse morta, o corpo já teria aparecido.

– Nem sempre os corpos aparecem tão cedo.

– Suponho que você esteja pensando que ela tenha sido assassinada e que vamos encontrá-la numa pedreira, cortada em pedacinhos como a sra. Ruxton?

– Como você sabe, *mon ami*, há casos de pessoas desaparecidas que não são encontradas.

– São casos muito raros. Muitas mulheres desaparecem, e geralmente são encontradas sem muita dificuldade. De cada dez casos, nove não passam de aventuras. Elas estão em algum lugar com um homem. Mas concordo que isso não se encaixa no perfil da Mabelle.

– Na verdade pode ser. Não sabemos ainda – disse Poirot, cauteloso –, por mais que seja improvável que algo assim tenha ocorrido com ela. Você está seguro de que vai encontrá-la?

– Sim, vamos encontrá-la. Estamos divulgando um retrato dela nos jornais e pedimos também ajuda da BBC.

– Ah... – disse Poirot. – Acho que isso poderá mesmo trazer resultados.

– Não se preocupe, meu velho. Vamos encontrar a sua bela desaparecida, com as calcinhas de lã e tudo mais.

Ele desligou.

George entrou na sala com sua passada silenciosa, como de costume. Ele acomodou sobre uma mesa um bule de chocolate quente e biscoitos glaceados.

– Mais alguma coisa, senhor?

– Estou perplexo, George...

– É mesmo, senhor?

Hercule Poirot serviu-se de chocolate e, pensativo, ficou mexendo na xícara com a colherzinha.

George permaneceu onde estava, aguardando respeitosamente. Podia reconhecer os sinais. Havia momentos em que Hercule Poirot discutia os seus casos com o criado. Ele sempre achava os comentários de George oportunos.

– Você está a par, George, sem dúvida, da morte do meu dentista...

– O sr. Morley? Sim, senhor. Lamentável. Pelo que sei, se deu um tiro.

– Isso é o que dizem. Se ele não se matou, foi assassinado.

– Entendo, senhor.

– A questão é, se ele foi assassinado, quem o assassinou?

– Claro, senhor.

– Há apenas algumas pessoas que poderiam tê-lo assassinado, George. Isto é, as pessoas que estavam ou poderiam ter estado na casa naquele momento.

– Certamente, senhor.

– Essas pessoas são as seguintes: um cozinheiro e uma criada, empregados confiáveis que muito dificilmente fariam algo desse tipo. Uma irmã, dedicada ao irmão, que também muito dificilmente teria cometido o crime, mas que herdou todo o dinheiro dele. E nunca podemos negligenciar o fator financeiro. Um sócio competente, sem motivo conhecido para matá-lo. Um atendente meio retardado e viciado em histórias de detetive de segunda categoria. Por fim, um grego cujos antecedentes não inspiram nenhuma confiança.

George deu uma tossidinha.

– Esses estrangeiros, senhor...

– Eu sei. Concordo plenamente. O grego é decididamente um suspeito. O problema, George, é que o grego também morreu, e parece que quem o matou foi o próprio sr. Morley, de propósito ou de forma acidental, não sabemos ao certo.

– Pode ser, senhor, que tenham ambos se matado. Quero dizer, cada um deles teria tido a ideia de matar o outro, embora nenhum deles soubesse das intenções do outro.

Aprovando o raciocínio do criado, Hercule Poirot serviu-se de mais chocolate.

– Muito perspicaz, George. O dentista aplica uma dose mortal de anestésico no estrangeiro desavisado sentado na cadeira, sem saber que a

suposta vítima estaria só esperando o melhor momento para sacar a pistola. Poderia ser esse o caso, George, mas me parece muito pouco provável. E na verdade não chegamos ao final da nossa lista. Há ainda pelo menos mais duas pessoas que poderiam estar na casa no momento do crime. Todos os pacientes atendidos antes do sr. Amberiotis foram vistos deixando a casa, com uma única exceção, um jovem americano. Ele saiu da sala de espera mais ou menos às 11h40, mas ninguém o viu sair da casa. Devemos incluí-lo, portanto, na nossa lista. A outra possibilidade seria um jovem chamado Frank Carter. Ele não é um paciente, e teria procurado o sr. Morley um pouco depois do meio-dia. Também ninguém o viu ir embora. Esses, meu caro George, são os fatos. O que é que você pensa deles?

– A que horas o crime foi cometido, senhor?

– Se o assassino for o sr. Amberiotis, então o crime foi cometido entre o meio-dia e as 12h25. Se o assassino for outra pessoa, o crime foi cometido depois das 12h25, senão o sr. Amberiotis teria visto o cadáver...

Ele olhou para George, confiante:

– Vamos George, o que é que você tem a dizer?

George refletiu.

– Acaba de me ocorrer uma coisa, senhor.

– Sim, diga.

– O senhor vai ter agora de procurar um outro dentista para cuidar dos seus dentes no futuro.

Hercule Poirot disse:

– Dessa vez você se superou, George! Eu ainda não tinha pensado nisso...

Aparentemente satisfeito, George deixou a sala.

Hercule Poirot permaneceu ali, bebendo o chocolate e refletindo sobre os fatos que acabara de estabelecer. Ficou satisfeito com a maneira como os tinha juntado. A mão que executara o crime pertencia a alguma das pessoas enumeradas por ele, independente do motivo.

Então, subitamente, suas sobrancelhas se alçaram. A lista estava incompleta, ele tinha deixado um nome de fora.

É preciso considerar todos os suspeitos, mesmo os mais improváveis.

Ele escreveu: sr. Barnes. Era a outra pessoa que se sabia ter estado na casa na hora do assassinato.

X

George anunciou:

– Uma mulher quer falar com o senhor ao telefone.

Uma semana atrás, Poirot tinha adivinhado errado a identidade de uma visita. Dessa vez, acertou o palpite.

Ele reconheceu a voz de imediato.

– Sr. Hercule Poirot?

– É ele falando.

– Aqui é Jane Olivera, sobrinha do sr. Alistair Blunt.

– Ah, sim. Em que posso lhe ser útil, srta. Olivera?

– Será que o senhor poderia vir até a mansão gótica? Há uma coisa importante que preciso contar-lhe.

– Com certeza. E quando seria mais conveniente?

– Às seis e meia, por favor.

– Estarei aí.

De repente, ela disse, como que para amenizar a própria tirania:

– Espero... Espero não estar interrompendo o seu trabalho.

– De forma alguma. Eu estava mesmo esperando pela sua ligação.

Ele desligou o aparelho rapidamente e se afastou sorrindo. Que desculpa teria a srta. Jane Olivera arranjado para convocá-lo?

Ao chegar na mansão gótica, foi levado diretamente à grande biblioteca, cujas janelas davam para o rio. Alistair Blunt estava sentado na escrivaninha, brincando com o cortador de papéis. Ele tinha o ar atribulado de quem se incomodara com as mulheres da casa.

Jane Olivera estava ao lado da lareira. Uma senhora gordinha, de meia-idade, queixava-se no momento exato em que Poirot entrou:

– ...e eu realmente penso que meus sentimentos devam ser levados em consideração no que diz respeito a esse assunto, Alistair.

– É claro, Julia, é claro – disse Alistair Blunt, tentando acalmá-la, enquanto se levantava para cumprimentar Poirot.

– E se você vai mesmo contar essas barbaridades, devo me retirar – acrescentou a boa senhora.

– Vou contar sim, mamãe – disse Jane Olivera.

A sra. Olivera desapareceu da biblioteca como se não tivesse sequer percebido a presença de Poirot.

Alistair Blunt disse:

– É um prazer recebê-lo novamente, sr. Poirot. Acho que já conhece a srta. Olivera, não? Foi ela quem resolveu chamá-lo.

Jane disse, abruptamente:

– Fiz isso por causa dessa mulher, de quem todos os jornais estão falando. Essa tal de srta. Seale.

– A srta. Sainsbury Seale? Sim, o que tem ela?

Jane voltou-se para Poirot.

– É um nome tão pomposo, difícil de esquecer. Devo contar a ele ou o senhor mesmo conta, tio Alistair?

– Minha querida, foi você quem veio com essa história.

Jane voltou-se de novo para Poirot.

– É possível que não tenha nenhuma importância, mas achei que o senhor devia saber.

– Sim, o que é?

– Estou falando da última vez que tio Alistair foi ao dentista. Quer dizer, não me refiro ao outro dia, mas a algo que aconteceu três meses atrás. Fui com ele até a Queen Charlotte Street, no Rolls Royce. O motorista deveria depois me levar até a casa de uns amigos, no Regent's Park, e retornar para pegá-lo. Paramos no número 58, o tio Alistair desceu do carro e logo em seguida uma mulher saiu da casa. Uma mulher de meia-idade, com um cabelo estranho e roupas ainda mais excêntricas. Ela veio correndo na direção dele e disse: "Ah, sr. Blunt, estou certa de que não vai lembrar-se de mim!" – imitou Jane Olivera, numa vozinha afetada e desagradável. – Bem, é claro que meu tio não lembrava, foi o que pude ver estampado na cara dele.

Alistair Blunt suspirou.

– Eu nunca me lembro. As pessoas sempre dizem isso.

– Ele deu uma de educado – continuou Jane. – Não quis constrangê-la e fez como se já a tivesse visto. Mas nem uma criança teria acreditado. Ele disse numa voz embargada: "Ah... hum... é claro...". A falsa da mulher não se deu por satisfeita e continuou: "Fui uma grande amiga da sua esposa!".

– As pessoas também costumam dizer isso – observou Alistair Blunt num tom melancólico.

Ele sorriu resignado.

– A história termina sempre do mesmo jeito! Querem a minha contribuição para essa ou aquela organização. Dessa vez foi até barato. Cinco libras para uma missão Zenana[3] ou algo parecido.

– Ela tinha mesmo conhecido a sua mulher?

– Bem, essa história de missão Zenana me fez pensar que talvez ela a tivesse conhecido na Índia. Estivemos lá dez anos atrás. Mas é claro que se fosse mesmo uma grande amiga da minha mulher eu saberia e teria lembrado. Provavelmente ela a viu em alguma dessas cerimônias de recepção, nada mais.

Jane Olivera disse:

– Eu não acredito que ela tenha conhecido a tia Rebecca. Eu acho que essa foi a desculpa estapafúrdia que ela encontrou para falar com o senhor.

Alistair Blunt disse, dando de ombros:

– Bem, pode ter sido mesmo.

Jane continuou:

– O que eu quero dizer é que foi muito suspeita a maneira como ela o abordou, tio.

Alistair Blunt disse com a mesma indiferença:

– Ela queria apenas uma contribuição.

Poirot perguntou:

– Ela não apareceu outras vezes depois disso?

Blunt sacudiu a cabeça negativamente.

– Nunca mais a vi. Tinha inclusive esquecido do nome dela, até que Jane deu com ele no jornal.

Jane disse, sem muita convicção:

– Bem, pensei que o sr. Poirot precisava saber dessa história!

– Eu lhe agradeço, mademoiselle – disse Poirot, educado.

Ele acrescentou:

– Não quero mais tomar o seu tempo, sr. Blunt. O senhor é bastante ocupado.

Jane adiantou-se, rapidamente:

– Eu desço com o senhor.

Debaixo do bigode, Poirot riu para si mesmo.

No andar térreo, Jane parou abruptamente e disse:

– Entre aqui.

Eles entraram numa pequena salinha do saguão.

Ela virou-se para ele.

– O que o senhor quis dizer, ao telefone, quando disse estar esperando pela minha ligação?

Poirot sorriu. Ele estendeu as mãos.

– Apenas isso, mademoiselle. Eu esperava uma ligação sua, e a senhorita me ligou.

– O senhor quer dizer que sabia que eu ligaria para falar alguma coisa dessa mulher?

Poirot balançou a cabeça negativamente.

– Esse foi só um pretexto. A senhorita teria arranjado outro, se necessário.

Jane disse:

– E por que diabos eu o procuraria?

– Pelo motivo que fez a senhorita passar essa informaçãozinha a respeito da srta. Sainsbury Seale para mim ao invés de para a Scotland Yard, como seria o natural.

– Muito bem, sr. Sabe Tudo... O que é que o senhor realmente sabe?

– Sei que a senhorita está interessada em mim desde que soube que, outro dia, fiz uma visita ao Holborn Palace Hotel.

Ela ficou tão pálida que Poirot chegou a se assustar. Ele jamais imaginaria que todo aquele bronzeado pudesse se transformar de repente num branco lívido.

Ele continuou calmamente, num tom de voz mais baixo:

– A senhorita me chamou aqui para dar um jeito de me *apertar*, essa é a expressão, não? De me pressionar a respeito do sr. Howard Raikes.

Jane Olivera disse:

– Quem é esse sujeito?

Foi uma saída nada convincente.

Poirot disse:

– A senhorita não vai precisar me pressionar. Vou contar-lhe o que sei, ou melhor, o que adivinhei. Naquele primeiro dia em que viemos aqui, eu e o inspetor Japp, a senhorita se assustou com a nossa presença. Ficou alarmada, pensou que algo tinha acontecido ao seu tio. Por quê?

– Bem, ele é um tipo de pessoa a quem certas coisas acontecem. Outro dia, mandaram-lhe uma bomba pelo correio depois que foi acertado

um empréstimo a um desses países do leste. E ele recebe inúmeras cartas ameaçadoras.

Poirot continuou:

– Naquele dia, o inspetor Japp contou à senhorita que um certo dentista, o sr. Morley, tinha sido baleado. A senhorita respondeu, conforme deve lembrar: "Que coisa mais absurda!"

Jane mordeu o lábio. Ela falou:

– Eu disse isso? É mesmo estranho que eu tenha dito algo assim.

– Foi uma observação curiosa, mademoiselle. Ela revelou que a senhorita sabia da existência do sr. Morley, que a senhorita esperava que algo tivesse acontecido, não com o sr. Morley, mas no consultório dele.

– O senhor gosta muito de inventar histórias, não é mesmo?

Poirot ignorou o comentário.

– A senhorita esperava, ou melhor, temia que algo tivesse acontecido no consultório do sr. Morley. Tinha receio de que algo tivesse acontecido com o seu tio. Se era assim, a senhorita devia saber de alguma coisa que não sabíamos. Pensei nas pessoas que haviam estado no consultório naquela manhã e de imediato descobri quem poderia estar ligado à senhorita. O jovem americano, o sr. Howard Raikes.

– Parece uma radionovela! O que é que o senhor está guardando para o próximo episódio?

– Fui encontrar o sr. Howard Raikes. Ele é um jovem atraente e perigoso.

Poirot ficou em silêncio por um momento.

Jane disse, pensativa:

– Ele é mesmo, não é verdade? – ela sorriu. – Certo! Você venceu! Fiquei morta de medo.

Ela se inclinou na direção dele.

– Vou dizer-lhe uma coisa, sr. Poirot. O senhor não é um tipo que se deixe enrolar facilmente. Prefiro confessar-lhe tudo de uma vez, e assim evito que o senhor saia por aí xeretando coisas a meu respeito... Eu amo esse homem, Howard Raikes. Estou louca por ele. A minha mãe trouxe-me aqui só para me afastar dele. Na verdade, não só por esse motivo, mas porque ela também espera que o tio Alistair venha a gostar o suficiente de mim para deixar-me o dinheiro dele quando morrer.

Ela continuou:

– Minha mãe tornou-se sobrinha do tio Alistair depois do casamento. Ela é filha de uma irmã de Rebecca Arnholt. Alistair é meu tio-avô e não tem nenhum parente próximo da própria família. É por isso que minha mãe acha que temos direito à herança. E, além disso, se sente no direito de viver pedindo dinheiro a ele... Veja, sr. Poirot, estou sendo bem franca. Somos assim. Temos bastante dinheiro, muito mais do que deveríamos ter, de acordo com as ideias de Howard, mas não pertencemos ao mundo do tio Alistair.

Ela fez uma pausa e deu um tapa com força no espaldar da cadeira.

– Como é que posso explicar-lhe? Venho de um mundo que é odiado por Howard. E, algumas vezes, me sinto exatamente como ele. Gosto do tio Alistair, mas há ocasiões em que não o entendo. Ele é tão rígido, tão britânico, tão cauteloso e conservador. Às vezes, chego a pensar que ele e as pessoas que estão do lado dele precisam ser eliminados, que eles estão bloqueando o fluxo das coisas... Que sem eles seria possível realizar uma série de coisas!

– A senhorita está se convertendo às ideias do sr. Raikes?

– Estou e não estou. Howard é um selvagem. Ele é mais ousado do que a maioria dos que estão com ele. Há pessoas que concordam com ele só até um ponto. Eles gostariam de tentar coisas novas sem ter de passar por cima do tio Alistair e do grupo dele. Mas é óbvio que algo assim nunca vai acontecer! O que conservadores como o meu tio fazem é endireitar-se na poltrona, balançar negativamente a cabeça e dizer "isso não podemos arriscar". "A proposta não faz sentido do ponto de vista econômico." "Temos as nossas responsabilidades." "A história nos ensina que..." Mas eu acho que não é com a história que devemos aprender. A história nos faz olhar para trás. É preciso olhar à frente!

Poirot disse gentilmente:

– É uma perspectiva sedutora.

Jane olhou para ele, indignada:

– O senhor é igualzinho a eles.

– Talvez, mademoiselle. Sou velho. Homens velhos vão sonhar. Apenas sonhar, a senhorita entende?

Ele fez uma pausa e então perguntou, caindo em si:

– Por que o sr. Howard Raikes marcou aquela consulta na Queen Charlotte Street?

– Por que eu queria que ele conhecesse o tio Alistair e era a única oportunidade que consegui arranjar. Ele tinha uma impressão tão ruim do tio Alistair, tão cheia de... Bem, para falar a verdade, ele o odiava. Pensei que se ele o encontrasse, se tivesse a chance de perceber o quanto o tio Alistair é despretensioso, talvez pudesse ver as coisas de uma forma diferente... O encontro jamais poderia ser aqui, por causa da minha mãe. Ela daria um jeito de estragar tudo.

Poirot disse:

– Mas depois de arranjar o encontro, a senhorita ficou... receosa.

Os olhos dela se arregalaram, tornando-se sombrios.

– Sim. Porque... Porque algumas vezes Howard perde o controle! Ele... ele...

Hercule Poirot disse:

– Ele resolve tomar um atalho... Eliminar...

Jane Olivera gritou:

– Não!

Sete, oito, disponha-os lado a lado

I

Um mês depois da morte do sr. Morley, ainda não se tinha notícias da srta. Sainsbury Seale.

Japp agora irritava-se toda vez que o assunto era mencionado.

– Maldição! Essa mulher tem de estar em algum lugar...

– Certamente, *mon cher* – respondeu Poirot.

– Viva ou morta. Se ela está morta, onde é que está o corpo? Digamos, por exemplo, que tenha se suicidado...

– Outro suicídio?

– Dá para virar o disco? Você quer a todo o custo que a morte de Morley tenha sido um assassinato.

– Você descobriu onde foi comprada a pistola?

– Não. É uma pistola estrangeira.

– Isso é interessante, você não acha?

– Não no sentido em que você está sugerindo. Morley viajou para outros países. Fez diversos cruzeiros com a irmã. Nas ilhas britânicas, todos fazem cruzeiros. Ele deve ter comprado a pistola num outro país. Ingleses gostam da sensação de perigo.

Ele fez uma pausa, depois disse:

– Você me deixa aturdido com a sua insistência. Eu dizia apenas que se aquela maldita mulher cometeu suicídio, se ela se afogou de propósito, por exemplo, o corpo já teria sido encontrado. Se foi assassinada, o mesmo teria ocorrido.

– Não se um peso tivesse sido amarrado ao corpo e ambos largados no Tâmisa.

– Saídos de um porão em Limehouse, imagino! Você fala como um personagem de uma história de detetives, dessas escritas por velhinhas

desocupadas...

– Eu sei, eu sei! Estou mesmo envergonhado.

– A srta. Sainsbury Seale teria sido vítima de uma quadrilha internacional, suponho?

Poirot suspirou. Disse:

– Fui informado, recentemente, de que tais coisas acontecem.

– Informado por quem?

– Pelo sr. Reginald Barnes, da Castlegarden Road, em Ealing.

– Bem, ele deve saber do que está falando – disse Japp, irônico. – Parece que ele se envolveu num caso de extraterrestres quando trabalhava para o governo...

– E você não acha que ele pode ter razão?

– Isso extrapola a minha competência. Ah, sim... tais coisas existem... No geral, não passam de devaneios.

Por um momento ficaram em silêncio. Poirot revirou as pontas do bigode.

Japp disse:

– Conseguimos mais duas informaçõezinhas. Ela voltou da Índia no mesmo navio que Amberiotis. Mas ela viajou de segunda classe e ele de primeira, então não acho que haja algo por trás disso. Mas é verdade também que um dos garçons do Savoy parece ter visto ela almoçar no hotel com Amberiotis, cerca de uma semana antes do grego morrer.

– Então é possível que haja uma ligação entre eles?

– Pode ser, mas não creio que seja o caso. Uma senhora como ela não estaria envolvida em negócios escusos.

– Mas Amberiotis estava, conforme você mesmo está sugerindo.

– Sim, ele estava envolvido com alguns dos nossos amigos da Europa Central. Fazia espionagem.

– Você está certo disso?

– Sim. Bom, ele não sujava as mãos. Não teríamos como acusá-lo de algo mais grave, exceto receber e transmitir informações.

Japp fez uma pausa, depois continuou:

– Mas isso não ajuda nada com relação a Sainsbury Seale. Ela não era o tipo de coisa que ele contrabandearia.

– Ela viveu na Índia, você esqueceu? Houve muita confusão por lá no ano passado.

– Amberiotis e a admirável srta. Sainsbury Seale... Não consigo imaginar que jogassem no mesmo time.

– Você sabia que a srta. Sainsbury Seale era amiga íntima da falecida mulher de Alistair Blunt?

– Quem disse isso? Eu não acredito numa coisa dessas. Foram o quê? Colegas de colégio?

– Foi o que ela disse.

– Hum? Ela lhe disse isso?

– Ela disse ao sr. Alistair Blunt.

– Ah! É a isso que você se refere. O sr. Alistair Blunt parece estar acostumado a esse tipo de abordagem. Você imagina que ela estivesse sendo usada por Amberiotis? Não iria funcionar. Blunt se veria livre dela com uma simples contribuição. Ele não a teria convidado para passar um final de semana em Norfolk. Ele não é tão vulgar assim.

Isso era tão óbvio que Poirot não pôde deixar de concordar. Depois de um ou dois minutos, Japp foi adiante com o seu apanhado da história da srta. Sainsbury Seale.

– Só se o corpo dela foi submerso num tanque com ácido por algum cientista maluco. É um tipo de solução que costumam usar nesses livros. Mas vá por mim. Ideias como essa não têm pé nem cabeça. Se a mulher está morta, o corpo foi discretamente enterrado em algum lugar.

– Mas onde?

– Exatamente. Ela desapareceu em Londres. Não existem jardins em Londres, jardins propriamente ditos. Um pequeno sítio isolado para criação de galinhas, é isso o que estamos procurando!

Um jardim! Poirot lembrou-se subitamente daquele jardim em Ealing, de canteiros retangulares, muito limpo e bem cuidado. Que fantástico seria se uma mulher estivesse ali enterrada! Mas a ideia era muito absurda, e ele resolveu ficar quieto.

– E se não está morta, então onde está? – continuou Japp. Já se passou um mês, o retrato foi publicado nos jornais, circulou por toda a Inglaterra...

– E ninguém a viu?

– Ah, sim, muita gente a viu! Você não faz ideia de quantas mulheres sem juízo de meia-idade, vestindo tailleurs de casaco verde-oliva, existem por aí. Ela foi vista em navios de Yorkshire, em hotéis de Liverpool, em

pensões de Devon e na praia, em Ramsgate! Meus homens têm gastado um bom tempo checando cada uma dessas informações. Elas serviram no máximo para que nos indispuséssemos com um número considerável de senhoras de meia-idade, todas elas acima de qualquer suspeita.

Poirot estalou a língua, solidário.

– E ainda assim ela é realmente autêntica – continuou Japp. – Quero dizer, às vezes nos deparamos com tipos que se fazem passar por aquilo que não são. Dizem ser o fulano de tal, quando o fulano de tal nem mesmo existe. Mas essa mulher existe mesmo, o passado dela é genuíno. Sabemos tudo sobre ela desde a infância. Ela tem levado uma vida perfeitamente normal, previsível, e de repente, sem mais nem menos, desaparece!

– Tem de haver uma explicação.

– Ela não baleou Morley, se é isso que você quer dizer. Amberiotis viu ele vivo, depois que ela saiu do consultório. E checamos os passos que ela deu depois de deixar a Queen Charlotte Street naquela manhã.

Poirot disse, irritado:

– Eu não sugeri em momento algum que ela teria atirado em Morley. É claro que ela não fez isso. Ainda assim...

Japp disse:

– Se você está certo quanto a Morley, então o mais provável é que ele tenha dado a ela alguma pista sobre o assassino, talvez sem que ela percebesse. Nesse caso, é possível que a tenham tirado de circulação de forma deliberada.

Poirot disse:

– Tudo isso envolve uma organização com interesses que extrapolam a morte de um simples dentista que atendia na Queen Charlotte Street.

– Não acredite em tudo que Reginald Barnes diz! A cabeça dele está abarrotada de velhas histórias sobre espiões e comunistas.

Japp levantou-se para ir embora, e Poirot disse:

– Se tiver alguma novidade, me avise.

Depois que Japp foi embora, Poirot sentou-se, entrelaçando as mãos sobre a mesa, pensativo.

Ele tinha o pressentimento de que algo iria acontecer. O que seria?

Lembrou-se de como tinha sentado ali antes, rabiscando ao acaso uma série de fatos e nomes. Um passarinho tinha voado perto da janela carregando um graveto no bico.

Poirot também colecionava gravetos. *Cinco, seis, junte os gravetos*...

Ele tinha, agora, os gravetos todos. Estavam guardados com todo o cuidado em sua mente bem-organizada. Mas ele ainda não tinha tentado colocá-los em ordem. Esse era o próximo passo: dispô-los lado a lado.

O que o impedia de fazer isso? Ele sabia a resposta. Estava esperando algo.

Algo inevitável pelo que teria de passar, o próximo elo na corrente. Só depois ele poderia ir adiante.

II

Uma semana depois, tarde da noite, ele recebeu o chamado de Japp.

– É você, Poirot? Nós a encontramos – a voz do inspetor estava tensa. – É melhor que você venha até aqui: King Leopold Mansions, Battersea Park, apartamento 45.

Quinze minutos depois, um táxi deixava Poirot no bloco de apartamentos em frente ao Battersea Park. O apartamento 45 era no segundo andar. O próprio Japp abriu a porta.

Ele tinha uma expressão sinistra.

– Entre – disse ele. – Não é nada agradável, mas imagino que você prefira ver com os seus próprios olhos.

– Ela está morta? – disse Poirot, mas a pergunta soou mais como uma afirmação.

– Não há qualquer dúvida de que sim!

Poirot inclinou a cabeça na direção de uma porta que ficava ao seu lado direito. Um som familiar vinha dali.

– É o porteiro – disse Japp. – Está vomitando no tanque da área de serviço! Forcei-o a vir aqui para ver se poderia identificá-la.

Japp seguiu pelo corredor e Poirot foi atrás, com o nariz contraído.

– Bem desagradável – disse o inspetor. – Mas o que é que se poderia esperar? Deve fazer um mês que morreu...

O quarto em que entraram servia como um pequeno depósito, com móveis e caixas. No meio dele havia um baú grande de metal, desses usados para se guardar casacos de pele. A tampa estava aberta.

Poirot deu um passo à frente e espiou.

Primeiro viu o pé, num sapato gasto, com uma velha fivela ornamental. Como no primeiro dia em que a tinha visto.

Seu olhar foi subindo pela saia e pelo casaco verde de lã, até alcançar a cabeça.

Poirot soltou um grunhido incompreensível.

– Eu sei – disse Japp. – É chocante.

Tinham demolido todos os traços reconhecíveis da face. A isso se acrescentava o processo natural de decomposição, e os dois homens saíram do quarto eles mesmos com uma tonalidade esverdeada.

– Bem – disse Japp –, faz parte do nosso trabalho, que às vezes é mesmo terrível. Há brandy no quarto ao lado. Acho que um gole lhe faria bem.

A sala era mobiliada num estilo moderno. Havia móveis cromados e poltronas amplas, quadrangulares, estofadas num tecido bege com estampa geométrica.

Poirot achou o brandy e serviu-se uma dose. Depois de terminar de bebê-la, disse:

– Não foi bonito o que fizeram! Agora me diga, meu caro, tudo o que você sabe...

Japp disse:

– Esse apartamento pertence a uma tal de sra. Chapman. Ela é, imagino, uma quarentona enxuta, loira. Não deve nada a ninguém, é fã de um jogo de cartas na casa dos vizinhos, fora isso não sai muito. Não tem filhos. O sr. Chapman trabalha com vendas e está sempre viajando.

– A srta. Sainsbury Seale veio aqui naquela tarde em que falamos com ela. Mais ou menos às 19h15. O provável, portanto, é que tenha vindo direto do Glengowrie Court Hotel. Ela já tinha estado aqui pelo menos uma vez, foi o que o porteiro disse. Você está vendo? Nada de extraordinário. Um encontro entre amigas. O porteiro conduziu a srta. Sainsbury Seale, pelo elevador, até esse apartamento. A última vez que ele a viu, ela estava parada diante da porta, tocando a campainha.

Poirot comentou:

– Ele poderia ter se lembrado disso antes...

– Parece que ele tem uma úlcera. Esteve afastado, no hospital, e foi substituído por outro homem. Não mais de uma semana atrás, ele teria

visto num jornal velho o retrato de uma mulher procurada e comentou com a esposa: “Parece com aquela mulher que fez uma visita à sra. Chapman do segundo andar. Ela usava um vestido verde de lã e sapatos com fivela”. Uma hora depois, acrescentou: “E você não vai acreditar! Parece que tem o mesmo nome... Sim, o nome é o mesmo. Srta. não sei o que Berry Seale!”.

– Depois disso – continuou Japp –, ele ficou mais uns quatro dias relutando em procurar a polícia e passar a informação, por um receio natural de se envolver na história. Achamos que a denúncia não fosse dar em nada. Você não tem ideia de quantas informações falsas recebemos sobre o caso. Mas pedi ao sargento Beddoes que viesse averiguar. Ele é desses novatos que agora nos mandam. Tem diploma universitário. Mas é talentoso e desconfiou de cara que dessa vez a coisa era para valer. Já fazia um mês que não viam a sra. Chapman. Ela tinha desaparecido sem deixar nenhum outro endereço. Era estranho. Na verdade, tudo o que ele pôde descobrir a respeito do sr. e da sra. Chapman parecia estranho...

– O porteiro disse a ele que não vira a srta. Sainsbury Seale ir embora. Ela poderia ter descido pelas escadas e saído sem ser vista. Mas o porteiro acrescentou que a sra. Chapman deixara o apartamento logo em seguida. No outro dia, o seguinte recado, em letras garrafais, podia ser lido na porta: *Não precisamos de leite. Avise a Nellie que tive de viajar*. Nellie era a empregada. Já tinha acontecido, uma ou duas vezes, da sra. Chapman ter de viajar com urgência, então a moça não estranhou. O estranho era ela não ter pedido ajuda ao porteiro para descer com as malas e chamar o táxi.

– Beddoes resolveu entrar no apartamento. Conseguimos um mandado, e a chave com o síndico. Não achamos nada de interessante, exceto no banheiro. Tinham feito uma limpeza apressada por ali. Havia traços de sangue no piso, ou melhor, nos cantos. Não se lembraram de limpar depois de enxaguar o chão. Agora faltava apenas encontrar o corpo. Se a sra. Chapman tivesse levado alguma bagagem, o porteiro saberia. Por isso, o corpo tinha ainda de estar no apartamento. Descobrimos aquele baú para conservação de peles, hermeticamente fechado... Um lugar perfeito. Encontramos as chaves na gaveta da penteadeira. Abrimos e lá estava a bela desaparecida! O *ramo de visco* em sua mais nova versão.[4]

Poirot perguntou:

– E o que foi que aconteceu à sra. Chapman?

– É o que gostaríamos de saber. O primeiro nome dela é Sylvia. Uma coisa é certa. Ela, ou algum de seus amigos, matou a srta. Sainsbury Seale e a escondeu no baú.

Poirot concordou com a cabeça.

Ele perguntou:

– Mas por que desfiguraram o rosto dela? Uma atitude brutal.

– Concordo que é brutal, mas não tenho como saber porque fizeram isso. Vingança? É possível. Ou talvez tenha sido para impedir que o corpo fosse identificado.

– Mas o corpo pôde ser identificado da mesma forma.

– Sim, porque tínhamos uma descrição muito precisa do que Mabelle Sainsbury Seale estava vestindo quando desapareceu, e além disso sua bolsa também foi enfiada no baú. Nessa bolsa, encontramos uma velha carta endereçada a ela quando estava hospedada no Russell Square Hotel.

Poirot sentou-se e disse:

– Mas isso não faz sentido!

– Certamente que não. Suponho que tenham se descuidado.

– Sim, talvez, mas...

Ele se levantou.

– Você chegou a dar uma olhada no apartamento?

– Sim. Averiguamos tudo. Não há mais nada de particularmente esclarecedor.

– Eu gostaria de dar uma olhada no quarto da sra. Chapman.

– Venha comigo, então.

No quarto não havia nenhum sinal de que a sra. Chapman tivesse tido mesmo de viajar às pressas. Tudo estava no lugar. A cama, arrumada para dormir, não tinha sido usada. Uma fina camada de poeira cobria os móveis.

Japp disse:

– Não há impressões digitais, até onde se pode ver. Há algumas na cozinha, mas imagino que venham a ser identificadas como da empregada.

– Isso significa que limparam com cuidado o apartamento depois do assassinato?

– Sim.

Os olhos de Poirot divagaram calmamente pelo quarto. A mobília era moderna, assim como a da sala de estar, e parecia ter sido adquirida por

alguém com uma renda razoável. A decoração era cara, mas não muito. Eram artigos mais de ostentação do que realmente de primeira classe. Tudo puxava para o rosa pink. Poirot deu uma olhada no armário embutido e entre as roupas nos cabides. Eram igualmente arrojadas, mas não de primeira classe. Seus olhos foram atraídos para os sapatos, em sua maioria sandálias da moda, algumas com saltos exagerados de cortiça. Ele balançou um deles no ar, tomando nota mentalmente do fato de que a sra. Chapman calçava o número 37, depois colocou-o de volta. Num outro armário, encontrou uma pilha de peles amontoadas.

Japp disse:

– Isso saiu do baú.

Poirot concordou. Pegou um casaco cinza de pele de esquilo e disse:

– São peles de primeira – depois largou-o e foi dar uma olhada no banheiro.

Havia uma quantidade enorme de cosméticos. Ele examinou-os com atenção. Pó de arroz, ruge, creme para manchas, máscaras de beleza, tinturas de cabelo.

Japp disse:

– Imagino que não fosse uma das nossas loiras naturais.

Poirot murmurou:

– Aos quarenta, *mon ami*, o cabelo da maioria das mulheres começa a ficar grisalho, e a sra. Chapman não era do tipo que fosse se submeter passivamente aos ditames da natureza.

– Vai ver que agora ela está usando rena vermelha, só para dar uma variada.

– É possível.

Japp disse:

– Posso sentir que há algo que o preocupa. O que é?

– Sim, estou mesmo preocupado. Seriamente preocupado. O que vejo aqui é um problema que me parece sem solução.

Resoluto, Poirot caminhou de volta para o quarto onde estava o baú.

Ele tentou tirar o sapato do pé da morta. O sapato resistiu e só saiu depois de um bom esforço.

Ele examinou a fivela. Ela tinha sido costurada de volta manualmente e sem muito cuidado.

Hercule Poirot suspirou e disse:

– Será que estou sonhando?

Japp disse, desconfiado:

– Mas o que é que você está tentando fazer? Tornar as coisas ainda piores?

– Exatamente.

Japp disse:

– Um sapato comum de couro com fivela. O que há demais nisso?

Hercule Poirot disse:

– Nada, absolutamente nada. Mas ainda assim... eu não compreendo!

III

O porteiro referira a sra. Merton, do apartamento 82, como sendo a melhor amiga da sra. Chapman no prédio.

Foi, portanto, até o apartamento 82 que Japp e Poirot se dirigiram em seguida.

A sra. Merton era uma mulher loquaz, que fazia caras e bocas debaixo do penteado elaborado.

Não foi necessário qualquer estímulo para que falasse. Espontaneamente, ela assumiu o ar dramático que julgava apropriado à situação.

– Sylvia Chapman? Bem, obviamente a conheço... Não posso dizer que fôssemos amigas íntimas. Costumávamos jogar cartas à noite, às vezes íamos ao cinema e, é claro, fazíamos compras. Mas... oh! Não me diga que ela está morta, está?

Japp a acalmou, explicando que não.

– Ah, graças a Deus! É que o carteiro, agorinha mesmo, perguntava a respeito de um cadáver encontrado num dos apartamentos. Ele estava curiosíssimo. Mas é claro que não podemos acreditar em tudo que escutamos, não é mesmo? Eu nunca acredito.

Japp perguntou se ela tivera notícias da sra. Chapman.

– Não, não tenho nenhuma notícia dela. A última vez que a vi, planejávamos assistir ao novo show de Ginger Rogers e Fred Astaire, semana que vem. E ela não disse que iria viajar.

A sra. Merton nunca ouvira falar de nenhuma srta. Sainsbury Seale. A sra. Chapman jamais referira alguém com aquele nome.

– Mesmo assim, o nome não me é de todo estranho. É até familiar, eu poderia dizer. Acho que vi esse nome escrito em algum lugar, bem recentemente.

Japp disse, sarcástico:

– Tem estado em todos os jornais por semanas...

– Claro que sim. Uma pessoa desaparecida, não é mesmo? E o senhor pensa que a sra. Chapman a conhecia? Não. Jamais ouvi Sylvia mencionar alguém com um nome desses, tenho certeza.

– A senhora poderia me falar alguma coisa a respeito do sr. Chapman?

A sra. Merton fez uma careta e disse:

– Era um comerciante e estava sempre viajando, pelo menos é o que me dizia a sra. Chapman. Ele viajava para o exterior representando a empresa. Uma empresa de armamentos, eu acredito. Conhecia a Europa toda.

– A senhora alguma vez o encontrou?

– Não, nunca. Ele raramente estava em casa. Quando estava, ele e a sra. Chapman não queriam perder tempo com pessoas de fora, o que era muito compreensível.

– A senhora sabe se a sra. Chapman tinha algum parente ou outros amigos?

– Sobre amigos eu não sei. Acho que ela não tinha nenhum parente próximo. Ela nunca falou de ninguém.

– Ela já esteve na Índia?

– Não que eu saiba.

A sra. Merton fez uma pausa e então despejou:

– Mas, por favor, me digam... Por que é que estão fazendo todas essas perguntas? Entendo que sejam da Scotland Yard e tudo mais, mas deve haver algum motivo em especial...

– Bem, a senhora vai ficar sabendo mais cedo ou mais tarde. O fato é que um cadáver foi mesmo encontrado no apartamento da sra. Chapman.

– O quê! – exclamou a sra. Merton, esbugalhando os olhos. – Um cadáver? Do sr. Chapman? De um estrangeiro, quem sabe...

Japp disse:

– Não era o cadáver de um homem, mas de uma mulher.

– De uma mulher? – a sra. Merton parecia ainda mais surpresa.

Poirot observou, educado:

– Por que a senhora imaginou que fosse um homem?

– Ah, não sei! Me pareceu mais provável...

– Mas por quê? Seria porque a sra. Chapman costumava receber visitas masculinas?

– Não, não! De forma alguma – corrigiu a sra. Merton, indignada. – Não foi isso que eu quis dizer. Sylvia Chapman estava longe de ser uma mulher dessas. Nunca. Disse isso apenas porque o sr. Chapman... quero dizer...

Ela se interrompeu.

Poirot disse:

– Está me parecendo, madame, que a senhora sabe de mais coisas do que está nos contando.

A sra. Merton disse, receosa:

– Bem, eu... O que é que posso fazer? Eu não gostaria de ter de trair a confiança de uma amiga. Eu jamais comentaria a respeito de um segredo de Sylvia, exceto talvez com uma ou duas amigas minhas muito íntimas em quem tenho total confiança...

A sra. Merton se inclinou para frente e disse baixinho:

– Foi uma coisa que ela deixou escapar outro dia. Estávamos assistindo a um filme sobre espionagem, e a sra. Chapman comentou que quem o tinha feito não devia conhecer muito bem o assunto. E então ela me disse, mas me fez jurar que eu guardaria segredo... Disse que o sr. Chapman trabalhava para o Serviço Secreto Britânico. Essa era a razão pela qual ele viajava tanto. A história da empresa de armamentos era só fachada. E a sra. Chapman sofria horrores, porque quando ele estava viajando, ela não podia escrever a ele e também não recebia dele nenhuma carta. E o trabalho dele era, é claro, absolutamente perigoso!

IV

Enquanto desciam as escadas de volta ao apartamento 42, Japp desabafou:

– É como se estivéssemos mesmo num desses livros de espionagem... Parece que estou ficando maluco!

Beddoes, o jovem sargento, estava esperando por eles. Ele disse:

– Não consegui descobrir nada de importante com a empregada, senhor. A sra. Chapman estava sempre trocando de empregada, parece. Essa moça trabalhava para ela há não mais que um ou dois meses. Ela disse que a sra. Chapman era uma mulher simpática, que gostava de ouvir rádio e conversar. A moça suspeitava que o sr. Chapman enganasse a mulher, sem que essa soubesse de nada. A sra. Chapman às vezes recebia cartas do exterior, uma da Alemanha, duas dos Estados Unidos, uma da Itália e outra da Rússia. A empregada era casada com um colecionador de selos e recebia vários deles de presente da patroa.

– Descobriram alguma coisa entre os papéis da sra. Chapman?

– Nada. Ela não guardava muita coisa. Algumas contas e recibos, todos daqui. Havia ainda velhos programas de teatro, uma ou duas receitas recortadas de jornais e um panfleto de uma missão Zenana.

– Já podemos imaginar quem é que trouxe esse panfleto aqui. A sra. Chapman não tem o perfil de uma assassina, mas tudo indica que esteja envolvida. Pode ser acusada pelo menos de cúmplice. Nenhum homem estranho foi visto no edifício aquela noite?

– O porteiro não se lembra de ter visto ninguém. Seria difícil mesmo que lembrasse. É um edifício com muitos apartamentos. Tem sempre alguém entrando ou saindo. Ele só lembra da data da visita da srta. Sainsbury Seale porque foi levado para o hospital no dia seguinte. Era uma noite em que, aliás, ele não se sentia nada bem.

– Algum dos vizinhos ouviu alguma coisa?

O jovem fez que não com a cabeça.

– Perguntei tanto no apartamento de cima como no de baixo. Ninguém se lembra de ter ouvido coisa alguma. O rádio deles estava ligado, eu acho.

O médico-legista saiu do banheiro, onde estivera lavando as mãos.

– Deus meu, que cadáver! Enviem-na ao instituto quando estiverem prontos que vou fazer o exame completo.

– O senhor não tem ideia da causa da morte?

– É impossível saber antes da autópsia. O que posso dizer com certeza é que os traumatismos do rosto foram feitos depois que ela morreu. Poderei dizer mais coisas quando a levarem ao necrotério. Uma mulher de meia-idade, mas saudável. Cabelos pintados de loiro, grisalhos na raiz. Podem haver marcas características no corpo, do contrário será difícil fazer a identificação. Ah! Vocês já sabem quem ela é? Esplêndido. Como? Mulher desaparecida... bem, eu nunca leio os jornais, apenas faço as palavras cruzadas.

Japp disse, sarcástico, depois que o doutor saiu:

– E isso depõe a favor do trabalho dele...

Poirot examinava a escrivaninha. Ele pegou uma cadernetinha de endereços marrom.

Beddoes, sempre atento, comentou:

– Não há nada de interessante aí. No geral, salões de beleza, ateliês de moda etc. Nomes de pessoas eu os anotei todos, junto com os respectivos endereços.

Poirot abriu o livro na letra D. Leu:

Dr. Davis, Prince Albert Road, número 17
Drake e Pomponetti, peixaria
Abaixo estava escrito:
Dentista. Sr. Morley, Queen Charlotte Street, número 58

Os olhos de Poirot se acenderam instantaneamente. Ele disse:

– Imagino que não seja muito difícil verificar a identidade do corpo...

Japp olhou para ele e perguntou, desconfiado:

– O que você quer dizer com isso? Você não está sugerindo que...

Poirot respondeu, veemente:

– Quero ter *certeza*...

V

A srta. Morley tinha se mudado para o interior, perto de Hertford, onde vivia num pequeno chalé.

O atirador de granadas recebeu Poirot com um cumprimento amistoso. Desde a morte do irmão, seu rosto se tornara ligeiramente mais sombrio, a postura mais empertigada e a atitude diante da vida mais inflexível. A maneira como a credibilidade profissional do irmão fora manchada durante o inquérito deixara-lhe um ressentimento amargo.

Ela tinha razões para acreditar que Poirot também questionasse o resultado da investigação e por isso foi um pouco menos fria.

Respondeu de boa vontade às perguntas dele. Todas as anotações profissionais do sr. Morley tinham sido cuidadosamente organizadas pela srta. Nevill, que as entregara ao sucessor dele. Alguns dos pacientes do sr. Morley eram agora atendidos pelo sr. Reilly, outros pelo novo sócio, e havia ainda os que tinham mudado de clínica.

Depois de ter passado todas as informações que sabia, a srta. Morley disse:

– Então o senhor encontrou aquela mulher que era paciente de Henry, a srta. Sainsbury Seale, e ela também foi assassinada?

O "também" foi dito num tom de ousadia. Ela acentuou o termo ao dizê-lo.

Poirot respondeu com outra pergunta:

– Seu irmão nunca lhe comentou nada a respeito da srta. Sainsbury Seale?

– Não, não me lembro dele ter comentado alguma coisa. Não conversávamos muito a respeito do trabalho dele. Às vezes, ele fazia algum comentário, por exemplo, sobre um paciente com um problema mais complicado ou sobre algo engraçado que fora dito por outro paciente. Mas em geral ele estava cansado quando voltava para casa e procurava se distrair com outras coisas.

– Alguma vez ele comentou algo a respeito de uma paciente chamada sra. Chapman?

– Chapman? Não, não me lembro. Mas a pessoa mais indicada para passar-lhe informações sobre os pacientes do meu irmão é a srta. Nevill.

– Estou ansioso para falar com ela. Onde é que ela está agora?

– Acredito que esteja trabalhando com um dentista em Ramsgate.

– Ela ainda não chegou a casar com o jovem Frank Carter?

– Não. Espero que isso nunca aconteça. Eu não gosto daquele jovem, sr. Poirot. Realmente, não gosto. Há algo de errado com ele. Tenho a impressão de que ele não tem muita consciência das coisas que faz.

Poirot disse:

– A senhorita acredita que ele possa ter atirado no seu irmão?

A srta. Morley disse, pensativa:

– De fato eu tenho a impressão de que ele seria capaz disso, ele tem um temperamento incontrolável. Mas não consigo imaginar que tivesse um motivo ou oportunidade. Henry não conseguiu persuadir Gladys a deixá-lo. Se isso tivesse ocorrido, seria diferente. Mas Gladys continuou fiel a Frank.

– E se ele tivesse sido pago?

– Pago? Para matar meu irmão? Mas que ideia maluca!

Uma moça bonita, de cabelos pretos, trouxe o chá naquele momento. Depois de ter fechado a porta atrás de si, Poirot disse:

– Essa moça trabalhava para a senhora em Londres, não?

– Agnes? Sim, ela era a nossa copeira e arrumadeira. A cozinheira eu tive de deixar. Ela não queria vir para o interior, e Agnes, de qualquer forma, faz tudo o que preciso. Ela está se tornando uma excelente cozinheira.

Poirot concordou.

Ele conhecia muito bem as tarefas dos diferentes empregados no número 58 da Queen Charlotte Street. Na época da tragédia, o funcionamento da casa tinha sido investigado em detalhes. O sr. Morley e a irmã ocupavam os dois andares superiores, como se fosse um apartamento. A única parte utilizada do porão era uma passagem estreita levando ao jardim dos fundos, de onde um contêiner de arame subia aos andares superiores com as compras da casa e onde um tubo de comunicação fora instalado. A única entrada da casa era pela porta da frente, que Alfred deveria atender. Isso convencera a polícia de que nenhum estranho poderia ter entrado na casa aquela manhã.

Tanto a copeira como a cozinheira trabalhavam para os Morley já fazia alguns anos, e eram pessoas confiáveis. Assim, embora, em teoria, fosse possível que uma delas tivesse dado uma escapada ao segundo andar e atirado no patrão, tal possibilidade não fora seriamente considerada. As

duas tinham mantido a calma durante o interrogatório e não havia nenhuma razão que pudesse conectá-las com a morte do patrão.

Não obstante isso, ao alcançar a Poirot o chapéu e a bengala, Agnes perguntou a ele, com um nervosismo suspeito:

– Por acaso, senhor... alguém descobriu alguma coisa mais a respeito da morte do patrão?

Poirot virou-se para observá-la melhor. Ele disse:

– Nada de novo foi descoberto.

– Ainda estão certos de que ele se matou por causa do erro que cometeu com aquela droga?

– Sim. Por que você pergunta isso?

Agnes dobrou a barra do avental, virando o rosto para o lado. Ela disse de uma forma quase indistinta:

– A patroa pensa que não foi assim.

– E você concorda com ela?

– Eu? Ah, não, senhor. Eu não sei de nada. Só queria... me certificar.

Hercule Poirot perguntou, numa voz tranquila:

– Você ficaria aliviada tendo certeza de que foi um suicídio?

– Ah, realmente, senhor – concordou Agnes depressa.

– Por alguma razão em especial?

Os olhos arregalados dela encontraram os dele. Ela recuou um pouco para trás.

– Eu... eu não sei nada sobre isso, senhor. Eu apenas perguntei...

– Mas perguntou por quê? – disse Poirot a si mesmo enquanto caminhava na direção do portão.

Devia haver um motivo para a pergunta, certamente. Por enquanto ele não sabia qual.

Mesmo assim, sentiu que estava mais próximo da verdade.

VI

Quando Poirot retornou ao apartamento, ficou surpreso ao saber que uma visita o esperava.

Uma careca reluzente era visível acima do encosto, e então a figura distinta do sr. Barnes ergueu-se detrás da poltrona, virando-se na direção de Poirot.

Com os olhos como sempre cintilantes, ele desculpou-se por vir sem avisar.

Sua intenção era retribuir a visita de Hercule Poirot.

Poirot, por sua vez, afirmou estar encantado com a surpresa.

Ele pediu a George que trouxesse um café, a menos que o sr. Barnes preferisse chá ou um uísque?

– Um café está ótimo – disse o sr. Barnes. – Imagino que o seu criado saiba prepará-lo. A maioria dos empregados ingleses não sabe.

Trocadas as gentilezas, o sr. Barnes deu uma tossidinha e então falou:

– Serei franco, sr. Poirot. Vim aqui por mera curiosidade. O senhor, imagino, deve estar bem informado quanto aos detalhes desse estranhíssimo caso. Li nos jornais que encontraram a srta. Sainsbury Seale. Li também que um inquérito foi aberto a fim de que o caso pudesse ser devidamente investigado. A causa da morte teria sido uma overdose de barbitúricos.

– É o que estão dizendo.

Ficaram ambos em silêncio por um tempo, até que Poirot perguntou:

– O senhor alguma vez já ouviu falar de Albert Chapman?

– Ah! O marido da senhora em cujo apartamento a srta. Sainsbury Seale veio a morrer? Um sujeito que quase ninguém conhece, eu diria.

– Mas que provavelmente existe?

– Ah, sim – disse o sr. Barnes. – Ele existe. Existe ou existia. Ouvi dizer que está morto. Mas não se pode acreditar em tudo que se escuta.

– Quem era ele, sr. Barnes?

– Não creio que o inquérito venha a explicar isso. Não se puderem evitar. Vão usar a história da empresa de armamentos.

– Mas então ele pertencia ao Serviço Secreto?

– Claro. Mas ele não tinha nada que dizer isso à mulher. Na verdade, ele não deveria ter continuado no Serviço Secreto depois do casamento. Não se costuma ficar, especialmente quando se faz um tipo de trabalho que deve permanecer em segredo.

– E Albert Chapman era esse tipo de agente?

– Sim. Q.X.912. Era assim que o conheciam. Não se usam nomes. Ah, não quero dar a entender que Q.X.912 fosse um agente importante ou algo do tipo. Ele era útil exatamente por ser insignificante. Tinha um rosto que não seria lembrado com facilidade. Era muito usado como mensageiro, por toda a Europa. O senhor sabe do que estou falando. Uma carta oficial, num estilo edificante, enviada através do nosso embaixador na Ruritânia, depois uma mensagem não oficial, contendo os aspectos sórdidos do negócio, enviada via Q.X.912, quer dizer, pelo sr. Albert Chapman.

– Então ele estava a par de muitas informações?

– Ele não devia saber de muita coisa – disse o sr. Barnes, animado. – O trabalho dele era apenas entrar e sair de trens, navios, aviões e ter uma desculpa na ponta da língua para justificar onde ia caso perguntassem.

– E o senhor ouviu dizer que ele está morto?

– É o que eu ouvi dizer. Mas não se deve acreditar em tudo o que se escuta. Eu sempre desconfio.

Olhando atentamente para o sr. Barnes, Poirot perguntou:

– O que o senhor pensa que ocorreu com a mulher dele?

– Não faço a menor ideia – disse o sr. Barnes. Ele arregalou os olhos para Poirot:

– O senhor faz?

Poirot respondeu:

– Tenho um palpite... – ele se interrompeu.

Ele disse, lentamente:

– É uma coisa complicada.

O sr. Barnes murmurou, solidário:

– Alguma coisa em especial o incomoda?

Hercule Poirot finalizou, pensativo:

– Sim. Algo que tenho diante dos olhos...

VII

Japp entrou na sala de Poirot e bateu com tal violência o seu chapéu sobre a mesa que ela chegou a balançar.

Ele disse:

– De onde é que você foi tirar essa ideia?

– Meu Deus, Japp. Não sei do que você está falando.

Japp disse devagar, acentuando cada palavra:

– O que o fez pensar que o corpo não era o da srta. Sainsbury Seale?

Poirot pareceu preocupado. Ele disse:

– Fiquei intrigado com o que fizeram com o rosto. Por que desfigurar o rosto de uma mulher?

Japp disse:

– Juro que gostaria que o velho Morley pudesse ouvir isso. É possível, você sabe, que o tenham tirado de circulação de propósito, a fim de que ficasse de bico fechado.

– Melhor mesmo seria se ele pudesse falar.

– Leatheran, o sucessor de Morley, é um dentista competente, bem-educado, e a evidência é inquestionável.

A notícia sensacional veio estampada nos vespertinos do dia seguinte. O corpo encontrado no apartamento em frente ao Battersea Park, que se acreditava ser da srta. Sainsbury Seale, fora identificado como sendo da sra. Chapman.

O sr. Leatheran, dentista que atendia na Charlotte Street, número 58, atestava o fato inequivocamente, com base na evidência fornecida pelos dentes e a mandíbula, cujos detalhes haviam sido preservados nos arquivos do falecido sr. Morley.

O corpo fora vestido com as roupas da srta. Sainsbury Seale, e a bolsa dela também tinha sido encontrada com o corpo. Mas onde estava a srta. Sainsbury Seale?

Nove, dez, uma galinha bem gorda

I

Quando saíam do inquérito, Japp disse, eufórico:

– Foi um bom trabalho. Ficaram embasbacados...

Poirot concordou.

– Você se deu conta antes – disse Japp –, mas eu mesmo não estava satisfeito com o corpo. Ninguém sai demolindo o rosto e a cabeça de um morto a troco de nada. É um trabalho sujo, desagradável, e era preciso haver uma razão para fazerem isso. E a única razão era dificultar a identificação. – Ele acrescentou, generoso:

– Mas eu não teria me dado conta tão cedo de que o corpo era o de outra mulher.

Poirot disse, sorrindo:

– Entretanto, meu caro, o físico das duas mulheres era semelhante no que diz respeito ao essencial. A sra. Chapman era uma mulher inteligente, elegante, que andava bem-maquiada e bem-vestida. A srta. Sainsbury Seale era desajeitada e não sabia escolher sequer o batom ou o ruge. Mas as características mais básicas eram as mesmas. Eram ambas quarentonas. Tinham a mesma altura e o mesmo tipo físico. O cabelo de ambas começava a se tornar grisalho, e elas o retocavam usando tinta dourada.

– Sim, claro, se você analisa a coisa por esse ângulo... Mas é preciso admitir: a bela Mabelle nos passou mesmo a perna! Eu teria jurado que ela *era* autêntica.

– Mas ela era autêntica. Sabemos tudo do passado dela.

– Não sabíamos que ela era uma assassina em potencial, e é isso que está parecendo agora. Não foi Sylvia quem matou Mabelle, foi Mabelle quem matou Sylvia.

Hercule Poirot sacudiu negativamente a cabeça, preocupado. Ele ainda não conseguia ver Mabelle Sainsbury Seale como uma assassina. Dentro da sua cabeça, entretanto, ecoava a vozinha irônica do sr. Barnes: "Procure entre as pessoas respeitáveis..."

Mabelle Sainsbury Seale tinha uma reputação acima de qualquer suspeita.

Japp disse, determinado:

– Vou levar essa história até o fim, Poirot. Essa mulher não vai me fazer de bobo.

II

No dia seguinte, Japp telefonou. Sua voz soava estranha.

– Poirot, quer que eu lhe conte uma novidade? *C'est fini! Fini*! – disse ele num tom diferente.

– *Pardon*? Talvez haja algum problema na linha. Não consegui ouvir direito...

– Está acabado, meu velho. Acabado. Missão cumprida. Tire o resto do dia para fazer o que bem entender.

Poirot assustou-se. Por trás da brincadeira, devia haver algo de muito sério.

– O que é que está acabado?

– Toda essa maldita história! Não estão mais interessados no bandido nem na publicidade. Acabou o jogo.

– Continuo sem entender.

– Bem, preste atenção. Não posso mencionar nomes. Você se lembra da nossa investigação? Lembra de que íamos varrer o país em busca de uma canastrona?

– Sim, sim, perfeitamente. Agora estou entendendo.

– Bem, a busca foi cancelada. Mandaram passar uma borracha por cima do assunto. Ficar de bico calado. Você está me entendendo?

– Sim, sim. Mas por quê?

– Ordens do Ministério do Exterior.

– Mas não é muito raro intervirem dessa forma numa investigação?

– Bem, às vezes acontece.

– Por que eles seriam tão indulgentes com a srta... com a canastrona?

– Eles não estão nem aí para ela. Eles têm medo do que possa vazar para o público, caso ela venha a depor. Do que possa vazar a respeito do cadáver, a respeito da sra. C. É por isso que querem silêncio! A única explicação é a de que o maldito marido dela... o sr. A. C.... Você entendeu?

– Sim, sim.

– Ele deve estar por aí, numa situação delicada, e eles não querem mais complicação.

– Xi!

– O que foi que você disse?

– Nada, só fiquei desapontado.

– Ah, achei que tivesse espirrado ou algo parecido. Eu entendo o seu desapontamento. Eu poderia usar um termo ainda mais forte. Deixar aquela mulher escapar assim é algo que me deixa furioso.

Poirot disse com toda a calma:

– Ela não vai escapar.

– Estamos de mãos amarradas, acredite em mim!

– As suas talvez, as minhas não.

– Eis o velho Poirot! Então você pretende levar isso adiante?

– Mais *oui*, até a morte.

– Bem, pois que não seja a sua morte, meu velho! Se a coisa seguir no mesmo rumo, eu não me espantaria se alguém lhe enviasse uma tarântula pelo correio!

Enquanto desligava o telefone, Poirot pensou consigo mesmo: “mas por que é que eu fui usar essa expressão melodramática ‘até a morte’? *Vraiment*, é absurdo”.

III

A carta veio no correio da tarde. Tinha sido batida à máquina, mas estava assinada à mão.

Caro sr. Poirot,

Ficaria muito agradecido se o senhor me procurasse amanhã. Gostaria que o senhor me prestasse um favor. Sugiro que venha à minha casa, em Chelsea, ao meio-dia e meia. Se o horário não for conveniente para o senhor, ligue para o meu secretário. Peço desculpas por avisar-lhe tão em cima da hora.

Cordialmente,
Alistair Blunt

Poirot alisou a carta e leu-a uma segunda vez. Naquele momento, o telefone tocou.

Hercule Poirot às vezes gostava de brincar de que era capaz de descobrir, pelo toque do telefone, o tipo de ligação que iria receber.

Naquela ocasião, tinha quase certeza de que a chamada seria importante. Não seria um engano e nem uma ligação de algum amigo.

Ele levantou-se e foi atender.

– *Allo*?

Uma voz estranha perguntou:

– Que número é aí, por favor?

– Whitehall 7272.

Houve uma pausa, um clique e então a voz falou. Era a voz de uma mulher.

– Sr. Poirot?

– Sim.

– Sr. Hercule Poirot?

– Sim.

– O senhor já recebeu ou está para receber uma carta.

– Quem está falando?

– Não é necessário que o senhor saiba.

– Muito bem, minha senhora. Recebi hoje à tarde, pelo correio, oito cartas e três contas para pagar.

– Então o senhor sabe a que carta estou me referindo. O senhor faria bem em recusar o favor que estão lhe pedindo.

– Isso, minha senhora, é algo que terei eu mesmo de decidir.

A voz disse friamente:

– Estou avisando, sr. Poirot. Sua interferência nesse assunto não vai ser mais tolerada. Mantenha-se afastado.

– E se eu não me afastar?

– Então vamos tomar providências a fim de impedir a sua interferência.

– Isso é uma ameaça!

– Pedimos apenas que o senhor seja razoável... Para o seu próprio bem.

– Agradeço pela generosidade.

– O senhor não vai poder mudar o curso dos acontecimentos e aquilo que já foi planejado. Portanto, fique fora do que não é da sua conta! O senhor está entendendo?

– Ah, sim, entendi muito bem. Mas considero que a morte do sr. Morley é da minha conta.

– A morte de Morley foi apenas um acidente. Ele interferiu nos nossos planos – retrucou ela, ríspida.

– Minha senhora, ele era um ser humano, e morreu antes da hora.

– Ele não tinha nenhuma importância.

A voz de Poirot soou ameaçadora quando ele disse, calmamente:

– A senhora está errada quanto a isso...

– A culpa foi toda dele. Ele não quis ser razoável.

– Eu também não vou ser razoável.

– Então o senhor é um tolo.

Ouviu-se um clique do outro lado, o telefone sendo desligado.

– *Allo*? – Poirot disse, e desligou também o seu aparelho. Ele não se deu ao trabalho de pedir à telefonista que rastreasse o número. Tinha certeza de que a ligação havia sido feita de uma cabine pública.

O que o deixou intrigado e confuso foi o fato da voz não lhe parecer estranha. Ele quebrou a cabeça tentando descobrir quem seria. Poderia ser a voz da srta. Sainsbury Seale?

Conforme ele se lembrava, a voz de Mabelle Sainsbury Seale era fina e afetada, com uma dicção pedante. A voz do telefone não se parecia nenhum pouco com ela, mas talvez fosse a srta. Sainsbury Seale disfarçando a voz. Ela tinha trabalhado como atriz e poderia provavelmente alterar a voz sem muita dificuldade. O timbre não era de todo diferente.

Mas havia algo de errado com essa explicação. A voz lhe lembrava de uma outra pessoa. Não era uma voz que ele conhecesse bem, mas já a ouvira antes, pelo menos uma ou duas vezes.

Por que, ele se perguntava, se dar ao trabalho de ligar e ameaçar? Será que acreditavam que pudessem detê-lo com ameaças? Aparentemente sim. Que ingenuidade!

IV

Na manhã do dia seguinte, os jornais traziam uma notícia sensacional. O primeiro ministro fora baleado ao sair da sua residência na Downing Street, junto com um amigo, na noite anterior. Por sorte, a bala tinha passado apenas de raspão. O atirador, um indiano, tinha sido detido.

Depois de ler isso, Poirot tomou um táxi até a Scotland Yard, onde foi conduzido à sala de Japp. O inspetor o cumprimentou efusivo.

– Então as notícias o fizeram vir até aqui? Algum dos jornais mencionou quem era o amigo que estava com o primeiro ministro?

– Não, quem era?

– Alistair Blunt.

– É mesmo?

– E temos boas razões para acreditar que o alvo era o sr. Blunt e não o primeiro-ministro. A menos que o atirador estivesse bêbado!

– Quem foi que atirou?

– Um estudante indiano maluco. Como sempre, um atentado mal planejado. Mas colocaram a ideia na cabeça dele. Não foi ele quem inventou tudo.

Japp acrescentou:

– Foi um bom trabalho terem-no pego. Há sempre gente nossa vigiando a residência do ministro. Quando o tiro foi disparado, um jovem americano segurou um homenzinho de barba, que nada tinha a ver com a história. Ficou agarrado a ele como se fosse a sua boia de salvação e gritava pela polícia. Enquanto isso, o indiano ia saindo de fininho, mas o nosso pessoal estava de olho e não o deixou escapar.

– Quem era o americano? – perguntou Poirot, curioso.

– Um jovem chamado Raikes. Por quê? Qual é o problema? – disse ele, olhando espantado para Poirot.

Poirot disse:

– Você quer dizer Howard Raikes, o hóspede do Holborn Palace Hotel?

– Exatamente. Hum? Ah, sim! Pensei mesmo que o nome fosse familiar. Ele é o paciente que saiu do consultório sem ser atendido naquela manhã em que Morley se matou...

Japp fez uma pausa e continuou, pensativo:

– É mesmo esquisito... Volta e meia aparece alguma coisa relacionada com esse velho caso. Você ainda não desistiu dele, desistiu, Poirot?

– Não. Continuo com as minhas ideias...

V

Na mansão gótica, Poirot foi recebido por um secretário. Um jovem alto, manco, muito bem-educado.

– Peço desculpas, sr. Poirot, também em nome do sr. Blunt. Ele teve de ir até a Downing Street por causa desse... er... incidente da noite passada. Eu liguei para o seu apartamento, mas infelizmente o senhor já tinha saído.

O jovem acrescentou imediatamente:

– O sr. Blunt incumbiu-me de convidá-lo para passar o final de semana com ele em Kent. Na casa de campo, o senhor sabe. Se o senhor aceita o convite, ele deve ir apanhá-lo de carro amanhã no final da tarde.

Poirot hesitou.

O jovem disse, persuasivo:

– O sr. Blunt está realmente ansioso para falar com o senhor.

Hercule Poirot fez que sim com a cabeça. Ele disse:

– Obrigado, eu aceito.

– Excelente! O sr. Blunt vai ficar muito satisfeito. Quinze para as seis é um bom horário para irem... Bom dia, sra. Olivera...

A mãe de Jane Olivera tinha acabado de entrar na sala. Ela estava muito bem vestida, com um chapéu inclinado sobre a sobrancelha em

meio a um penteado sofisticado.

– Sr. Selby! O sr. Blunt não lhe disse nada a respeito daquelas cadeiras do jardim? Eu queria ter falado com ele sobre elas ontem à noite, porque eu sabia que iríamos passar o final de semana fora...

A sra. Olivera deu-se conta da presença de Poirot e se interrompeu.

– O senhor conhece a sra. Olivera?

– Sim, já tive o prazer de encontrá-la quando vim aqui da última vez.

Poirot inclinou gentilmente a cabeça.

– Ah! Como vai o senhor? – respondeu a sra. Olivera, displicente, voltando ao seu assunto:

– Eu sei, senhor Selby, que o sr. Blunt é um homem muito ocupado e que essas questões domésticas são para ele de menor importância...

– A senhora está certa – adiantou-se o sr. Selby. – Ele me comentou a respeito das cadeiras e eu entrei em contato com a companhia Deevers.

– Ah... Bem, esse é realmente um peso que o senhor me tira das costas. Mas, sr. Selby, será que poderia me dizer...

A sra. Olivera desandou a falar, e para Poirot foi como se ela cacarejasse. Sem parar um minuto, ela empinou o busto, majestoso como o de uma galinha gorda, e seguiu em direção à porta.

– ...e se o senhor puder me garantir que estaremos sozinhos esse final de semana...

O sr. Selby deu uma tossidinha.

– O sr. Poirot vai nos acompanhar, madame.

A sra. Olivera parou onde estava. Em silêncio, ela se virou e examinou Poirot dos pés à cabeça, com uma repugnância visível.

– É mesmo?

– O sr. Blunt teve a gentileza de me convidar – respondeu Poirot.

– Bem, fico imaginando por quê. O senhor me desculpe, mas Alistair havia justamente me dito que queria um final de semana calmo e familiar!

O sr. Selby corrigiu com ênfase:

– O sr. Blunt faz questão que o sr. Poirot nos acompanhe.

– Ah, mesmo? Ele não me disse nada a respeito.

A porta de repente se abriu e Jane apareceu. Ela disse, irritada:

– Mamãe, você não vem? Marcamos de nos encontrar para o almoço às 13h15.

– Já estou indo, Jane, já estou indo. Não seja impaciente.

– Mas então ande, pelo amor de Deus... Olá, sr. Poirot – disse ela, congelando de repente. Os olhos expressavam cautela.

A sra. Olivera disse, com frieza:

– O sr. Poirot está indo a Kent conosco esse final de semana.

– Ah, entendo.

Jane Olivera recuou para que a mãe pudesse passar, mas antes de se decidir a segui-la deu meia-volta e chamou, num tom imperioso:

– Sr. Poirot!

Poirot atravessou a sala na direção dela.

Ela perguntou então em voz baixa:

– O senhor vai mesmo conosco a Kent? Por que motivo?

Poirot deu de ombros e disse:

– Foi uma ideia gentil do seu tio.

– Mas como é que ele poderia... Ele não... Quando foi que ele o convidou? Não há necessidade disso!

– Jane! – chamou a mãe dela do corredor.

Jane sussurrou, ameaçadora:

– Fique afastado disso, por favor. Não venha.

Ela saiu. Poirot ouviu o barulho delas discutindo, o cacarejar estridente da sra. Olivera que dizia:

– Eu não vou tolerar a sua falta de modos, Jane... Tomarei providências para garantir que você não interfira...

Dentro da sala, o secretário disse:

– Um pouco antes das seis, amanhã, sr. Poirot?

Poirot fez que sim, automaticamente. Ele tinha o aspecto de alguém que tivesse visto um fantasma. Mas o susto entrara-lhe pelas orelhas, e não pelos olhos.

A voz e as frases que ele ouvira através da porta entreaberta lembravam-no da conversa telefônica da noite anterior.

Na rua, debaixo do sol, ele ainda sacudia a cabeça, aturdido.

Sra. Olivera?

Mas era impossível. Não poderia ter sido a sra. Olivera quem ligara para ele.

Aquela socialite sem nada na cabeça, egoísta, estúpida, obcecada em ciscar ao redor do próprio galinheiro? *C'est ridicule*!

As próprias orelhas tinham pregado uma peça nele, só podia ser. E no entanto...

VI

O Rolls Royce estava pontualmente na frente da casa de Poirot um pouco antes das seis.

Nele estavam apenas Alistair Blunt e o secretário dele. Parece que a sra. Olivera e Jane tinham ido em outro carro, mais cedo.

A viagem foi tranquila. Blunt falou pouco, mais sobre o jardim e uma exposição recente de horticultura.

Poirot deu a ele os parabéns por ter escapado do atentado. Blunt desconversou:

– Ah! Não creio que eu realmente fosse o alvo do atirador. De qualquer forma, o rapaz não sabia nem mesmo como fazer a mira. Era um desses estudantes malucos. Ficam agitados e imaginam que vão acertar, quase que ao acaso, um tiro no primeiro-ministro e mudar o rumo da história. É patético.

– O senhor tem recebido outras ameaças, não é verdade?

– Dito dessa forma, soa meio melodramático – respondeu Blunt, dando uma piscadinha. – Me enviaram uma bomba pelo correio, não faz muito tempo. Esses sujeitos querem assumir o controle do mundo... Mas o que é que eles pensam que vão fazer de bom, quando não são capazes sequer de construir uma bomba que funcione? É sempre a mesma coisa – continuou ele, balançando negativamente a cabeça. – Idealistas cabeludos e rebeldes sem nenhuma capacidade de planejamento. Eu não sou um homem inteligente, nunca fui, mas sei ler, escrever e fazer contas. O senhor entende o que eu quero dizer?

– Acho que sim, mas me conte mais.

– Bem, se eu leio algo, escrito em inglês, sou capaz de entender o que está escrito. Não estou falando de coisas mais complicadas, fórmulas ou abstrações filosóficas, mas da linguagem do dia a dia. Muitas pessoas não são capazes de entender nem isso. Se eu preciso escrever alguma coisa, sou capaz de expressar por escrito o que quero dizer. Tenho percebido que

um número considerável de pessoas não é capaz de fazer isso também. E, como disse, sou capaz de somar e diminuir. Se Jones tem oito bananas e Brown tira dez dele, com quantas bananas Jones vai ficar? Esse é um tipo de soma cujo resultado simples as pessoas pretendem ignorar. Elas se recusam a admitir primeiro que Brown não pode fazer isso, e segundo que a resposta não será dada num número positivo de bananas!

– Eles preferem resolver a soma com um passe de mágica?

– Exatamente. Os políticos no geral não são melhores. Mas eu tenho sempre procurado me agarrar àquilo que é evidentemente de bom-senso. É o que, no final, dá certo.

Ele acrescentou, rindo de si mesmo:

– Mas não devo monopolizar a conversa com assuntos do meu trabalho. É um mau hábito. Além disso, gosto de esquecer os negócios quando saio de Londres. Estava curioso, sr. Poirot, para ouvir algumas das suas aventuras. Leio muitos livros de suspense e histórias de detetive. O senhor acredita que algum deles tenha relação com a vida real?

Durante o resto da viagem, a conversa girou ao redor dos casos mais espetaculares de Hercule Poirot. Alistair perguntava por detalhes com a curiosidade espontânea de um colegial.

Essa atmosfera agradável contrapôs o gelo da chegada à casa, onde a sra. Olivera, detrás do busto majestoso, recebeu-os com um olhar de total desaprovação. Ela ignorou Poirot o quanto pôde, dirigindo-se somente ao anfitrião e ao sr. Selby.

O sr. Selby levou Poirot até o quarto que haviam preparado para o detetive.

Era uma casa bonita, não muito grande, mobiliada com o mesmo bom gosto discreto que Poirot constatara em Londres. Tudo era caro, mas simples. A imensa fortuna do dono aparecia apenas na facilidade com que essa aparente simplicidade tinha sido produzida. O serviço de mesa era da mais alta qualidade, a comida tipicamente inglesa e não europeia. Poirot apreciou com paixão os vinhos do jantar, que começara com um excelente caldo, depois um linguado grelhado, um pernil de cordeiro com minúsculas ervilhas jovens, recém-colhidas do pé, e por fim morangos com creme batido.

O efeito benéfico de todo esse conforto contrapôs o comportamento glacial da sra. Olivera e a falta de educação da filha dela, que Poirot não

teve dificuldade de ignorar. Por alguma razão, Jane passara a tratá-lo com uma visível hostilidade. No decorrer do jantar, ela ficara cada vez mais fechada, e Poirot perguntava-se por quê.

Olhando ao longo da mesa com uma curiosidade bem-humorada, Blunt perguntou:

– Helen não quis jantar conosco essa noite?

Julia Olivera comprimiu os lábios entre os dentes até que desaparecessem formando uma linha dura e apagada. Ela disse:

– A pobre Helen se cansou além do que podia no jardim. Resolvi poupá-la do trabalho extra de se vestir e subir até aqui e sugeri que fosse se deitar para descansar. Ela me compreendeu de imediato.

– Ah, está bem – disse Blunt vagamente, parecendo confuso. – Pensei que ela gostasse do movimento dos finais de semana.

– Helen tem uma alma simples. Ela gosta de acordar cedo – disse a sra. Olivera, inflexível.

Quando Poirot foi encontrar as damas na sala de estar, deixando Blunt e o secretário tratando dos seus assuntos, ouviu Jane Olivera dizer para a mãe:

– O tio Alistair não aprovou a frieza com que a senhora despachou Helen Montressor, mamãe.

– Ridículo – disse a sra. Olivera, dona de si. – Alistair é generoso demais. Que ele mantenha esse tipo de relação sem importância, que alugue o chalé de graça para ela, tudo isso é compreensível. Mas convidá-la para jantar aqui todo o final de semana é um absurdo! Ela não é mais que uma prima distante ou algo do gênero. Ele não é obrigado a recebê-la sempre.

– Eu acho que ela tem, sim, um certo valor – disse Jane. – É admirável o quanto se dedica ao jardim.

– Isso mostra que ela é uma pessoa de caráter – disse a sra. Olivera, sem se perturbar. – Os escoceses são mesmo admirados pela sua independência.

Ela sentou-se confortavelmente no sofá e, sem se dignar a reconhecer a presença de Poirot, acrescentou:

– Me alcance aquele número da *Low Down Review*, por favor, querida. Há algo ali sobre Lois Van Shuyler e o livro dela sobre o Marrocos.

Alistair Blunt apareceu na porta. Ele disse:

– Sr. Poirot, me acompanhe até o meu escritório, por favor.

O escritório do sr. Blunt ficava numa sala baixa e comprida nos fundos da casa, com janelas que davam para o jardim. Uma desarrumação mínima dava ao lugar um ar habitável. As poltronas e o sofá eram confortáveis e espaçosos.

(Não é preciso dizer que Poirot sentiu falta de mais de simetria.)

Depois de oferecer um cigarro ao visitante e acender o seu próprio cachimbo, Alistair Blunt foi direto ao ponto:

– Há uma série de coisas com as quais não estou satisfeito. Estou me referindo, é claro, ao caso da srta. Sainsbury Seale. Por razões que desconheço, e que imagino serem justificáveis, as autoridades responsáveis resolveram suspender a busca. Eu não conheço Albert Chapman e nem estou a par das atividades desempenhadas por ele, mas sejam elas quais forem são de uma importância vital, e por isso podem colocá-lo numa situação difícil. Não sei detalhes, mas o primeiro-ministro acaba de me dizer que o governo não pode se dar ao luxo da história vazar. O quanto antes o público esquecer o assunto melhor. Estou de acordo com isso. Essa é a versão oficial dos fatos, e eles sabem com o que estão lidando. A polícia está, portanto, de mãos amarradas.

Ele inclinou-se para frente na cadeira.

– Mas eu quero saber a verdade. E o senhor é o homem que pode descobri-la para mim. Nenhum impedimento oficial vai amarrar o seu trabalho.

– O que o senhor gostaria que eu fizesse?

– Gostaria que o senhor encontrasse essa mulher, essa tal de Sainsbury Seale.

– Viva ou morta?

Alistair Blunt alçou as sobrancelhas.

– O senhor pensa que ela possa estar morta?

Hercule Poirot ficou em silêncio por um ou dois minutos, então disse, pensativo:

– O senhor quer a minha opinião? Mas não passa de uma opinião, lembre-se disso... Sim, eu acho que ela está morta.

– Por que é que o senhor pensa assim?

Hercule Poirot abriu um sorriso e disse:

– O senhor não vai entender se eu lhe disser que penso assim por causa de um par de meias esquecido numa gaveta.

Alistair Blunt olhou para ele, desconfiado.

– O senhor é um homem singular.

– Sou até mesmo estranho. Quer dizer, sou metódico, organizado, lógico. E não gosto de distorcer os fatos só para me convencer da verdade de uma teoria. Com isso é que não posso concordar.

Alistair Blunt disse:

– Estive remoendo a história toda... Sempre preciso de um tempo para chegar a minhas conclusões. E esse caso é mesmo muito estranho! Quero dizer, primeiro o dentista se matar e depois essa sra. Chapman, despachada no baú de peles com a cara toda arrebentada. O que fizeram foi uma coisa suja, bem suja! É claro que há algo por trás disso tudo.

Poirot concordou.

Blunt disse:

– E quanto mais eu penso mais me convenço de que aquela mulher não conhecia a minha esposa. Foi apenas um pretexto para me abordar. Mas por quê? Que vantagem ela levou? Quero dizer, a contribuição que dei foi mínima e beneficiaria uma instituição, não ela, pessoalmente. Mas ainda assim me parece que a coisa toda foi planejada... me encontrar na entrada daquela casa. Tudo aparentemente casual e, ainda assim, no momento exato! Mas por quê? É o que fico me perguntando... por quê?

– Essa é mesmo a questão. Eu também me pergunto e não acho a resposta. Não acho.

– O senhor não tem nenhum palpite?

Poirot ergueu a mão para o alto, exasperado.

– As ideias que tenho não são convincentes. Imaginei que pudesse se tratar de uma artimanha para indicar quem o senhor era a uma outra pessoa. Mas o senhor é um homem bem conhecido, e de qualquer forma é muito mais fácil dizer “você está vendo? Aquele ali é ele, o homem que acaba de entrar pela porta”.

– E além do mais, por que iriam querer me apontar dessa maneira?

– Senhor Blunt, tente se lembrar mais uma vez daquela manhã, quando estava na cadeira do dentista. Morley não lhe disse nada que pudesse ser particularmente importante? Será que o senhor não consegue mesmo se lembrar de nenhuma coisa que nos servisse de pista?

Alistair Blunt franziu o cenho tentando puxar pela memória. Mas então ele balançou a cabeça negativamente.

– Peço desculpas. Não me lembro de nada assim.

– Ele não mencionou essa mulher, a srta. Sainsbury Seale?

– Não.

– Quem sabe então a outra, a sra. Chapman?

– Não, não. Não falamos de ninguém. Falamos de rosas, de quanto a chuva é importante para os jardins, de feriados, nada mais.

– E ninguém entrou no consultório enquanto o senhor esteve lá?

– Deixe-me ver... Não, acho que não. Em outras ocasiões, me lembro que havia uma jovem por lá, uma moça loira. Mas ela não estava lá dessa vez. Ah! Um outro dentista apareceu, isso mesmo. Um homem com sotaque irlandês.

– O que foi que ele disse ou fez?

– Apenas fez uma pergunta a Morley e depois foi embora. Morley foi meio seco com ele, eu acho. Ele não ficou mais do que um minuto.

– E não há nada mais de que se lembre?

– Não. Nada fora do normal.

Hercule Poirot disse, pensativo:

– Também achei tudo absolutamente normal.

Após um longo silêncio, Poirot disse:

– O senhor se lembra de um jovem que estava na sala de espera, junto com o senhor, naquela manhã?

Alistair Blunt franziu as sobrancelhas.

– Deixe-me ver... Sim, havia um jovem... Um jovem agitado, aliás. Mas, fora isso, não lembro quase nada dele. Por quê?

– O senhor seria capaz de reconhecê-lo se o visse?

Blunt balançou negativamente a cabeça.

– Eu mal olhei para ele.

– Ele não tentou conversar com o senhor?

– Não.

Blunt lançou a Poirot um olhar interrogativo. Ele perguntou:

– Mas por que ele faria isso? Quem é ele?

– O nome dele é Howard Raikes.

Poirot ficou atento a qualquer reação do sr. Blunt, mas não percebeu nada.

– Mas eu o conheço? Já o encontrei alguma vez?

– Acho que não. Ele é amigo da sua sobrinha, a srta. Olivera.

– Ah! Um dos amigos de Jane...

– A mãe dela, eu imagino, é contra o relacionamento deles.

Alistair Blunt disse automaticamente:

– Não suponho que faça alguma diferença para Jane.

– A mãe dela preocupa-se tanto com essa história que parece que trouxe a filha dos Estados Unidos para cá a fim de separá-los.

– Ah! – o rosto de Blunt se iluminou. – Então se trata desse sujeito?

– Parece que estamos por descobrir algo importante.

– Acredito que seja um sujeito que muito pouco tenha a seu favor. Está envolvido em várias atividades subversivas.

– A srta. Olivera me disse que ele marcou aquela consulta para ter a chance de vê-lo de perto.

– Com o intuito de conseguir minha aprovação para o relacionamento deles?

– Bem... Não... Até onde entendi, era ele quem deveria aprovar o senhor.

– O quê?!

Poirot teve de segurar o riso.

– Parece que o senhor representa tudo aquilo que ele mais condena.

– E ele é certamente um jovem cujo comportamento eu não aprovo. Passa o tempo todo fazendo discursos demagógicos e vazios, em vez de arranjar algum trabalho decente!

Poirot ficou em silêncio por um minuto, depois disse:

– O senhor me permite fazer uma impertinente pergunta pessoal?

– Pode perguntar.

– No caso da sua morte, e de acordo com o seu testamento, quem seriam os herdeiros?

Blunt arregalou os olhos para Poirot. Disse, bruscamente:

– Por que o senhor quer saber uma coisa dessas?

– Por que é possível... – Poirot deu de ombros. – É possível que isso seja relevante para o caso...

– Absurdo!

– Talvez sim, talvez não.

Alistair Blunt disse, friamente:

– Acho que o senhor está sendo melodramático demais. Não foi a mim que tentaram assassinar.

– Uma bomba na mesa do café da manhã, um tiro na rua...

– Ah, o senhor se refere a isso? Qualquer homem que lide com finanças de uma forma relevante para a economia mundial pode acabar atraindo a atenção de um desses fanáticos malucos.

– Pode ser o caso de alguém que seja fanático mas não maluco.

Blunt arregalou os olhos.

– Onde é que o senhor quer chegar?

– Me diga, por favor, sem rodeios, quem é que lucraria com a sua morte?

Blunt sorriu forçadamente e disse:

– Em primeiro lugar, instituições como o St. Edward Hospital, o Cancer Hospital e o Royal Institute for the Blind.

– Ah!

– Além disso, deixo uma quantia à minha sobrinha, Julia Olivera, e outra soma equivalente, mas em fideicomisso, à filha dela, Jane Olivera. Deixo também uma quantia considerável à única parente de sangue que tenho, uma prima em segundo grau, Helen Montressor, que mora num pequeno chalé aqui na propriedade e cuja situação financeira é mais complicada.

Ele fez uma pausa, depois disse:

– Exijo que o senhor guarde segredo sobre isso.

– Claro, monsieur.

Alistair Blunt acrescentou, sarcástico:

– Suponho que o senhor não suspeite que Julia, ou Jane Olivera, ou minha prima Helen Montressor estejam planejando me matar para pôr a mão no dinheiro...

– Eu não sugeri nada nesse sentido. Nada mesmo.

A irritação de Blunt cedeu. Ele disse:

– E o senhor vai se encarregar da tarefa que lhe incumbi?

– Encontrar a srta. Sainsbury Seale? Sim.

Alistair Blunt disse, animado:

– Gosto do senhor.

VII

Ao deixar a sala, Poirot quase se chocou com uma figura alta do outro lado da porta.

Ele disse:

– Com licença, mademoiselle.

Jane Olivera afastou-se ligeiramente.

Ela disse:

– Sabe o que eu penso do senhor?

– *Eh bien*, mademoiselle...

Ela não o deixou terminar a frase. A pergunta que fizera, de fato, era apenas retórica. A opinião de Poirot pouco lhe importava.

– O senhor não passa de um espião! Um sujeito baixo, enxerido, fazendo confusão, se metendo onde não é chamado!

– Eu lhe garanto, mademoiselle...

– Sei exatamente onde é que o senhor quer chegar! E agora sei o quanto é mentiroso! Por que o senhor não admite de uma vez? Bem, vou dizer-lhe o seguinte... o senhor não vai descobrir nada! Não há nada para ser descoberto! Ninguém vai mexer sequer num fiozinho de cabelo da cabeça do meu tio. Ele está protegido. Vai estar sempre. Protegido, confortável e prosperando... com a cabeça cheia de chavões! Ele não passa de um inglês acomodado, sem imaginação nem visão.

Ela fez uma pausa. A voz rouca, sedutora, tornou-se ainda mais profunda, e ela disse, com ódio:

– Quanto ao senhor, não posso sequer vê-lo na minha frente. Seu maldito detetivezinho *bourgeois*!

Ao dar meia-volta, o vestido empinou num redemoinho de tecidos caros da moda, e ela desapareceu em poucos minutos.

Hercule Poirot permaneceu calado. Os olhos estavam bem abertos e as sobrancelhas alçadas. A mão acariciava o bigode num gesto pensativo.

O adjetivo se adequava a ele com precisão, teve de admitir: bourgeois. Ele vivia como um burguês e nunca tivera problema algum com isso. Mas a fúria com que Jane Olivera usara o termo, a fim de ofendê-lo, dava-lhe agora o que pensar.

Ele foi até a sala de estar, ainda refletindo.

A sra. Olivera jogava paciência.

Ela levantou a cabeça quando Poirot entrou, examinando-o com o mesmo olhar frio que dirigiria a um besouro, e murmurou, altiva:

– Valete vermelho sobre a dama preta.

Arrepiado, Poirot recuou. Ele refletiu lastimoso: "Que diabos, parece que aqui ninguém gosta de mim!".

Ele saiu a passos largos para o jardim. O aroma das flores tomava conta da noite, que estava bem agradável. Poirot aspirou o ar alegremente e seguiu por um caminho entre dois canteiros.

Ele contornou um deles e, mais adiante, duas figuras não muito nítidas se separaram.

Ele devia ter surpreendido um par de namorados.

Poirot virou-se de imediato e caminhou de volta.

Mesmo do lado de fora, sua presença parecia *de trop*.

Ele passou pela janela do escritório de Alistair Blunt, que ditava alguma coisa ao sr. Selby.

Sem dúvida, naquela casa, só havia um lugar para Poirot.

Ele subiu para o quarto.

Refletiu por um tempo a respeito dos aspectos mais inusitados da situação.

A voz que ele ouvira pelo telefone seria mesmo a da sra. Olivera? A ideia era certamente absurda!

Ele se lembrou das revelações melodramáticas do pequeno e discreto sr. Barnes. E se perguntou sobre o paradeiro do sr. Q.X.912, vulgo Albert Chapman. Ele se lembrou, com uma pontada de contrariedade, da ansiedade nos olhos da copeira, Agnes...

Era sempre assim, as pessoas não diziam tudo o que sabiam. Na maioria das vezes, tratava-se de coisas sem importância, mas era impossível seguir adiante antes de esclarecê-las.

No momento, o caminho era tortuoso!

E o obstáculo mais complicado impedindo o progresso claro e ordenado do seu pensamento era o que ele descrevia a si mesmo como o problema contraditório e impossível do desaparecimento da srta. Sainsbury Seale. Pois se eram verdadeiros os fatos que ele, Hercule Poirot, tinha considerado, então nada daquilo fazia sentido!

Hercule Poirot disse a si mesmo, espantado: “Será que estou ficando velho?”.

Onze, doze, homens devem cavar

I

Depois de uma noite maldormida, Poirot levantou-se cedo na manhã seguinte. O tempo estava muito bom, e ele refez o trajeto da noite anterior.

Os canteiros estavam completamente floridos. Embora preferisse outros tipos de planta e uma melhor organização das flores, como a dos famosos canteiros de gerânios vermelhos de Ostende, Poirot pôde perceber que aquilo que tinha diante de si encarnava com perfeição o espírito do jardim inglês.

Ele seguiu caminhando ao longo do canteiro de rosas, encantado com a simplicidade e clareza do contorno, passou pelo jardim de rochas alpinas até que chegou aos canteiros, murados, de hortaliças.

Ali viu uma mulher robusta, vestida num conjunto de casaco e saia de lã, de sobrancelhas escuras, cabelos pretos mais ou menos curtos puxados para trás e presos. Ela falava num tom baixo e enfático, típico dos escoceses, com aquele que deveria ser, evidentemente, o jardineiro. Este observou Poirot, não parecia estar gostando da conversa.

A srta. Helen Montressor deixou escapar uma inflexão de voz mais sarcástica, e Poirot resolveu seguir adiante ao longo do muro.

Do lado de dentro, outro empregado que devia estar, conforme acertadamente suspeitou Poirot, descansando apoiado na pá, começou a cavar com empenho. Poirot chegou perto dele. O rapaz cavava com fervor, virado de costas para Poirot, que parou para observá-lo.

– Bom dia – disse Poirot, amigável.

A resposta foi um "bom dia, senhor" murmurado, sem que o homem parasse de cavar.

Poirot ficou ligeiramente surpreso. Empregados normalmente preocupam-se em dar a impressão de que estão envolvidos com o trabalho,

mas aproveitam de boa vontade a oportunidade de fazer uma pausa quando alguém se dirige diretamente a eles.

A atitude do jovem lhe pareceu forçada. Poirot ficou por ali alguns minutos observando ele trabalhar. Havia ou não havia algo de familiar a respeito daqueles ombros? Ou será que Poirot estava adquirindo o hábito de pensar que vozes e ombros eram familiares quando eles não eram nada disso? Será que ele estava, como temera na última noite, ficando velho?

Poirot seguiu até o fim do muro da horta e parou para observar um conjunto de arbustos que crescia do lado de fora.

Instantes depois, um objeto redondo, como se fosse uma lua, emergiu suavemente do topo do muro. Não era senão a cabeça de ovo de Hercule Poirot. E os olhos dele observaram com grande interesse o rosto do jovem empregado que agora parara de cavar e limpava o suor da testa com um lenço.

– Muito interessante e curioso – murmurou Poirot.

Ele desceu do arbusto, limpando os gravetos e folhinhas que comprometiam a limpeza da sua indumentária.

Sim, de fato muito interessante e curioso que Frank Carter devesse estar ali ajudando a cuidar do jardim de Alistair Blunt. Ele não trabalhava em um escritório em algum lugar do interior?

Refletindo sobre isso, Hercule Poirot ouviu um gongo ecoar distante e tratou de voltar para casa.

No caminho, encontrou o seu anfitrião conversando com a srta. Montressor, que acabara de sair da horta por uma porta bem mais adiante.

A voz dela podia ser ouvida com nitidez:

– É muita gentileza sua, Alistair – disse ela no seu sotaque escocês –, mas prefiro continuar fazendo as refeições no chalé esse final de semana enquanto suas parentas americanas estiverem por aqui!

Blunt disse:

– Julia não é um exemplo de polidez, mas ela não faz por mal...

A srta. Montressor disse calmamente:

– Na minha opinião, a maneira como ela me trata é muito insolente e não tenho porque aceitar isso de uma americana, nem de qualquer outra mulher!

A srta. Montressor se retirou. Poirot aproximou-se, e Alistair Blunt olhou-o com o ar constrangido que têm os homens quando as mulheres da

casa estão brigando. Ele disse, pesaroso:

– As mulheres são realmente criaturas difíceis. Bom dia, sr. Poirot. Está um dia ótimo, não é verdade?

Eles voltaram a caminhar na direção da casa, e Blunt disse, com um suspiro:

– Sinto falta da minha mulher.

Na sala de jantar, ele observou à formidável Julia:

– Temo que você tenha ofendido Helen.

A sra. Olivera olhou para ele carrancuda e disse:

– Os escoceses são muito sensíveis.

Alistair Blunt parecia infeliz.

Hercule Poirot disse:

– Eu reparei que o senhor tem um jovem jardineiro. Faz pouco tempo que o contratou?

– Acho que sim – respondeu Blunt. – Burton, meu terceiro jardineiro, foi embora três semanas atrás, e tivemos de contratar esse rapaz.

– O senhor se lembra de onde ele veio?

– Ah, realmente não sei. MacAlister o contratou. Alguém pediu que eu desse uma chance a ele, eu acho. Isso aliás me surpreende, porque MacAlister disse que ele não é muito bom. Ele quer demiti-lo.

– Qual é o nome dele?

– Dunning... Sunbury... Algo parecido.

– Seria muita impertinência da minha parte querer saber quanto ele ganha?

– De forma alguma. Acho que ganha cerca de duas libras.

– Nada mais?

– Certamente não ganha mais que isso. Pode ser que ganhe menos.

– Então é curioso...

Alistair Blunt olhou para ele espantado.

Mas Jane Olivera, folheando o jornal, distraiu-os da conversa.

– Parece que há uma porção de gente querendo o seu couro, tio Alistair!

– Ah, você está lendo sobre a confusão no Parlamento? Não há com o que se preocupar. Archerton está sempre exagerando, e as ideias dele sobre finanças não fazem o menor sentido. Se deixássemos ele fazer o que quer, a Inglaterra estaria falida em uma semana.

Jane disse:

– O senhor nunca vai aprovar inovação alguma?

– Só se for para melhorar o que já está funcionando.

– Mas o senhor jamais admitiria isso. O senhor sempre diz "não vai funcionar" e não se dá sequer ao trabalho de tentar.

– Ficar improvisando coisas pode sair caro demais.

– Sim, mas o senhor está feliz com as coisas do jeito que elas estão? Como pode? Todo esse desperdício, além da desigualdade e da injustiça. Alguém tem de fazer alguma coisa a respeito.

– Nesse país, apesar de tudo, as coisas ainda andam bem.

– Precisamos é de uma mudança radical, isso sim! E o senhor fica aí sentado, comendo rins...

Ela se levantou e saiu em direção ao jardim.

Alistair pareceu surpreso e um pouco constrangido.

Ele disse:

– Jane mudou bastante nos últimos tempos. Onde é que ela aprende essas coisas?

– Não dê nenhuma atenção ao que ela diz – disse a sra. Olivera. – Jane é muito boba. Você sabe como são as moças na idade dela. Reúnem-se nessas festas estranhas em casa de artistas, com homens usando gravatas engraçadas, e depois voltam para casa falando todo o tipo de asneira.

– Sim, mas Jane sempre foi uma moça mais independente.

– É só uma fase, Alistair! Alguma coisa que ela ouviu por aí...

Alistair Blunt disse:

– Sim, algo que ela ouviu por aí, também acho...

Ele parecia preocupado.

A sra. Olivera levantou. Poirot abriu a porta para ela, que escapou fazendo caretas para si mesma.

Alistair Blunt disse subitamente:

– Eu não gosto disso. Todos andam falando esse tipo de coisa. E não faz o menor sentido! É tudo demagogia! Volta e meia alguém me vem com essa de mudança radical. O que é que querem dizer com isso? Nem eles sabem explicar. Deixam-se levar por frases de efeito...

Ele sorriu de repente, mas estava triste.

– Sou como um velho sentinela, talvez o último, o senhor entende?

Poirot disse, ousado:

– Se o senhor fosse... removido, o que aconteceria?

– Removido? Que maneira mais estranha de falar! – o rosto dele tornou-se, de repente, sombrio. – Eu vou lhe dizer. Um bando de doidos sairia tentando implantar uma série de mudanças que custariam caro e não trariam nenhum resultado. E isso acabaria com a nossa estabilidade, com o nosso bom-senso, contraríamos dívidas. Seria na verdade o fim da Inglaterra, tal como a conhecemos...

Poirot concordou. No essencial, pensava como o banqueiro. Ele também não gostava de contrair dívidas. E começou a se dar conta, sob um novo ângulo, do que significava Alistair Blunt. O sr. Barnes tinha lhe dito, mas na ocasião ele não dera muita importância. Agora, ele estava com medo...

II

– Terminei de ler a minha correspondência – disse Blunt, retornando do escritório no final da manhã. – Agora, sr. Poirot, gostaria de mostrar-lhe o meu jardim.

Os dois homens saíram e Blunt falou entusiasmado do seu hobby.

O jardim de rochas, com suas plantas alpinas, era o orgulho de Blunt, e eles passaram um tempo ali, enquanto este mostrava algumas das suas espécies raras.

Hercule Poirot, calçando o seu melhor par de sapatos, em couro legítimo, escutava pacientemente, apoiando o peso do corpo ora nesse ora naquele pé. De vez em quando, contraía o rosto por causa do calor do sol, o que lhe dava a impressão de que seus pés eram imensos pudins!

O seu anfitrião seguia em frente, apontando diversas plantas numa beirada mais larga. Abelhas zuniam e ouvia-se logo ao lado o clicar monótono da tesoura de um jardineiro que podava os loureiros da sebe.

Tudo estava tão calmo que Poirot se sentia a ponto de dormir.

Blunt estava parado no topo de uma rocha, olhando para trás. O barulho da tesoura estava muito próximo, embora não se visse o jardineiro.

– Venha dar uma olhada desse ângulo, Poirot. As cravinas floresceram muito bem esse ano. Não me lembro de tê-las visto tão bem. Esses são lupinos. Veja as cores!

Bang! O tiro quebrou a paz da manhã. A bala saiu silvando. Alistair Blunt virou-se, perplexo, para onde um filete de fumaça se erguia do meio da sebe.

De repente, ouviram-se as vozes de dois homens brigando debaixo dos arbustos, que chacoalhavam. Uma delas cresceu num tom mais agudo e disse decidida, num sotaque americano:

– Peguei você, seu patife, miserável! Largue essa arma!

Os dois homens agora brigavam no gramado. O jovem jardineiro, o mesmo que Poirot tinha visto cavando pela manhã, retorcia-se agarrado por outro homem consideravelmente mais alto.

Poirot reconheceu esse último assim que o viu. Já tinha imaginado quem era pela voz.

Frank Carter rosnava:

– Solte-me! Não fui eu! Eu juro!

Howard Raikes disse:

– Ah, não? Estava fazendo o que com essa arma então? Caçando passarinhos?

Ele parou de falar, olhando para Poirot e Alistair, que se aproximavam.

– Alistair Blunt? Esse rapaz tentou atirar no senhor. Peguei-o em fragrante.

Frank Carter gritou:

– É mentira! Eu estava podando a sebe. Ouvi um tiro e a arma caiu bem ao lado do meu pé. Eu a juntei, como qualquer um teria feito, e aí esse sujeito veio pra cima de mim.

Howard Raikes disse, ameaçador:

– A arma estava na sua mão e fazia pouco tempo que haviam atirado!

Ele lançou a arma para Poirot.

– Vamos ver o que o detetive tem a dizer sobre isso! Por sorte, peguei-o a tempo. Acho que está carregada para vários outros disparos.

Poirot murmurou:

– Está mesmo.

O rosto de Blunt estava contraído de raiva. Ele disse:

– Então, Dunnon... Dunbury... Como é mesmo o seu nome?

Hercule Poirot o interrompeu:

– O nome desse homem é Frank Carter.

Carter se virou para ele furioso.

– O senhor está atrás de mim desde aquele domingo em que veio me sondar. Mas lhe digo que não é verdade. Eu nunca atirei nele.

Hercule Poirot disse calmamente:

– Mas então quem foi que atirou?

Ele acrescentou:

– Só há nós aqui, como pode bem ver.

III

Jane Olivera veio correndo na direção deles. O cabelo longo estava solto, os olhos arregalados de medo. Ela disse, arquejando:

– Howard?

Howard Raikes disse gentilmente:

– Olá, Jane. Estava aqui salvando a vida do seu tio.

– Ah! – disse ela, detendo-se. – Estava?

– O senhor parece ter mesmo chegado numa hora bem oportuna – disse Blunt.

– Esse é Howard Raikes, tio Alistair. Ele é um amigo meu.

Blunt olhou para Raikes, que sorriu.

– Ah, o senhor é o namorado de Jane? Tenho de agradecer-lhe...

Com o chiado cortante de uma locomotiva a vapor, Julia Olivera irrompeu na cena. Ela atropelava as frases, ofegante:

– Ouvi um tiro. Alistar, você está bem? Meu Deus... – Branca, ela arregalava os olhos para Howard Raikes. – Você? Mas meu Deus... Meu Deus! Como é que você se atreve?

Jane disse, num tom glacial:

– Howard acaba de salvar a vida do tio Alistair, mamãe...

– O quê? Eu... Eu...

– Esse homem tentou atirar no tio Alistair, e Howard apanhou-o e tirou a pistola dele.

Frank Carter protestou, furioso:

– Vocês são todos uns mentirosos!

A sra. Olivera estava de queixo caído. Ela suspirou, confusa:

– Ah!

Foi necessário mais um tempo para que ela recuperasse a pose. Ela voltou-se para Blunt:

– Meu caro Alistair! Que coisa mais desagradável! Graças a Deus você está bem. Mas deve ter sido um choque. Eu mesma estou completamente tonta. Estou precisando de um gole de brandy...

Blunt disse prontamente:

– É claro, vamos voltar até a casa.

Ela se apoiou nele.

Blunt olhou por cima do ombro para Poirot e Howard Raikes.

– Será que vocês podem trazê-lo? Vou ligar para a polícia.

Frank Carter abriu a boca, mas ficou sem dizer nenhuma palavra. Ele estava lívido e os joelhos começavam a ceder. Howard Raikes segurou-o com firmeza.

– Vamos lá – disse o americano conduzindo-o.

Frank Carter murmurou numa voz rouca e pouco convincente:

– É tudo mentira...

Howard Raikes olhou para Poirot.

– Para um detetive metido, o senhor até que fala pouco! Por que é que não mexe o traseiro do lugar?

– Estou pensando, sr. Raikes.

– O senhor deve ter mesmo o que pensar! Deveria perder o emprego depois dessa! Não é graças ao senhor que Alistair ainda está vivo...

– Essa é a segunda vez que o senhor dá uma de herói, não é verdade, sr. Raikes?

– De que diabos o senhor está falando?

– Ontem mesmo o senhor agarrou um homem que acreditava ter atirado no sr. Blunt e no primeiro ministro.

Howard Raikes disse:

– Sim... Parece que isso está mesmo se tornando um hábito...

– Mas há uma diferença – observou Poirot. – Ontem, o homem que o senhor agarrou não era o homem que tinha dado o tiro. O senhor se enganou.

Frank Carter lamentou-se:
– Ele se enganou agora...
– Cale a boca, você – disse Raikes.
Hercule Poirot murmurou para si mesmo:
– Fico imaginando...

IV

Vestindo-se para o jantar, alinhando meticulosamente a gravata, Hercule Poirot franziu o cenho para si mesmo no espelho.

Ele estava insatisfeito, mas não saberia explicar por quê. O caso, como ele tinha de admitir, era tão simples. Frank Carter fora pego em fragrante.

A insatisfação não vinha dele nutrir alguma simpatia por Frank Carter. Ele era, refletiu Poirot com frieza, exatamente aquilo que chamavam de "um caso perdido". Um valentão imaturo do tipo que fatalmente atrai as mulheres, e é por isso que elas se recusam a pensar o pior, mesmo quando é tão óbvio.

E a história de Carter estava muito mal contada – ter sido abordado por agentes do Serviço Secreto que lhe teriam oferecido um emprego com um salário irrecusável? Trabalhar como jardineiro e relatar as conversas e as ações dos outros empregados? Foi uma história que puderam desmentir muito rapidamente, pois não tinha nenhum fundamento.

Uma mentira particularmente grosseira, o tipo de mentira que seria contada por alguém como Carter.

E, a favor dele, nenhuma evidência pôde ser encontrada. A única explicação que ele foi capaz de forjar era a de que outra pessoa tinha disparado o revólver. Ele se agarrou à ideia de que estavam tentando incriminá-lo.

Não, nada indicava que Carter pudesse ser inocente. Mas, por outro lado, era estranho que Howard Raikes estivesse presente no momento dos dois atentados, cujos tiros, aliás, tinham passado bem longe do alvo.

Mas talvez não passasse mesmo de coincidência. Raikes certamente não tinha disparado o revólver na Downing Street. E a presença dele por

aqui podia ser facilmente explicada. Ele viera para perto da namorada. A história dele era bastante convincente.

Tudo saiu perfeito para Howard Raikes. Quando um homem o salva de um tiro, você não pode simplesmente mandá-lo embora da sua casa. O mínimo que se pode fazer é demonstrar amabilidade e hospitalidade. A senhora Olivera não gostou, é óbvio, mas sabia que não havia nada diferente a ser feito.

Parece que o indesejável namorado de Jane tinha vindo para ficar!

Poirot o examinou com atenção durante a noite.

Ele desempenhava o seu papel com uma certa astúcia. Não expressou nenhuma opinião subversiva, não falou de política. Contou histórias divertidas das viagens que fizera pegando carona e dormindo ao livre.

"Não é mais o lobo", pensou Poirot. "Não, ele vestiu a pele de ovelha. Mas e debaixo da pele? É o que fico pensando..."

Naquela noite, quando Poirot se preparava para dormir, alguém bateu na porta do quarto. Ele pediu que a pessoa entrasse, Howard Raikes entrou.

Ele riu ao ver a expressão de Poirot.

– Surpreso em me ver? Fiquei de olho no senhor a noite inteira. Não gostei da maneira como o senhor volta e meia me examinava, como se estivesse me avaliando.

– E por que isso deveria incomodá-lo, meu caro?

– Não sei por que, só sei que incomodou. Talvez porque me pareceu que o senhor tivesse ficado sem entender alguma coisa.

– *Eh bien*, o que tem isso?

– Bem, decidi que era melhor esclarecer tudo de uma vez. Sobre o que ocorreu ontem, quero dizer. Aquilo foi uma encenação, certo? Eu estava vendo o primeiro ministro sair de casa e vi Ram Lal atirar nele. Eu conheço Ram Lal. Ele é um bom rapaz. Um pouco cabeça quente, mas é porque reflete demais sobre as injustiças da Índia. Bem, não houve nenhum dano. Os preciosos colarinhos dos dois não foram sequer amassados. A bala passou a metros de distância. Por isso resolvi fazer aquela cena, a fim de que o rapaz pudesse escapar. Agarrei um sujeitinho barbudo que vi na minha frente e comecei a berrar que tinha pego o bandido, na esperança de que Ram Lal saísse de fininho. Mas os agentes foram mais espertos. Já tinham-no localizado. Foi isso que aconteceu.

Hercule Poirot disse:

– E hoje?

– Hoje foi diferente. O atirador não era nenhum Ram Lal. Só havia Carter ali, e foi ele quem disparou o revólver! Quando pulei em cima dele, ele ainda estava com a arma na mão. Imagino que fosse tentar um segundo tiro.

Poirot disse:

– O senhor estava mesmo preocupado com a segurança de Alistair Blunt?

Raikes arreganhou os dentes.

– Parece estranho, depois de tudo que tenho dito? Ah, eu admito! Penso que Blunt é um sujeito que teriam de matar pelo bem do progresso e da humanidade. Não é nada pessoal. Até que ele é divertido em todo o seu conservadorismo. Eu penso mesmo assim. No entanto, quando vejo alguém prestes a dar-lhe um tiro, pulo em cima e interfiro. Isso prova como o homem é um animal estranho. Um animal louco, não é?

– Há uma distância entre o que dizemos e o que fazemos.

– Eu diria que sim – o sr. Raikes levantou-se da cama onde tinha estado sentado.

Ele tinha um sorriso fácil, confiante.

– Apenas achei que fosse melhor vir aqui e explicar tudo de uma vez.

Ele saiu, fechando a porta atrás de si com cuidado.

V

– *Livra-me, oh Senhor, dos homens maus; guarda-me dos homens violentos* – entoou a sra. Olivera, com voz firme, embora um pouco desafinada.

O que havia de determinado na sua voz fez com que Poirot se lembrasse imediatamente de Howard Raikes. Devia ser nele que ela estava pensando.

Hercule Poirot fora com o seu anfitrião e a família à missa de domingo na igreja do povoado.

Howard Raikes disse com uma ponta de sarcasmo:

– Então o senhor sempre vai à igreja, sr. Blunt?

Alistair murmurou alguma coisa sobre ser uma exigência que devia ser cumprida quando se estava no interior. Era preciso manifestar algum apoio ao pastor. O sentimento, tipicamente inglês, espantou o jovem americano e provocou em Poirot um sorriso compreensivo.

A sra. Olivera tinha sabiamente acompanhado o seu anfitrião e obrigara a filha a fazer o mesmo.

– *Aguçaram a língua como as serpentes* – cantavam os meninos do coro, num soprano agudo –, *o veneno das víboras está sob os seus lábios*.

Os tenores e os baixos clamavam:

– *Guarda-me, oh Senhor, das mãos dos ímpios. Preserva-me dos homens violentos, que planejaram transtornar os meus passos*.

Hercule Poirot arriscava na sua voz de barítono:

– O*s soberbos armaram-me laços e cordas. Estenderam a rede ao lado do caminho. Puseram-me armadilhas*.

Sua boca continuou aberta.

Ele viu, com toda a clareza, a armadilha em que, por pouco, não tinha caído!

Como num transe, Hercule Poirot continuou de boca aberta, os olhos arregalados para o vazio. As pessoas todas se sentavam, e Jane Olivera foi obrigada a cutucar-lhe com o cotovelo e murmurar rispidamente:

– Sente-se!

Hercule Poirot sentou-se. Um pároco já de idade, de barba, entoou:

– Aqui começa o capítulo quinze do primeiro livro de Samuel – disse ele e continuou a ler.

Mas Poirot não ouviu nada sobre a punição dos amalequitas. Tinham armado uma armadilha para ele. Uma corda invisível, estendida rente ao chão, na qual ele deveria tropeçar. À frente, um buraco, cavado com todo o cuidado.

Os fatos giravam desordenados na sua frente, depois encaixavam-se cada qual no seu devido lugar, como um caleidoscópio. Fivelas de sapato, meias, um rosto demolido, o mau gosto literário de Alfred, o atendente, as atividades do sr. Amberiotis, o papel desempenhado por Morley – tudo se erguia, rodopiava e depois assumia uma dada posição num diagrama coerente. Poirot estava eufórico e atordoado.

Pela primeira vez, ele examinava o caso da perspectiva correta.

– Porque a rebelião é como o pecado da feitiçaria, e a obstinação tão iníqua quanto a idolatria. Porque rejeitaste a palavra do senhor, ele também te rejeitou a ti, para que não sejas rei. Aqui termina a primeira lição – balbuciou o velho pároco num único fôlego.

Como no meio de um sonho, Hercule Poirot ergueu-se para louvar ao Senhor no *Te Deum*.

Treze, quatorze, as criadas namorando

I

– Sr. Reilly?

O irlandês assustou-se ao ouvir chamarem-lhe por trás do ombro.

Ele se virou.

Parado ao lado dele, no balcão da agência de viagens, estava um homenzinho pequeno, bigodudo e de cabeça de ovo.

– Talvez o senhor não se lembre de mim...

– Imagina se não vou lembrar, sr. Poirot. Não seja modesto.

Ele virou-se de volta para falar com o funcionário que estava esperando atrás do balcão.

A voz por trás do ombro murmurou:

– O senhor vai tirar umas férias?

– Não são férias que estou tirando. E o senhor? Não vai dar as costas para a Inglaterra, espero?

– Algumas vezes eu retorno por um breve período ao meu próprio país, a Bélgica.

– Estou indo ainda para mais longe. É para a América que eu vou. E não imagino que venha a voltar um dia.

– É uma pena, sr. Reilly. Quer dizer que está abandonando o consultório da Queen Charlotte Street?

– O mais correto seria dizer que foi o consultório que me abandonou.

– É mesmo? Que triste.

– Não me incomodo tanto. Quando penso nas dívidas que vou deixar para trás, sinto-me feliz – disse o dentista, arreganhando os dentes, depois continuou:

– Eu não me mataria por causa de problemas financeiros. Meu conselho é deixá-los para trás e começar uma vida nova. Tenho uma boa

qualificação profissional.

Poirot murmurou:

– Encontrei a srta. Morley outro dia.

– Não me diga, que horror. Nunca vi mulher com uma cara mais azeda. Eu sempre imaginei que aparência ela teria se tomasse um porre, mas isso é uma coisa que ninguém nunca vai ver.

Poirot disse:

– O senhor concordou com o veredito oficial sobre a morte do seu colega?

– Eu não concordei – disse Reilly enfaticamente.

– O senhor não acredita que ele tenha se enganado na dose do anestésico?

Reilly disse:

– Morley só injetaria no grego aquela quantidade de anestésico se ele estivesse bêbado ou quisesse mesmo matar o infeliz. E eu nunca vi Morley beber.

– Então o senhor pensa que foi de propósito?

– Não gostaria de afirmar algo assim. É uma acusação grave. Eu não sei o que pensar.

– Tem de haver uma explicação.

– É certo que sim, mas ainda não descobri nenhuma.

Poirot disse:

– Quando foi exatamente a última vez que o senhor viu Morley vivo?

– Deixe me ver... Depois de tanto tempo, já não lembro direito. Acho que foi na noite anterior, um pouco antes das sete.

– O senhor não o viu no dia do assassinato?

Reilly sacudiu a cabeça negativamente.

– O senhor tem certeza disso? – insistiu Poirot.

– Bem, até onde eu me lembro...

– O senhor não teria dado uma passada no consultório dele, perto das 11h35, quando ele atendia um paciente?

– Ah, sim. O senhor está certo. Eu precisei perguntar para ele algo referente a uns instrumentos que estávamos encomendando. Haviam me telefonado a respeito. Mas fiquei menos de um minuto, por isso nem me lembrava. Ele atendia um paciente.

Poirot fez que sim com a cabeça. Ele falou:

– Há uma outra questão que sempre quis lhe perguntar. Howard Raikes, um dos seus pacientes, desistiu da consulta e foi embora. O que foi que o senhor fez durante essa meia hora que teve de folga?

– O que eu sempre faço quando tenho alguma folga. Preparei um drinque. E, como acabei de lhe dizer, atendi uma ligação e depois dei uma subidinha rápida para falar com Morley.

Poirot disse:

– Pelo que me lembro, depois da consulta de Reginald Barnes o senhor teve uma outra folga, do meio-dia e meia até a uma hora. O senhor sabe quando foi que Barnes deixou o consultório?

– Ah! Ao meio-dia e meia.

– E o que foi que o senhor fez então?

– O mesmo de antes. Preparei um outro drinque!

– E subiu para ver Morley de novo?

O sr. Reilly sorriu.

– O senhor quer saber se subi e atirei nele? Já lhe disse há muito tempo que não fiz isso. Talvez minha palavra não seja suficiente...

Poirot disse:

– O que o senhor achava de Agnes, a copeira?

Reilly arregalou os olhos.

– Mas que pergunta mais estranha!

– Mas eu gostaria de saber...

– Vou lhe dizer, então. Eu não achava nada. Georgina controlava as empregadas de perto. A moça nunca sequer me olhou nos olhos, e não é porque eu fosse feio.

– Eu tenho a impressão de que aquela moça sabe de alguma coisa.

Ele examinou por um tempo a reação do sr. Reilly. Ele sorriu e sacudiu a cabeça negativamente.

– Não é a mim que o senhor deve perguntar o que ela sabe. Eu não tenho como ajudá-lo.

Ele recolheu os tíquetes que estavam em cima do balcão e se retirou, saudando Poirot com a cabeça e um sorriso.

Poirot teve de explicar para um funcionário desiludido que, de momento, ele desistira do cruzeiro pelo norte da Europa.

II

Poirot resolveu fazer outra visita aos amigos da srta. Sainsbury Seale em Hampstead. A sra. Adams mostrou-se um pouco surpresa ao recebê-lo. Embora a credibilidade de Poirot tivesse sido atestada por um inspetor da Scotland Yard, ela não conseguia deixar de vê-lo como "um baixinho estrangeiro meio esquisito" e não conseguia levá-lo muito a sério. Mas estava disposta a colaborar.

Depois da descoberta sensacional da identidade da vítima, a imprensa não falou mais sobre o assunto. Tinha sido um caso de erro de identificação, o corpo da sra. Chapman fora tomado por engano como sendo o da srta. Sainsbury Seale. O público não sabia mais nada da história. Não se deu nenhuma ênfase ao fato de que a srta. Sainsbury Seale tivesse sido talvez a última pessoa a ver a pobre sra. Chapman com vida. A imprensa não dera nenhuma indicação de que a srta. Sainsbury Seale podia agora estar sendo procurada pela polícia como criminosa.

A sra. Adams ficou muito aliviada quando soube que não era o corpo da amiga que fora encontrado em circunstâncias tão dramáticas. Ela aparentemente nem desconfiava que Mabelle Sainsbury Seale podia ser suspeita de um crime.

– Mas é realmente fora do comum que ela tenha desaparecido assim. Alguma coisa me diz que a explicação esteja relacionada a uma perda completa da memória.

Poirot disse que era mesmo muito provável. Ele conhecia casos assim.

– Sim, o senhor veja o que aconteceu com a amiga de uma prima minha... A coitada sofreu tanto na vida que acabou tendo um quadro de amnésia, acho que é assim que chamam.

Poirot disse que acreditava que o termo técnico era aquele.

Ele fez uma pausa depois perguntou se a sra. Adams já tinha ouvido a srta. Sainsbury Seale comentar alguma coisa sobre a sra. Chapman.

Não, ela nunca ouvira a amiga se referir a alguém com aquele nome. Mas é claro que a srta. Sainsbury Seale não era obrigada a comentar sobre todas as pessoas que ela conhecesse. Quem era essa sra. Chapman? A polícia tinha alguma ideia de quem poderia tê-la assassinado?

– É um mistério, madame – disse Poirot, sacudindo a cabeça negativamente.

Ele então perguntou se fora a sra. Adams quem recomendara para a srta. Sainsbury Seale um dentista chamado Morley.

A sra. Adams respondeu que não. Se Mabelle tivesse perguntado por um dentista, ela indicaria o sr. French, que atendia na Harley Street.

"Possivelmente quem recomendou o sr. Morley à srta. Sainsbury Seale foi a sra. Chapman. A sra. Adams concordou que era possível. Não poderiam lhe informar melhor no próprio consultório?" – pensou Poirot.

Mas Poirot já tinha perguntado aquilo à srta. Nevill, e ela não sabia ou não se lembrava. Ela se lembrava de uma sra. Chapman, mas não dela ter comentado algo sobre outra mulher chamada Sainsbury Seale. Por ser um nome estranho, se tivesse ouvido é provável que fosse lembrar.

Poirot continuou perguntando:

– A sra. Adams conhecera a srta. Sainsbury Seale na Índia, correto?

A sra. Adams disse que sim.

– Por acaso a sra. Adams sabia se a srta. Sainsbury Seale tinha se encontrado com a sra. ou o sr. Blunt alguma vez por lá?

– Ah, acho que não, sr. Poirot. O senhor se refere ao banqueiro? Eles estiveram lá alguns anos atrás e ficaram na casa do governador. Estou certa de que Mabelle teria comentado alguma coisa conosco se os tivesse encontrado. Infelizmente é o que se faz, não? – disse ela com um sorrisinho. – Ninguém deixa de mencionar um conhecido importante. No fundo, somos todos esnobes...

– Ela nunca mencionou os Blunt nem a sra. Blunt em particular?

– Nunca.

– Se ela tivesse sido amiga íntima da mulher de Blunt, muito provavelmente a senhora saberia?

– Ah, mas claro. Eu não acredito que ela conhecesse ninguém como eles. Os amigos de Mabelle não tinham nada de especial. Eram como eu e meu marido.

– Ah, madame, com isso não posso concordar – disse Poirot, galante.

A sra. Adams seguiu falando da srta. Sainsbury Seale como se fala de alguém que tenha recentemente falecido. Lembrou-se dos gestos generosos de Mabelle, da sua bondade, do seu trabalho incansável junto à missão, da sua dedicação, da sua seriedade.

Hercule Poirot ouvia. Como Japp dissera, Mabelle Sainsbury Seale era realmente o que dizia ser. Ela tinha vivido em Calcutá, dado aula de dicção e trabalhado junto à população mais pobre. Apesar de ser um pouco confusa e talvez até mesmo meio estúpida, era conhecida por suas boas intenções. Mais do que isso, era o que costumam chamar de pessoa com um coração de ouro.

E a sra. Adams acrescentou:

– Ela levava tudo com muita seriedade, sr. Poirot. E ela tinha de lidar com pessoas tão apáticas, tão desinteressadas. Era muito difícil fazer com que essas pessoas contribuíssem. A cada ano a situação ficava mais complicada, com impostos subindo, além do custo de vida. Ela disse para mim um dia: "Quando se tem consciência do valor do dinheiro... Quando se sabe o que é possível realizar com ele... Bem, realmente, Alice! Sinto-me às vezes como se pudesse cometer um crime..." Isso prova a fé que ela tinha, o senhor não acha?

– Ela disse mesmo isso? – questionou Poirot, pensativo.

Casualmente, ele perguntou quando é que a srta. Sainsbury Seale tinha expressado essa ideia em particular, e soube que tinha sido há três meses.

Ele deixou a casa e seguiu a pé matutando sobre as coisas que ouvira.

Tentava entender a personalidade de Mabelle Sainsbury Seale.

Parecia ser uma mulher muito boa, séria e generosa. Respeitável e decente. Conforme sugerido pelo sr. Barnes, seria esse o perfil do criminoso que estariam procurando.

Ela voltara à Inglaterra no mesmo navio que o sr. Amberiotis. Havia indícios de que almoçara com ele no Savoy.

Ela tinha abordado o sr. Alistair Blunt e alegado ser amiga da mulher dele.

Fizera duas visitas ao apartamento da sra. Chapman onde, um tempo depois, um cadáver tinha sido encontrado. Além de vestirem-no com as roupas de Mabelle, também tinham deixado junto com ele a bolsa dela, de forma que pudesse ser facilmente identificado.

Tudo muito conveniente!

Ela tinha deixado o Glengowrie Court Hotel subitamente depois de uma conversa com a polícia.

Será que a teoria de Poirot dava conta de todos esses fatos?

Ele achava que sim.

III

Tais pensamentos ocupavam a mente de Hercule Poirot quando ele voltava para casa. Ao chegar no Regent's Park, resolveu atravessá-lo para pegar um táxi do outro lado. Tinha certeza de que se fizesse o caminho todo a pé os sapatos de couro logo começariam a incomodá-lo.

Era um belo dia de verão, e Poirot se distraiu olhando as babás deixarem de dar atenção aos carrinhos para flertar com jovens passantes. Cães latiam e irrompiam aqui e ali. Meninos brincavam no lago com barquinhos.

Bem dizer, sob cada árvore, um casal sentava abraçado.

– Ah! *Jeunesse, jeunesse*... – murmurou Hercule Poirot, animado com o que via.

As garotas londrinas eram chiques. Mesmo em vestidos ordinários, elas mantinham a pose.

Mas Poirot não as achava atraentes. Onde estavam as curvas, as linhas voluptuosas que sempre o encantavam quando era mais jovem?

Ele, Hercule Poirot, lembrava-se muito bem daquilo que lhe provocavam certas mulheres... Uma mulher, em especial... Que figura mais esplêndida, um pássaro do paraíso, uma Vênus.

Quem dentre essas sirigaitas bonitinhas de hoje chegava aos pés da condessa Vera Rossakoff? Uma aristocrata russa genuína, uma aristocrata autêntica. E também, ele lembrava, uma ladra de primeira... Um desses gênios natos.

Com um suspiro, Poirot tirou da cabeça a criatura exuberante dos seus sonhos.

Não eram apenas babás que eram cortejadas sob as árvores do Regent's Park.

Debaixo de uma tília, havia uma moça vestida num sofisticado Schiaparelli. Um jovem inclinava a cabeça, ardentemente, em direção a dela, muito próximo.

Ela não devia ceder! Poirot torcia para que a garota compreendesse isso. O prazer da caçada deve ser estendido ao máximo.

Enquanto esperava pelo desfecho da cena, Poirot de repente deu-se conta de que as duas figuras não lhe eram estranhas.

Quer dizer então que Jane Olivera vinha ao Regent's Park para se encontrar com o jovem revolucionário?

Uma nuvem passou pelo rosto de Poirot.

Depois de um momento breve de hesitação, ele atravessou o gramado na direção deles. Tirando o chapéu num floreio, disse:

– *Bonjour, mademoiselle*.

Jane Olivera não pareceu ficar contrariada com a sua presença.

Howard Raikes, por outro lado, parecia bastante irritado com a interrupção.

Ele rosnou:

– O senhor de novo!

– Bom dia, sr. Poirot – disse Jane. – Quando menos se espera, o senhor aparece, não é mesmo?

– Mais desagradável que um palhaço de mola – retrucou Raikes, olhando para Poirot com considerável frieza.

– Estou interrompendo alguma coisa? – perguntou Poirot.

– De forma alguma – disse Jane Olivera, simpática.

Howard Raikes continuou calado.

– É um canto agradável esse que vocês encontraram – disse Poirot.

– Era um canto agradável – disse Howard Raikes.

Jane disse:

– Não seja mal-educado, Howard.

Howard Raikes bufou e perguntou:

– E por que eu teria de ser educado?

– Porque ser educado facilita as coisas – disse Jane. – Não que eu mesma seja muito educada. Mas sou rica, não sou muito feia e tenho uma porção de amigos influentes... Também não tenho nenhum daqueles lamentáveis defeitos que os comerciais ridicularizam tão abertamente hoje em dia. Posso me dar ao luxo de ser grosseira.

Raikes disse:

– Hoje não estou para piadinhas, Jane. Então acho melhor eu ir indo.

Ele se levantou, saudou Poirot com a cabeça e saiu a passos largos.

Jane Olivera acompanhou-o apenas com os olhos arregalados. Ela apoiava o queixo na mão.

Poirot disse com um suspiro:

– Como diz o ditado, “dois é bom, três é demais”.

Jane retrucou:

– Não fale assim, por favor.

– Mas não é verdade? Ele não a está cortejando?

– O senhor usa palavras esquisitas.

– Olhe ao redor. Parece que o dia hoje foi feito para namorar – disse Poirot.

– Sim, e eu sou mais uma dessas criadinhas empurrando carrinhos com os filhos das patroas, suponho.

Ela olhou subitamente nos olhos de Poirot.

– Quero pedir-lhe desculpas. Me enganei no outro dia. Pensei que o senhor tivesse dado um jeito de passar o final de semana conosco apenas para espionar Howard. Mas o tio Alistair me contou que foi ele quem insistiu para que o senhor fosse, porque queria lhe encarregar de investigar o caso daquela mulher desaparecida. Sainsbury Seale – é esse o nome dela, não?

– Exatamente.

– Por isso peço desculpas pelo que lhe disse naquela noite. Mas é que achei mesmo que o seu interesse fosse espionar Howard. Achei que o senhor estivesse nos seguindo.

– Mesmo se fosse esse o caso, mademoiselle, acabei testemunhando o fato do sr. Raikes salvar a vida do seu tio. Ele agiu como um herói agarrando o criminoso sem pensar duas vezes e impedindo que o infeliz disparasse um segundo tiro.

– O senhor tem uma forma engraçada de se expressar. Nunca sei se está falando a sério ou debochando.

Poirot disse calmamente:

– De qualquer forma, estou sempre atento, srta. Olivera.

Jane disse com a voz entrecortada:

– Por que o senhor me olha dessa forma? Como se... Como se estivesse preocupado comigo?

– Talvez porque eu esteja preocupado com a senhorita. Por causa das coisas que terei de fazer.

– Bem, então não as faça!

– Não tenho escolha, mademoiselle.

Ela arregalou os olhos para ele e então disse:

– O senhor encontrou aquela mulher?

Poirot disse:

– Digamos que... eu saiba onde ela está.

– Morta?

– Eu não disse isso.

– Então ela está viva?

– Também não disse isso.

Jane olhou para ele irritada e disse:

– Bem, tem de ser uma coisa ou outra, certo?

– Na verdade não é assim tão simples...

– O senhor gosta mesmo de complicar!

– Já disseram isso de mim – admitiu Poirot.

Jane teve um arrepio. Ela disse:

– Não é engraçado? Está um dia bem agradável, quente, mas de uma hora para outra fiquei com frio.

– Talvez seja melhor a senhorita dar uma caminhada.

Jane levantou-se e ficou parada um minuto antes de se decidir. Ela disse de repente:

– Howard quer que eu me case com ele. Imediatamente. Sem que ninguém saiba. Ele diz que do contrário jamais vou aceitar o pedido, porque sou fraca – Jane interrompeu-se e agarrou o braço de Poirot com uma das mãos, apertando-o com força. Ela disse:

– O que é que o senhor me aconselha a fazer?

– A senhorita não deveria perguntar isso a mim, mas a pessoas mais próximas!

– Minha mãe? Ela faria um escândalo. Tio Alistair? Pra variar ele não iria entender. Diria que a decisão poderia esperar e que eu não deveria me precipitar. Que o pretendente era um jovem excêntrico. Que não haveria por que eu atropelar as coisas.

– E os amigos da senhorita, o que dizem?

– Eu não tenho nenhum amigo. Só uma turma idiota com quem eu saio para beber e dançar. Nossas conversas são sempre as mesmas. Howard é a primeira pessoa realmente autêntica que conheci.

– Ainda assim, por que quer que eu lhe aconselhe?

Jane disse:

– Porque o senhor está me olhando de um jeito estranho. Como se o senhor estivesse preocupado comigo, como soubesse de algo que vai acontecer...

Ela se interrompeu.

– Bem, e então? O que é que o senhor me diz?

Hercule Poirot sacudiu negativamente a cabeça.

IV

Quando Poirot chegou em casa, George disse:

– O inspetor Japp o está esperando, senhor.

Japp esboçou um sorriso constrangido quando Poirot entrou na sala.

– Aqui estou eu, meu velho. Tive de vir para cumprimentá-lo. Não existe ninguém igual a você! Como é que você descobre essas coisas, qual é o seu método?

– Mas o que foi que aconteceu? Bem... *pardon*! Você não quer beber nada? Um *Amer Picon*? O uísque de sempre?

– O uísque está bom para mim.

Alguns minutos depois, Japp erguia o copo de uísque, dizendo:

– Ao meu amigo Hercule Poirot, que não falha nunca!

Poirot sorriu constrangido. Japp continuou:

– Estávamos todos contentes com um caso de suicídio. Hercule Poirot diz que é um caso de assassinato. Tem de ser um caso de assassinato. E quer saber? É assassinato!

– Ah, então finalmente você concorda?

– Bem, ninguém pode me acusar de ser cabeçudo. Eu não ignoro as evidências. A questão é que não havia nenhuma evidência antes.

– Mas e há alguma agora?

– Sim, e vim aqui exatamente para me desculpar com você. E para contar-lhe tintim por tintim o que foi que descobrimos.

– Sou todo ouvidos, meu caro Japp.

– Muito bem. Trata-se do seguinte. A pistola com que Frank Carter atirou em Blunt no sábado passado era igual àquela que matou Morley!

Poirot disse:

– Mas isso é fantástico!

– Sim. O sr. Frank está em apuros.

– Mas essa evidência não é conclusiva...

– Não, mas temos o suficiente para reconsiderarmos o veredito de suicídio. É um par de pistolas estrangeiras e pouco comuns.

Hercule Poirot estava de olhos arregalados. Suas sobrancelhas alçavam-se até chegar no limite do espanto. Por fim ele disse:

– Frank Carter? Não! Não pode ser.

Japp suspirou, exasperado.

– Qual é o seu problema, Poirot? Você parecia feliz com a hipótese do assassinato. Achei que fosse ficar satisfeito de eu vir até aqui lhe dar essa notícia.

– Você realmente acredita que Morley foi morto por Frank Carter?

– Faz sentido. Carter se sentia ofendido por Morley, sabemos disso. Ele foi até a Queen Charlotte Street naquela manhã. Ele veio com a história de que tinha ido lá para contar à namorada do novo emprego, e descobrimos que o tal do emprego não existia. Quer dizer, ele mesmo agora confessou que o emprego só surgiu depois, à tarde e não pela manhã. Mas por que é que ele mentiu? Pois não é capaz de explicar de forma convincente onde esteve depois das 12h25. Ele alega que caminhava pela Marylebone Road, mas a única evidência que nos forneceu foi ter tomado um drinque em um bar às 13h05. E a primeira coisa de que o barman se lembrou foi do aspecto dele: branco como um fantasma e as mãos trêmulas!

Hercule Poirot suspirou e balançou a cabeça negativamente.

– Não fecha com a minha teoria.

– E qual é a sua teoria?

– O que você está me contando me deixa confuso. Muito confuso... Porque, se você está certo...

A porta abriu sem fazer barulho, e George disse polidamente:

– Desculpe-me, mas...

Ele não teve chance de continuar. A srta. Gladys Nevill empurrou-o para o lado e entrou agitada na sala. Ela estava chorando.

– Sr. Poirot!

– Acho melhor me retirar – disse Japp apressado.

Ele deixou a sala sob o olhar fulminante de Gladys Nevill.

– É esse o inspetor... É esse o homem horroroso da Scotland Yard que está querendo culpar o pobre Frank de tudo o que aconteceu.

– Procure se acalmar, senhorita.

– Mas é verdade. Primeiro inventaram que ele tentou matar esse sr. Blunt e depois o acusaram de ter matado o coitado do sr. Morley.

Hercule Poirot deu uma tossidinha e disse:

– Eu estava lá, na casa de campo, quando dispararam no sr. Blunt.

Gladys Nevill disse confusa:

– Mas mesmo se Frank fez... Se ele fez uma besteira como essa... Mesmo se ele for um desses nacionalistas, o senhor sabe... Desses que marcham com bandeiras e fazem continências idiotas... E suponho que a senhora Blunt era mesmo uma judia bem conhecida... Eles... eles pegam esses jovens como Frank, que no fundo são uns bobos e não fazem mal a ninguém... Convencem-nos de que vão fazer algo maravilhoso e patriótico...

– É isso que o sr. Carter está alegando? – perguntou Poirot.

– Ah, não! Frank jura que não fez nada e sequer conhecia a pistola. Não tenho falado com ele, é claro. Eles não me deixam. Mas ele tem um advogado, que me contou. Frank diz que tudo isso foi armado pra cima dele.

Poirot murmurou:

– E o advogado não sugeriu que ele pensasse numa história mais convincente?

– Advogados são tão difíceis de entender. Eles não dizem nada de forma direta. Mas estou preocupada é com a acusação de assassinato. Oh, sr. Poirot! Tenho certeza de que Frank não matou o sr. Morley. Estou sendo sincera. Ele não teria nenhum motivo para fazer algo assim!

– É verdade que quando ele voltou ao consultório naquela manhã ele ainda não tinha arranjado nenhum emprego?

– Eu não vejo que diferença isso faz. O que muda se ele conseguiu o emprego de manhã ou de tarde?

Poirot disse:

– A explicação que ele deu para ter ido lá foi a de que queria lhe contar sobre o novo emprego. Mas se ele não tinha ainda arranjado o emprego, então por que é que foi lá?

– Bem, sr. Poirot... O coitado do rapaz estava abatido e desanimado. Para falar a verdade, acho que ele tinha bebido um pouco. O pobre Frank é meio fraco e a bebida deve ter mexido com ele. Ele deve ter tido vontade de ir até o consultório tirar satisfações do sr. Morley. Frank é muito sensível, e o fato do sr. Morley não gostar dele deixava-o perturbado. Isso era como um veneno para ele.

– E ele pretendia fazer uma cena no consultório em pleno horário de atendimento, na frente dos pacientes?

– Bem, sim... Acho que sim. É claro que isso não seria correto, mas...

Poirot olhou atentamente para a jovem que lacrimejava à sua frente. Ele disse:

– A senhorita sabia que Frank Carter possuía uma pistola, ou um par de pistolas?

– Oh, não. Juro que não. E não acho que essa história seja verdadeira.

Poirot sacudiu a cabeça, perplexo.

– Por favor, sr. Poirot, nos ajude. Se eu pudesse pelo menos ter certeza de que o senhor está do nosso lado...

Poirot disse:

– Eu não estou do lado de ninguém. Eu estou do lado da verdade.

V

Depois de despachar a moça, Poirot ligou para a Scotland Yard. Japp ainda não tinha retornado, mas o detetive Beddoes foi solícito e passou a Poirot as informações de que ele precisava.

A polícia ainda não tinha encontrado nenhuma evidência provando que Frank Carter possuía a pistola antes do atentado ao sr. Blunt.

Poirot desligou o telefone e refletiu. Aquele era um ponto a favor de Carter. Mas, até o momento, era o único.

Beddoes também lhe fornecera mais alguns detalhes do depoimento de Frank Carter a respeito do emprego dele de jardineiro na casa de campo

do sr. Blunt. Carter manteve a história do Serviço Secreto. Teriam dado a ele dinheiro adiantado, cartas de referência atestando as suas habilidades como jardineiro e dito para procurar o sr. MacAlister, o empregado responsável pelo jardim.

O trabalho dele consistiria em prestar atenção às conversas dos outros empregados e descobrir se tinham alguma tendência comunista. Deveria fingir que ele mesmo era meio comunista. Quem passara a ele essas instruções fora uma mulher, conhecida como Q.H.56. Tinham-no escolhido por causa das suas notórias convicções anticomunistas. A conversa ocorrera à meia-luz, e ele não seria capaz de identificá-la. Era uma senhora de cabelos ruivos e usava muita maquiagem.

Poirot chiou. Novamente era como se estivessem em algum romance rocambolesco, num livro de Phillips Oppenheim.

Ele tinha vontade de falar com o sr. Barnes.

De acordo com o sr. Barnes, tais coisas aconteciam.

Pelo correio veio algo que o perturbou ainda mais.

Uma mensagem escrita à mão, num envelope barato, postado de Hertfordshire.

Poirot abriu e leu:

Caro senhor,

Espero que me desculpe por incomodá-lo, mas estou muito preocupada e não sei o que fazer. Não gostaria, de forma alguma, de ter de me envolver com a polícia. Sei de uma coisa que talvez devesse ter contado antes, mas como disseram que o patrão havia se matado, achei que não tivesse importância. Eu não queria causar problemas ao namorado da srta. Nevill e nunca sequer imaginei que ele pudesse ter feito algo, mas agora fiquei sabendo que ele foi apanhado tentando atirar num homem importante. Talvez ele nem tenha feito isso, mas pensei em escrever porque o senhor é um amigo da patroa e me perguntou outro dia se havia algo que eu queria dizer, e agora estou arrependida de não ter dito. Mas espero que isso não me envolva com a polícia, pois eu não gostaria que isso acontecesse, e minha mãe também não. Ela é sempre muito exigente comigo.

Atenciosamente,

Agnes Fletcher.

Poirot murmurou:

– Eu sabia que era algo que tinha a ver com um homem. Meu erro foi imaginar o homem errado.

Quinze, dezesseis, as criadas na cozinha

I

Poirot conversou com Agnes Fletcher, em Hertford, numa espécie de confeitaria em ruínas, pois Agnes não queria de jeito nenhum contar a sua história na frente da srta. Morley.

Os primeiros quinze minutos da conversa foram a respeito da mãe de Agnes, de como era séria e exigente. O pai de Agnes também nunca tivera problemas com a polícia, embora fosse dono de uma loja de bebidas. Ele cumpria à risca os horários de fechamento. Na verdade, em Little Darlingham, Gloucestershire, o pai e a mãe de Agnes eram reverenciados como exemplos a serem seguidos, e nenhum dos seis filhos (dois deles tendo morrido quando crianças) dera a eles qualquer desgosto. E se Agnes viesse agora a se envolver com a polícia seria um golpe terrível para os seus pais, porque o orgulho deles era nunca terem tido esse tipo de problema.

Só depois dessa história ser repetida do início ao fim, inúmeras vezes e enfeitada a cada repetição com detalhes diferentes, é que Agnes se decidiu a tocar no assunto da conversa.

– Eu não quis contar nada disso à srta. Morley porque ela poderia, veja o senhor, não gostar de eu não ter dito nada antes. Mas eu e a cozinheira conversamos a respeito e nos pareceu que não era da nossa conta, porque tínhamos lido bem claro no jornal que o patrão se enganara na hora de dar a injeção e que por isso tinha se matado. A pistola estava na mão dele. Tudo parecia muito claro, o senhor não acha?

– E quando foi que a senhorita começou a suspeitar que poderia haver algo de errado com a história? – perguntou Poirot, tentando encorajá-la a dizer o que sabia sem assustá-la com uma pergunta muito direta.

Agnes respondeu prontamente:

– Quando saiu a notícia no jornal sobre esse Frank Carter, o namorado da srta. Nevill. Bem, eu li que ele tinha atirado naquele homem quando trabalhava como jardineiro e então pensei que ele poderia ter mesmo um parafuso a menos na cabeça. Eu sei que existem pessoas assim, que acreditam que estão sendo perseguidas. Elas sentem como se estivessem sendo vigiadas, é perigoso tê-las em casa, é preciso interná-las em algum hospício. Eu pensei que talvez Frank Carter fosse assim, porque me lembro dele falar do sr. Morley. Ele dizia que o sr. Morley não gostava dele, que queria separar ele da srta. Nevill. Mas é claro que ela não dava atenção ao que falavam contra ele. E eu e Emma achávamos que ela estava certa em agir assim, porque o sr. Carter era mesmo muito bonito, além de educado. É claro que não imaginávamos que ele pudesse fazer algo contra o sr. Morley. Mas parecia meio estranho, o senhor me entende?

Poirot disse, pacientemente:

– O que é que parecia estranho?

– Naquela manhã, senhor, em que o sr. Morley se matou. Eu estava ansiosa para descer e pegar a correspondência. O carteiro havia chegado, mas aquele Alfred não tinha subido com as cartas. Ele não traria as cartas, a não ser que tivesse alguma coisa para a srta. Morley ou para o sr. Morley. Se fosse apenas para mim ou para Emma, ele não se daria ao trabalho de subir. Esperaria até a hora do almoço. Eu fui então até o patamar da escada e olhei para baixo. A patroa não gostava que fôssemos até o saguão no horário de trabalho do sr. Morley, mas pensei que talvez tivesse sorte de ver o Alfred levando algum paciente. Eu poderia chamá-lo quando ele voltasse – Agnes fez uma pausa, suspirou fundo e prosseguiu:

– Foi então que eu o vi. Que vi Frank Carter, quero dizer. Ele estava no meio do caminho, próximo do nosso andar, entre o andar do patrão e o nosso. Estava lá parado, olhando para baixo e esperando. Aquilo me pareceu muito esquisito. Ele parecia estar prestando atenção, ouvindo alguma coisa.

– Que horas eram então?

– Devia ser um pouco depois do meio-dia e meia. Eu pensei: é o sr. Frank Carter, e a srta. Nevill não veio trabalhar. Vai ser uma perda de tempo para ele. Será que devo descer e avisar? O inútil do Alfred não deve ter dito nada, por isso ele está ali esperando. Enquanto eu me decidia, parece que aconteceu alguma coisa e o sr. Carter desceu as escadas num

pulo e correu pelo corredor na direção do consultório do patrão. Pensei que fosse haver confusão, porque o patrão não iria gostar daquilo, mas Emma apareceu e perguntou o que eu estava fazendo. Voltei com ela para dentro e logo depois fiquei sabendo que o patrão tinha se dado um tiro. Foi uma coisa tão horrível que fez com que tudo mais desaparecesse da minha cabeça. Só mais tarde, quando o inspetor já tinha ido embora, comentei com Emma que não tinha dito nada sobre o sr. Carter. Ela perguntou: mas dito o quê? Eu expliquei, e ela disse que talvez fosse minha obrigação contar. Falei que de qualquer forma esperaria um pouco, e ela concordou, porque não queríamos prejudicar o sr. Carter. E daí veio o inquérito. Disseram que o patrão havia se enganado na hora de dar a injeção, que tinha ficado fora de si e depois se matado, uma coisa muito natural. É claro que não tinha porque eu dizer mais nada. Mas quando vi aquela notícia no jornal, dois dias atrás... Ah, aquilo me deixou confusa! Eu dizia para mim mesma: "se ele é um desses lunáticos que pensam que estão sendo perseguidos, se ele sai por aí atirando nas pessoas, bem, quem sabe ele também atirou no patrão!".

Apavorada, ela lançou a Hercule Poirot um olhar interrogativo. Ele tentou acalmá-la, dizendo num tom de voz ao mesmo tempo firme e tranquilo:

– A senhorita fez muito bem em me contar essa história. Era a atitude que devia ter tomado.

– Bem, devo admitir que estou com um peso a menos na consciência. Eu ficava me repetindo a todo o momento que era minha obrigação contar. Mas eu não podia deixar de pensar na polícia e no que a minha mãe iria dizer. Ela sempre foi muito exigente conosco...

– Sim, sim... – cortou Poirot, cansado.

Ele já tinha ouvido mais do que o suficiente sobre a mãe de Agnes naquela tarde.

II

Poirot foi até a Scotland Yard e pediu para falar com Japp. Depois de o levarem até o gabinete do inspetor, disse:

– Eu preciso falar com Carter.

Japp olhou-o de soslaio. Ele disse:

– O que é que você tem em mente?

– Você se opõe a que eu fale com ele?

Japp deu de ombros e disse:

– Não devo fazer nenhuma objeção. De que adiantaria? Quem é o queridinho do ministro do interior? Você. Quem é que tem metade dos ministros na mão? Você. É em você que eles confiam para abafar os escândalos...

Poirot imediatamente lembrou-se do sórdido caso de corrupção que tinha investigado a pedido do então primeiro-ministro, o sr. Edward Ferrier. Ele murmurou, com certa complacência:

– Você tem de admitir que eu me saí muito bem daquela vez. Ninguém poderia imaginar que...

– Sim, só você mesmo! – interrompeu Japp. – Às vezes, Poirot, penso que você não tem nenhum escrúpulo.

O rosto de Poirot assumiu de súbito uma expressão grave. Ele disse:

– Isso não é verdade.

– Está bem, está bem. Não foi isso que eu quis dizer. Mas às vezes parece que você faria qualquer coisa para provar a sua maldita sagacidade. Por que é que você quer ver Carter? Vai perguntar se ele de fato matou Morley?

Para a surpresa de Japp, Poirot moveu a cabeça afirmativamente.

– Sim, meu amigo. É esse o motivo exato.

– E imagino que ele vá mesmo lhe confessar, caso seja o assassino.

– Sim, pode ser que ele me confesse.

Japp olhou para ele, curioso, e disse:

– Eu e você nos conhecemos há muito tempo, você sabe. Vinte anos? Por aí. Mas às vezes não consigo imaginar aonde você quer chegar. Sei que está com uma pulga atrás da orelha. Por alguma razão, você não quer que o jovem Carter seja o culpado...

Hercule Poirot sacudiu a cabeça negativamente:

– Não, não! Você está errado. Bem pelo contrário...

– Seria por causa da garota dele? A loira? Você é meio sentimental...

Poirot olhou para ele indignado.

– Eu não sou sentimental! Esse é um defeito dos ingleses. É na Inglaterra que as pessoas derramam lágrimas quando veem uma jovenzinha apaixonada, uma mãe no leito de morte ou uma criança rezando... Eu sou racional e lógico. Se Frank Carter é um assassino, certamente não vou ser eu quem vai querer casá-lo com uma moça decente mas sem graça, que em um ou dois anos, se ele for enforcado, vai dar um jeito de arrumar outro!

– Então por que é que você se recusa a acreditar na culpa dele?

– Eu quero acreditar na culpa dele.

– Quer dizer então que você sabe de alguma coisa que sugere que ele seja inocente? E por que você não pode me contar o que sabe? Você deveria ser sincero conosco, Poirot.

– Eu estou sendo sincero. Vou inclusive lhe passar o nome e o endereço de uma testemunha cujo depoimento será inestimável para você durante o processo. O que ela tem a dizer deve concluir o caso contra Carter.

– Mas então? Oh! Você está é me enrolando. Por que é que você está tão ansioso para falar com ele?

– Para satisfazer a minha curiosidade – disse Poirot.

E, fora isso, ele não diria mais nada.

III

Frank Carter, magro, pálido, mal-humorado, olhou para a sua visita inesperada com evidente desgosto. Ele disse, rude:

– Então é você, seu maldito gringo? O que é que você quer?

– Quero ver você. Falar com você.

– Ver você já está vendo. Falar eu não vou falar. Só falo na presença do meu advogado. É meu direito, não é mesmo? Não há nada que você possa fazer. Não sou obrigado a falar nada enquanto meu advogado não estiver presente.

– Certamente. Você pode mandar chamá-lo se quiser, mas eu preferia que não fizesse isso.

– Claro que você prefere que não o chame. De certo espera que eu vá cair na sua conversa e confessar algo de comprometedor.

– Estamos só eu e você aqui.

– O que é meio estranho, não é verdade? Aposto que seus colegas da polícia estão ouvindo tudo.

– Você está enganado. Essa é uma conversa privada entre nós dois.

Frank Carter deu uma gargalhada e disse, desconfiado:

– Deixa disso! Está achando que sou algum otário?

– Você se lembra de uma moça chamada Agnes Fletcher?

– Nunca ouvi falar.

– Acho que você vai se lembrar dela, embora talvez nunca tenha lhe dado muita importância. Ela trabalhava como copeira na casa do sr. Morley.

– E daí?

Poirot disse calmamente:

– Na manhã do dia em que o sr. Morley foi morto, essa moça deu com você parado no meio das escadas, prestando atenção em alguma coisa. Ela o via do último patamar e quando foi chamá-lo você saiu na direção do consultório do dentista. Eram então mais ou menos 12h25.

Frank Carter começou a tremer violentamente. O suor lhe pingava da testa. Seus olhos, mais ariscos do que nunca, moviam-se furtivos de um lado para outro. Ele gritou, fora de si:

– É mentira! É mentira! Alguém está pagando para que ela diga isso. Você, a polícia!

– De acordo com a sua história, naquela hora você já tinha deixado a casa do sr. Morley e caminhava pela Marylebone Road.

– Isso mesmo. Essa moça está mentindo. É impossível que ela tenha me visto. Estão armando essa sujeira pra cima de mim. Se fosse verdade, ela teria dito isso antes!

Sem se exaltar, Poirot retrucou:

– Na época, ela comentou o ocorrido com a cozinheira. Elas não souberam como interpretar o fato e resolveram ficar caladas. Quando saiu o resultado do inquérito de que a morte tinha sido suicídio, elas se deram por convencidas e esqueceram o assunto.

– Eu não acredito em nenhuma palavra do que você está dizendo. Elas estão juntas nisso. Indecentes, mentirosas...

Furioso, ele desfiou uma lista de impropérios e palavrões.

Hercule Poirot esperou que ele terminasse.

Quando Carter finalmente calou-se, Poirot disse com calma, medindo as palavras:

– Palavrões e acessos de fúria não vão levá-lo a lugar algum. Essas moças vão contar o que sabem, e as pessoas vão acreditar nelas. E isso pelo simples motivo de que o que elas dizem é a verdade. Agnes Fletcher realmente viu você. Você estava lá parado ouvindo no meio das escadas. Não tinha deixado a casa. E você foi até o consultório do sr. Morley.

Ele fez uma pausa e então perguntou:

– O que foi que aconteceu lá dentro?

– É tudo mentira! Estou lhe dizendo!

Hercule Poirot sentiu-se cansado. Sentiu-se velho. Ele não gostava de Frank Carter. Não gostava nem um pouco. Na sua opinião, Frank Carter era um jovem prepotente, mentiroso e traiçoeiro, do qual nada viria de bom. Hercule Poirot poderia recuar, se omitir e deixar que Frank Carter continuasse com as suas mentiras. O mundo rapidamente estaria livre de um dos seus habitantes mais desagradáveis...

Poirot disse:

– Sugiro, para o seu próprio bem, que você diga a verdade.

Frank Carter era estúpido, talvez nem tanto. No ponto em que chegara, só lhe restava seguir negando tudo até o final. Se admitisse uma única vez ter entrado naquele consultório às 12h25, ninguém mais acreditaria nele. Depois disso, qualquer história que ele contasse seria colocada em dúvida como uma possível mentira.

Ele que seguisse negando, então. Poirot tinha cumprido o seu dever. Frank Carter seria muito provavelmente enforcado pela morte de Henry Morley. E era possível que ele o tivesse mesmo assassinado.

Hercule Poirot podia se levantar e ir embora.

Frank Carter repetiu:

– É mentira!

Por um instante, ficaram em silêncio. Poirot continuava parado. Ele teria se sentido muito melhor levantando e indo embora. Ainda assim, continuava ali parado.

Finalmente, ele se inclinou e disse, num tom de voz em que imprimiu todo o peso da sua autoridade:

– Eu não estou lhe mentindo. Peço que acredite em mim. Se você não matou Morley, a sua única esperança é me contar toda a verdade sobre o que aconteceu naquela manhã.

O rosto maldoso e traiçoeiro que estava diante de Poirot desconcertou-se adquirindo um ar incerto. Frank Carter mordeu o lábio inferior. Seus olhos reviraram-se de um lado a outro, como os de um animal aterrorizado.

A coisa estava resolvida. Derrotado pela força da personalidade de Poirot, Frank Carter se rendeu.

Ele disse, rouco:

– Está bem. Vou lhe contar. Se você me deixar na mão agora, espero que Deus lhe mande para o quinto dos infernos. Eu entrei mesmo no... Subi as escadas e esperei no lance logo acima do andar de Morley. Queria ter certeza de que o encontraria sozinho. Um senhor saiu e desceu. Um senhor gordo. Eu estava pronto para ir lá quando outro senhor saiu do consultório e desceu. Sabia que teria de ser rápido. Corri e enfiei-me no consultório sem nem mesmo bater na porta. Eu estava pronto para acertar as contas com ele. Ficar falando mal de mim pelas costas, colocar minha garota contra mim... canalha maldito!

Ele se interrompeu.

– E então? – perguntou Poirot, sem esmorecer.

A voz de Carter perdeu o tom, desafinando-se:

– E ele estava lá caído. Morto. É verdade! Eu juro! Estava lá caído bem da forma como descreveram no inquérito. No início não acreditei. Inclinei-me sobre ele. Ele estava mesmo morto. A mão dele estava gelada, e eu vi o buraco da bala na cabeça dele, com uma crosta preta de sangue ao redor...

O suor começou a escorrer da testa de Carter novamente.

– Me dei conta de que estava em apuros. Iriam colocar a culpa em mim. Eu não tocara em nada, exceto na mão dele e na maçaneta da porta. Limpei a maçaneta com meu lenço, dos dois lados, e saí. Disparei escada abaixo o mais rápido que pude. Não havia ninguém no saguão. Deixei a casa e saí caminhando para longe de lá. Minha cabeça girava.

Ele parou. Olhou assustado para Poirot.

– Essa é a verdade, eu juro... Ele já estava morto. O senhor tem de acreditar em mim!

Poirot levantou-se e disse numa voz triste e cansada:

– Eu acredito.

Caminhou na direção da porta.

Frank Carter gritou:

– Eles vão me enforcar. Vão me enforcar sem pensar duas vezes quando souberem que eu entrei no consultório.

Poirot disse:

– Você se salvou ao contar a verdade.

– Como? Eles vão dizer que...

Poirot o interrompeu:

– A sua história confirmou o que eu já sabia. Deixe comigo a partir de agora.

Ele saiu.

Ainda estava triste e cansado.

IV

Poirot chegou à casa do sr. Barnes às 18h45. Ele lembrou-se do sr. Barnes dizer que aquela era uma boa hora para encontrá-lo.

O sr. Barnes estava trabalhando no jardim.

Ele cumprimentou Poirot dizendo:

– Precisamos de chuva, sr. Poirot. Precisamos mesmo.

Ele olhou pensativo para a visita e comentou:

– O senhor não parece estar se sentindo muito bem...

– Às vezes – disse Poirot –, não gosto das coisas que tenho de fazer.

O sr. Barnes assentiu com a cabeça.

– Eu entendo, sr. Poirot.

Poirot olhou distraído para os pequenos canteiros, muito bem cuidados, e murmurou:

– O seu jardim foi muito bem planejado. Tudo se encaixa. É pequeno, mas exato.

O sr. Barnes disse:

– Quando se tem pouco espaço, é preciso saber aproveitá-lo ao máximo. Um bom planejamento se torna uma necessidade.

Hercule Poirot concordou. O sr. Barnes prosseguiu:

– Vi que o senhor pegou o assassino...

– Frank Carter?

– Sim, o que me deixou realmente surpreso.

– O senhor não pensava que o motivo do crime fosse de ordem pessoal, digamos assim...

– Não. Francamente, não pensava. A presença de Amberiotis e Alistair Blunt me fazia ter certeza de que era um caso de espionagem.

– Foi o que o senhor me disse no nosso primeiro encontro.

– Na época, eu tinha certeza disso.

Poirot disse calmamente:

– Mas o senhor estava errado.

– Sim. Eu admito. O problema é que raciocinamos conforme a nossa própria experiência. Estive por tanto tempo envolvido com esse tipo de coisa que acabo por interpretar tudo dessa forma.

Poirot disse:

– No tempo em que estava na ativa, o senhor sem dúvida presenciou o velho truque do mágico que pede para tirarem a carta de um baralho, não? Como é que se chama... forçar uma carta?

– Sim, é claro que presenciei.

– É isso que parece que se faz nesse caso. Quando se pensa num motivo, é uma carta que se está tirando... Quanto a Amberiotis, Alistair Blunt, os problemas políticos do país... – Poirot deu de ombros. – O senhor foi quem mais contribuiu para que eu me afastasse da verdade.

– Ah, é possível, realmente. Peço desculpas.

– O senhor estava numa posição privilegiada para saber o que tinha ocorrido. Por isso dei tanto valor às suas palavras.

– Bem, na época, aquilo que lhe disse era aquilo em que eu acreditava. É a única desculpa que posso lhe oferecer.

Ele fez uma pausa e suspirou.

– E foi mesmo um motivo puramente pessoal que levou ao crime?

– Sim. Demorei muito para descobrir o motivo do crime. Mas a sorte estava do meu lado e me deu a pista certa.

– E qual era ela?

– Um pedaço de conversa. Um pedaço de conversa muito significativo! Se eu tivesse me dado conta na hora...

Pensativo, o sr. Barnes coçou o nariz com a ponta da espátula. Um pouco de terra ficou grudado do lado do nariz.

– O senhor está me propondo alguma charada? – ele perguntou.

– O senhor também não foi tão direto comigo quanto poderia ter sido.

– Eu?

– Sim.

– Meu caro, jamais me passou pela cabeça que Carter pudesse ser o culpado. Até onde eu sabia, ele tinha deixado a casa antes de Morley ser assassinado. Imagino que tenham descoberto que a história contada por ele era mentira?

Poirot disse:

– Carter estava na casa. Mais ou menos às 12h26, ele viu o assassino.

– Mas então Carter não...

– Ele viu o assassino, é como estou lhe dizendo!

O senhor Barnes perguntou:

– E ele o reconheceu?

Poirot sacudiu negativamente a cabeça.

Dezessete, dezoito, as criadas esperando

I

No dia seguinte, Poirot passou algumas horas com um agente de teatro que ele conhecia. À tarde, foi até Oxford. No outro dia, fez uma viagem até algumas cidadezinhas do interior e quando voltou já era tarde.

Ele tinha agendado, por telefone, um encontro com o sr. Alistair Blunt para aquela noite.

Quando chegou à mansão gótica, já eram nove e meia.

Alistair Blunt estava sozinho na biblioteca.

Ele olhou ansioso para o visitante ao se cumprimentarem.

Ele disse:

– E então?

Poirot moveu a cabeça afirmativamente.

Blunt olhou para ele, admirado.

– O senhor a encontrou?

– Sim, sim. Eu a encontrei.

Ele se sentou. Suspirou.

Alistair Blunt perguntou:

– O senhor está cansado?

– Sim, estou cansado. E o que tenho para dizer-lhe não é nada agradável.

– Ela está morta? – perguntou Blunt.

– De certa forma... – disse Poirot lentamente.

Blunt franziu o cenho.

– Meu caro, as pessoas ou estão vivas ou mortas. A srta. Sainsbury Seale tem de estar uma coisa ou outra.

– Ah! Mas quem é a srta. Sainsbury Seale?

– O senhor não está querendo dizer que... que essa pessoa nunca existiu?

– Não, não. Ela existiu. Viveu em Calcutá. Deu aulas de dicção. Trabalhou com instituições filantrópicas e veio à Inglaterra no *Maharanah*, o mesmo barco em que o sr. Amberiotis viajou. Embora não estivessem na mesma classe, ele a ajudou com um problema que ela teve com as bagagens. Foi gentil com ela. E a gentileza, sr. Blunt, às vezes é retribuída de uma forma inesperada. Foi o que aconteceu com o sr. Amberiotis. Ele acabou encontrando-a por acaso novamente nas ruas de Londres. Era um dia em que ele estava bem-humorado e a convidou para almoçar no Savoy. Para ela, uma surpresa agradável. Para o sr. Amberiotis, um golpe de sorte! O convite não tinha sido premeditado. Ele não sabia que aquela solteirona sem graça equivaleria a uma verdadeira mina de ouro. E era isso o que ela era, mesmo que a própria jamais desconfiasse. Ela nunca foi inteligente mesmo. Era boa, bem intencionada, mas tinha o cérebro de uma galinha!

– Mas então não foi ela quem matou a sra. Chapman?

Poirot disse lentamente:

– É difícil eu explicar... Devo começar pelo início de tudo. Quero dizer, pelo sapato!

Blunt disse, confuso:

– O sapato?

Hercule Poirot fez que sim com a cabeça.

– Um sapato de fivela. Eu estava saindo do dentista, descendo os degraus da entrada do número 58 da Queen Charlotte Street. Um táxi parou logo em frente, abriu a porta e um pé feminino preparava-se para descer. Sou particularmente atraído por pés e tornozelos femininos. Era um pé bonito, com um belo tornozelo numa meia de qualidade, mas não gostei do sapato. Um sapato novo, de couro reluzente, com uma enorme fivela. Brega, realmente brega! Eu prestava atenção nesse detalhe quando a mulher saiu do carro. Para ser franco, a impressão não foi das melhores. Uma mulher de meia-idade sem nenhum charme e muito malvestida.

– Era a srta. Sainsbury Seale?

– Sim... Um acidente aconteceu enquanto ela descia. A fivela do sapato ficou presa na porta e acabou sendo arrancada. Eu a juntei do chão e devolvi a ela, depois fui embora. Mais tarde, no mesmo dia, acabei indo

conversar com ela, acompanhado do inspetor Japp. Ela ainda não tinha costurado a fivela, devo observar, de passagem. Naquela mesma noite, a srta. Sainsbury Seale deixou o hotel e desapareceu. Esse seria o final da primeira parte da história.

A segunda parte começou quando o inspetor Japp pediu-me que fosse até um endereço: King Leopold Mansions, Battersea Park, apartamento 45. Nesse local havia um baú, desses hermeticamente fechados para conservação de peles, e dentro dele havia um cadáver. Entrei no quarto onde estava o baú, caminhei até ele e a primeira coisa que vi foi um sapato com fivela, velho e desgastado!

– Mas e então?

– O senhor não prestou atenção. Era um sapato velho e desgastado, que tinha sido muito usado. Ao que tudo indica, a srta. Sainsbury Seale fora até aquele apartamento na noite daquele mesmo dia, o dia do assassinato do sr. Morley. Mas os sapatos que vi de manhã eram novos! Eles não teriam se desgastado tanto ao longo de um único dia.

Alistair Blunt disse, sem dar muita atenção:

– Ela poderia ter dois pares de sapato, não?

– Não, porque eu e Japp tínhamos ido ao quarto dela no Glengowrie Court Hotel. Olhamos as coisas dela e não havia nenhum par de sapatos com fivela. Ela poderia ter outro par mais velho de sapatos. Poderia tê-los calçado para sair à noite, depois de um dia cansativo. Mas, nesse caso, teria deixado o par mais novo no hotel. Curioso, não?

– Não estou entendendo qual a importância disso tudo...

– Não é importante. Não é nada importante. Mas é algo que não se tinha como explicar. Fiquei parado em frente ao baú, olhando para o sapato... A fivela tinha sido costurada à mão. Não soube o que pensar. Disse para mim mesmo que talvez, naquela manhã, eu estivesse vendo coisas. Depois de sair do dentista, eu enxergava tudo cor-de-rosa. Sapatos velhos pareciam novos...

– E talvez fosse essa a explicação?

– Não, não! Meus olhos nunca me enganam. Estudei o corpo dessa mulher e não gostei do que vi. Por que é que tinham demolido o rosto daquele jeito, com golpes a esmo, até que ficasse irreconhecível?

Alistair Blunt começou a caminhar impaciente. Ele disse:

– Temos de rever essa questão mais uma vez? Sabemos que...

– É preciso – interrompeu Poirot, decidido. – Tenho de mostrar-lhe o caminho que fiz para descobrir a verdade. Eu disse para mim mesmo: "Algo está errado. Temos aqui uma mulher morta vestida com as roupas da srta. Sainsbury Seale, mas os sapatos não devem ser os mesmos. A bolsa da srta. Sainsbury Seale está com a mulher, mas não é possível reconhecer o seu rosto. Seria por que o rosto não é o da srta. Sainsbury Seale?" Comecei imediatamente a pensar na descrição que tinham nos dado da dona do apartamento. Perguntei-me: "Será que não é essa a mulher que está ali deitada?" Resolvi dar uma olhada no quarto da dona do apartamento. Tentei imaginar que tipo de mulher ela seria.

– Em termos mais superficiais, as duas eram bem diferentes. A sra. Chapman era uma mulher inteligente, elegante, muito bem-maquiada. Mas em termos mais substanciais, não diferiam tanto. Tinham o mesmo tamanho e a mesma idade. O cabelo era da mesma cor... Havia, entretanto, uma diferença decisiva. A srta. Chapman calçava 37. A senhorita Sainsbury Seale, pelo tamanho de uma das meias que eu examinara no seu apartamento, não devia calçar menos do que 39. A sra. Chapman, portanto, tinha um pé menor que o da srta. Sainsbury Seale. Voltei até onde estava o corpo. Se minha hipótese estivesse correta, e o corpo ali deitado fosse o da sra. Chapman usando as roupas da srta. Sainsbury Seale, então os sapatos estariam folgados. Agarrei um deles, mas não consegui soltá-lo. Estava apertado. Parecia que o corpo era mesmo o da srta. Sainsbury Seale. Mas então por que tinham demolido o rosto? Se não quisessem que ela fosse identificada, teriam pelo menos tirado a bolsa do baú.

– Era estranho – continuou Poirot. – A coisa não fazia sentido. Desesperado, peguei a caderneta de endereços da sra. Chapman. Um dentista poderia provar em definitivo de quem era ou não era o corpo da mulher no baú. Por coincidência, o dentista da sra. Chapman era o sr. Morley. Ele estava morto, mas a identificação ainda era possível. O senhor sabe qual foi o resultado. O corpo foi identificado como sendo o da sra. Chapman pelo dentista que havia assumido o antigo consultório do sr. Morley.

Blunt movia-se nervosamente, mas Poirot fazia que não via. Ele continuou:

– Restava um problema psicológico. Que tipo de mulher era Mabelle Sainsbury Seale? Havia duas respostas para essa questão. A primeira era

óbvia e podia ser inferida dos seus trabalhos filantrópicos na Índia e do testemunho dos amigos pessoais dela. Uma mulher dedicada, séria, talvez não muito inteligente. Existiria outra srta. Sainsbury Seale? Aparentemente sim. Havia uma mulher que almoçara com um espião estrangeiro, que abordara o senhor na rua e alegara ser uma amiga íntima da sua mulher (uma afirmação, por certo, totalmente mentirosa). Ela deixara o consultório do sr. Morley logo em seguida ao assassinato dele. Visitara outra mulher na noite em que esta fora muito provavelmente assassinada e depois desaparecera, embora soubesse que toda polícia inglesa estava atrás dela. Eram essas ações compatíveis com o caráter que os amigos atribuíam a ela? Parece que não. Se a srta. Sainsbury Seale não era uma pessoa boa, bem intencionada, então talvez ela fosse uma assassina fria ou no mínimo cúmplice de um assassinato.

– Pensei em colocar na balança a minha impressão pessoal. Eu tinha conversado com Mabelle Sainsbury Seale. O que eu achava mesmo dela? E essa, sr. Blunt, era a pergunta mais difícil de responder. Tudo o que ela dizia, o jeito de ela falar, seu aspecto e seus gestos concordavam com o que diziam do seu caráter. Mas concordavam também com o fato de ela ter iniciado a vida como atriz. Eu poderia ter estado diante de uma atriz... Fiquei muito impressionado com uma conversa que tive com o sr. Barnes, outro paciente atendido pelo sr. Morley naquela manhã. A teoria dele era a de que as mortes de Morley e de Amberiotis tinham sido acidentais. Era o senhor que visavam em primeiro lugar.

Alistair Blunt disse:

– Ah, por favor... Isso é um pouco forçado.

– O senhor acha mesmo? Não é verdade que existem vários grupos de pessoas para quem é vital que o senhor fique, digamos, fora de circulação? Não há pessoas que gostariam de impedir que o senhor exercesse a sua influência?

Blunt disse:

– Ah, sim, isso é verdade. Mas o que a morte de Morley teria que ver com isso?

Poirot disse:

– Porque é uma morte, como posso dizer... extravagante! Além de parecer gratuita, dela se seguiram reviravoltas inesperadas e outras mortes

sem sentido. Sim, há uma extravagância, uma ousadia nesse caso. Essa extravagância e ousadia sugerem que algo de grande esteja em jogo.

– O senhor não acredita que Morley tenha se matado por causa do erro que dizem que cometeu?

– Não. Nunca acreditei nisso nem por um minuto. Morley foi assassinado, Amberiotis foi assassinado, uma mulher irreconhecível foi assassinada. Por quê? Por causa de alguma coisa muito importante. A teoria de Barnes era a de que alguém oferecera dinheiro a Morley, ou ao sócio dele, para que tirassem o senhor de circulação.

Alistair exclamou:

– Absurdo!

– O senhor acha mesmo absurdo? Digamos que se queira eliminar uma pessoa, mas que essa pessoa esteja protegida, prevenida. Para matá-la é necessário uma abordagem que não desperte suspeitas. Na cadeira de um dentista estamos todos vulneráveis, mas essa vulnerabilidade nos parece perfeitamente natural e a ela nos submetemos sem desconfiança.

– Bem, suponho que isso faça sentido. Nunca pensei por esse ângulo.

– Faz sentido e foi o que aconteceu. Quando me dei conta disso, vislumbrei a verdade do caso.

– Então o senhor concorda com a teoria de Barnes? E quem é esse Barnes?

– Barnes era o paciente de Reilly do meio-dia. Ele trabalhava para o governo, mas está aposentado. É um homenzinho que não tem muita importância. Mas o senhor está errado quando diz que eu aceito a teoria dele. Eu não a aceito. Aceito o ponto de partida da teoria dele.

– O que é que o senhor quer dizer?

– Durante todo esse tempo, deixei-me levar por hipóteses que não eram boas. Algumas vezes sem querer, mas outras vezes de propósito. As coisas davam a entender, até mesmo forçavam-me a pensar, que se tratava de um crime político. Quer dizer, que o foco do caso fosse o senhor enquanto banqueiro, financista, defensor da tradição e do conservadorismo inglês! Mas todo homem público tem também uma vida privada. Esse foi o meu erro. Me esqueci da vida privada. Havia motivos pessoais para que matassem Morley. Veja o exemplo de Frank Carter. Poderia haver motivos pessoais para que matassem o senhor... Parentes herdariam o dinheiro. Pessoas poderiam odiá-lo como homem e não como figura pública. Então

me vi diante do exemplo máximo do que se poderia chamar de "forçar uma carta", como num truque de mágica. O suposto atentado de Frank Carter à vida do senhor. Se o atentado fosse genuíno, seria de caráter político. Mas havia outra explicação possível? Sim. Um segundo homem estava debaixo dos arbustos. O homem que correra e imobilizara Carter. Ele poderia ter dado o tiro e depois atirado a pistola perto dos pés de Carter. Como qualquer outra pessoa, Carter se sentiria inclinado a juntá-la, sendo depois surpreendido com ela nas mãos...

– Eu levei em conta essa hipótese. Raikes tinha estado na Queen Charlotte Street na manhã da morte de Morley. Ele era um terrível inimigo de tudo o que o senhor defende e representa. E poderia também vir a casar com a sua sobrinha. Ele herdaria uma bela herança no caso da sua morte, embora o senhor tivesse tomado providências para que Jane não tivesse um acesso imediato à fortuna. Seria, afinal de contas, um crime motivado por interesses privados, a obtenção pessoal de uma fortuna? Por que é que eu esperava que fosse um crime político? Porque, não uma, mas muitas vezes, essa ideia tinha sido sugerida para mim, como se força uma carta num truque de mágica.

– Foi então que aquela ideia me ocorreu, que vislumbrei a verdade do caso. Eu estava na igreja, entoando um verso de um salmo. O verso falava de cordas e uma armadilha. Uma armadilha para mim? Sim, poderia ser... Mas nesse caso, quem a teria armado? Somente uma pessoa poderia tê-la armado... E não fazia sentido, ou fazia? Será que o tempo todo eu estivera olhando para o caso de cabeça para baixo? Desperdício de dinheiro, descaso com a vida alheia? Sim! O criminoso agia em função de algo que tinha uma importância enorme... Minha nova hipótese era estranha, mas se estivesse correta explicaria tudo. Explicaria o mistério da natureza dupla da srta. Sainsbury Seale. Resolveria o enigma do sapato com fivela. Responderia à questão: onde está a srta. Sainsbury Seale? *Eh bien*... essa nova hipótese me mostrava como tudo nesse caso começava e terminava com a srta. Sainsbury Seale. Não era de admirar que parecesse haver duas Mabelles Sainsbury Seale. Havia duas Mabelles Sainsbury Seale. Havia a mulher bondosa, generosa, atrapalhada, a quem os amigos defendiam e elogiavam. E havia a outra, a mulher que estava envolvida em dois assassinatos, que mentia e desaparecera misteriosamente.

– O porteiro do prédio da sra. Chapman disse que a srta. Sainsbury Seale havia estado lá uma outra vez... Da forma como reconstruí o caso, essa primeira teria sido a única vez. Ela nunca deixou o prédio. A outra srta. Sainsbury Seale assumiu o lugar dela. Essa outra Mabelle Sainsbury Seale, vestida em roupas do mesmo estilo e usando um novo par de sapatos com fivela, porque os originais não lhe serviam, foi ao Russell Square Hotel num horário tumultuado, pegou as coisas da morta, pagou a conta e foi embora. Ela se hospedou no Glengowrie Court Hotel. Desse dia em diante, os amigos da srta. Sainsbury Seale verdadeira não tiveram mais notícias dela. A outra srta. Sainsbury Seale desempenhou o seu papel por cerca de uma semana. Vestiu as roupas de Mabelle Sainsbury Seale e falou imitando a voz dela, mas teve de comprar também um outro par menor de sapatos de noite. Depois ela desapareceu, tendo sido vista pela última vez entrando novamente no edifício da sra. Chapman na noite do dia em que Morley foi morto.

– O sr. está querendo dizer – perguntou Alistair Blunt – que o cadáver encontrado naquele apartamento era mesmo o de Mabelle Sainsbury Seale?

– Mas é claro que era! Foi uma espécie de blefe duplo, dos mais inteligentes. Demoliram o rosto exatamente para que alguém exigisse que a mulher fosse identificada!

– Mas e a evidência dentária?

– Ah! Esse é outro ponto interessante. A evidência não foi atestada pelo dentista. Morley estava morto. Não poderia falar do próprio trabalho. Não foi ele quem disse quem era a mulher morta. Essa evidência veio das radiografias, e estas tinham sido alteradas. Ambas as mulheres eram pacientes de Morley. Bastava que trocassem as etiquetas com os nomes nas radiografias. Por isso respondi com um “depende” quando o senhor me perguntou se ela estava morta. A qual srta. Sainsbury Seale o senhor se referia? À mulher que desapareceu do Glengowrie Court Hotel ou à verdadeira Mabelle Sainsbury Seale?

Alistair Blunt disse:

– Eu conheço a sua fama, sr. Poirot. Imagino, portanto, que o senhor não defenderia uma hipótese tão extraordinária sem evidências contundentes. Pois trata-se de uma hipótese, nada mais. Para mim, a coisa toda parece muito improvável. O senhor está sugerindo que Mabelle

Sainsbury Seale tenha sido assassinada e que Morley também tenha sido assassinado, deliberadamente, para que não pudesse identificar o corpo dela. Mas por quê? É isso o que eu gostaria de saber. Temos essa mulher. Uma mulher de meia-idade, completamente inofensiva, com muitos amigos e, até onde se sabe, nenhum inimigo. Por que diabos elaborariam um plano como esse para matá-la?

– Por quê? Sim, essa é a questão... Como o senhor diz, Mabelle Sainsbury Seale era uma criatura completamente inofensiva, que não faria mal a uma mosca! Por que então a tinham matado, e de uma forma tão brutal? Bem, vou lhe dizer o que penso sobre isso.

– Pois diga...

Poirot se inclinou para frente e disse:

– Acredito que Mabelle Sainsbury Seale tenha sido assassinada por ser uma ótima fisionomista.

– Mas o que é que o senhor quer dizer?

– Separemos a dupla personalidade. Há uma senhora inofensiva, vinda da Índia. Mas há também um incidente que ocorre entre os diferentes papéis. Qual das duas Mabelles teria falado com o senhor na entrada da casa de Morley? Ela alegou, o senhor lembra, ser "uma amiga íntima da sua esposa". Tal alegação não pareceu verdadeira nem ao senhor e nem aos amigos dela. Podemos dizer que fosse uma falsidade. A verdadeira srta. Sainsbury Seale não mente. Deve ter sido, portanto, uma mentira dita de propósito pela impostora.

– Sim, posso acompanhar o seu raciocínio, mas ainda não entendi qual seria o propósito da mentira.

Poirot disse:

– Ah! *Pardon*... Examinemos primeiro a outra possibilidade. Quem o abordou foi a verdadeira srta. Sainsbury Seale. Ela não mente. Portanto, a história deve ser verdadeira.

– É mesmo uma possibilidade, mas não me parece plausível.

– É claro que não é plausível! Mas se assumirmos a segunda possibilidade, a história tem de ser verdadeira. A srta. Sainsbury Seale conhecia a sua esposa. Ela a conhecia muito bem. Mas que tipo de pessoa teria sido a sua esposa para que alguém como a srta. Sainsbury Seale a conhecesse? Alguma anglo-indiana, uma missionária ou, recuando ainda mais no passado, uma atriz! Quer dizer, outra pessoa que não Rebecca

Arnholt... Agora, o senhor deve estar entendendo o que eu queria dizer quando falava de motivos políticos e motivos pessoais. O senhor é um grande banqueiro. Mas o senhor é também um homem que casou com uma mulher muito rica. E antes de se casar com ela, o senhor era apenas um funcionário da empresa, recém-formado em Oxford...

– O senhor está me entendendo? Comecei a examinar o caso da perspectiva correta. Não se mediam gastos? Claro que não! Para alguém como o senhor... Descaso com a vida alheia? Ora, por muito tempo o senhor tem sido bem dizer um ditador, e para um ditador a própria vida é fundamental, enquanto a dos outros não tem muita importância.

Alistair Blunt disse:

– O que é que o senhor está sugerindo?

– Estou sugerindo que o senhor já era casado quando se casou com Rebecca Arnholt. Deslumbrado, não tanto com a riqueza, mas com o poder que o novo casamento lhe propiciaria, o senhor escondeu o fato e cometeu bigamia deliberadamente. A sua verdadeira mulher foi conivente com a situação.

– E quem seria essa esposa verdadeira?

– Ela era conhecida no prédio onde morava como sra. Chapman. Esse edifício fica a menos de cinco minutos de caminhada da sua casa. O senhor tomou emprestado o nome de um agente secreto que de fato existia, pois isso daria credibilidade às histórias de que o marido dela trabalhava para o serviço de inteligência. O esquema do senhor funcionou muito bem. Ninguém suspeitou de nada. Ainda assim, a verdade era que o seu casamento com Rebecca Arnholt era ilegal, e o senhor era culpado de bigamia. Durante todos esses anos, o senhor não correu qualquer perigo. Mas de repente surgiu uma ameaça na forma de uma mulher de meia-idade que se lembrou do senhor depois de cerca de vinte anos, como o marido da amiga dela. Por acaso, ela retornara a esse país. Por acaso, ela encontrou-o na Queen Charlotte Street. Por acaso, a sua sobrinha presenciou o encontro e ouviu o que ela disse para o senhor. De outra forma, eu jamais teria descoberto.

– Fui eu mesmo quem lhe falou desse encontro.

– Não, foi a sua sobrinha quem insistiu que me contasse, e o senhor não poderia protestar sob pena de despertar suspeitas. Depois daquele encontro na Queen Charlote Street, outra fatalidade aconteceu. Mabelle

Sainsbury Seale encontrou Amberiotis, foi almoçar com ele e comentou sobre o encontro com o marido da amiga... "depois de todos aqueles anos! Parecia mais velho, mas quase não tinha mudado!" Esse último ponto, admito, é especulativo, mas acredito que seja verdadeiro. Não creio que Mabelle Sainsbury Seale tenha se dado conta, em nenhum momento, de que o sr. Blunt com quem a amiga casara fosse agora uma figura importante do mundo financeiro. Blunt é um sobrenome comum. Mas Amberiotis, além de espião, era chantagista. Chantagistas têm um ótimo faro para mentiras. Amberiotis suspeitou de alguma coisa. Para ele foi fácil descobrir o que estava acontecendo. E não tenho dúvidas de que ele tenha telefonado ou escrito ao senhor... Ele tinha descoberto uma mina de ouro.

Poirot fez uma pausa, depois continuou:

– Há apenas uma forma de se lidar com um chantagista experiente e determinado: silenciá-lo. Ao contrário do que eu imaginara, a questão não era "o sr. Blunt tem de sumir". Quem tinha de sumir era o sr. Amberiotis. Mas a resposta era a mesma! A melhor maneira de nos livrarmos de alguém é aproveitando um momento de vulnerabilidade. Na cadeira de um dentista, todos somos vulneráveis. Mais do que isso, desconfiamos apenas da broca, à qual de qualquer forma nos submetemos.

Poirot fez outra pausa. Um sorriso fraco esboçou-se em seu rosto. Ele disse:

– A verdade sobre o caso tinha sido mencionada bem no início. O atendente, Alfred, estava lendo uma história de detetive cujo título era *Morte às onze e quarenta e cinco*. Deveríamos ter tomado aquilo como um presságio. Pois é claro que esse foi o momento em que Morley foi assassinado. O senhor atirou nele bem no final da consulta. O senhor então tocou a campainha, abriu a torneira da pia e deixou o consultório. Tudo foi calculado de forma que o senhor descesse no momento em que Alfred conduzia a falsa Mabelle Sainsbury Seale pelo elevador. O senhor abriu de fato a porta da rua, talvez tenha chegado a sair, mas quando as portas do elevador se fecharam o senhor recuou, voltou para dentro e subiu as escadas. Por experiência própria, sei o que Alfred fazia quando conduzia um paciente. Ele batia na porta, depois a abria e recuava, deixando o paciente passar. Do lado de dentro, a água estava correndo, o que o levou a pensar que Morley lavava as mãos. Mas Alfred não poderia vê-lo. Logo

que Alfred desceu, pelo elevador, o senhor entrou novamente no consultório. Junto com a sua cúmplice, levantaram o corpo e o levaram para a sala adjacente. Bastou uma busca rápida nos arquivos para que encontrassem as radiografias da sra. Chapman e da srta. Sainsbury Seale, cujas etiquetas foram trocadas. O senhor vestiu um guarda-pó branco. Sua mulher talvez tenha retocado a maquiagem. Era a primeira consulta do sr. Amberiotis com o sr. Morley. Ele também nunca tinha encontrado com o senhor pessoalmente. É muito raro que sua foto apareça nos jornais. Além disso, do que é que ele desconfiaria? Um chantagista não tem medo do dentista. A srta. Sainsbury Seale sai do consultório e é conduzida por Alfred até a porta. A campainha toca e Amberiotis é conduzido até o consultório. Ele encontra o dentista lavando as mãos na pia atrás da porta. O dentista o leva até a cadeira. Ele indica o dente que está doendo. O senhor faz os comentários usuais. Explica que será melhor anestesiar a gengiva. A procaína e a adrenalina estão lá à sua disposição. O senhor injeta uma dose generosa. Depois disso, não é de admirar que Amberiotis nem perceba a sua falta de habilidade como dentista...

– Sem suspeitar de nada, Amberiotis deixa o consultório. O senhor retira o corpo do sr. Morley da sala e o ajeita no chão do consultório. No percurso, deixa algumas marcas suaves no carpete, já que agora não há ninguém para ajudá-lo com o peso. O senhor limpa a pistola e a coloca na mão dele. Limpa a maçaneta da porta, de forma que as suas impressões digitais não sejam as últimas. Os instrumentos que o senhor utilizou tinham sido passados no esterilizador. O senhor deixa o consultório, desce as escadas e escapa pela porta da frente num momento oportuno. É só nesse momento que corre um risco.

– Tudo deveria ter terminado muito bem! As duas pessoas que ameaçavam a sua segurança estavam mortas. Uma terceira pessoa estava morta. Uma morte inevitável, do seu ponto de vista. E facilmente explicável. O suicídio de Morley explicava o erro que ele tinha cometido com Amberiotis. Uma morte cancelava a outra. Mais um desses acidentes que se leem nos jornais... Mas, muito infelizmente para o senhor, eu também estou em cena. Eu tenho dúvidas. Faço objeções. As coisas não estão correndo de forma tão tranquila. É preciso um plano de emergência, um bode expiatório. O senhor tem todas as informações que precisa a respeito das pessoas que trabalham na casa de Morley. Há um jovem,

Frank Carter, que deve servir. Sua cúmplice dá um jeito de que esse jovem seja empregado, de forma misteriosa, como jardineiro na sua casa de campo. Se mais tarde ele vier a contar a história, ninguém vai acreditar. No momento devido, o corpo no baú de peles irá aparecer. Inicialmente vão pensar que o corpo é o da srta. Sainsbury Seale. Mas será necessário confirmar a identificação através de uma evidência dentária. Será um escândalo! A cartada parece desnecessária, mas é fundamental. Não é nada bom para o senhor que a polícia inglesa saia por aí procurando uma sra. Chapman, desaparecida. Ela deve ser dada como morta. Quem a polícia deve procurar é Mabelle Sainsbury Seale, que jamais será encontrada. Além disso, o senhor pode exercer a sua influência para que o caso seja arquivado.

– E o senhor é bem-sucedido nisso. Mas o senhor também precisa saber o que estou fazendo. O senhor me contata e me encarrega de procurar a mulher desaparecida. E o senhor persiste forçando a mesma carta. A sua cúmplice me liga, ameaçando-me de uma forma melodramática. A mesma ideia: espionagem, motivo político. A sua esposa é uma excelente atriz, devo admitir, mas para disfarçar a voz a tendência natural é imitarmos outra. Sua esposa imitou a entonação da sra. Olivera. Isso me deixou confuso e intrigado. E então fui passar aquele final de semana na sua casa de campo. Foi lá que o último ato foi encenado. Não envolvia nada de particularmente difícil. Foi fácil colocar uma pistola engatilhada no alto da sebe, de forma que disparasse e caísse no chão quando fizessem a poda. O jovem que trabalhava de jardineiro juntou-a surpreso. O que mais o senhor podia querer? Ele é pego em flagrante. E o que tem a dizer em sua defesa é uma história ridícula. A arma é igual àquela usada para matar Morley. E o sr. Hercule Poirot deve cair como um patinho...

Alistair Blunt endireitou-se na cadeira. Ele tinha uma expressão séria e um pouco triste. Ele disse:

– Não me interprete mal, sr. Poirot. O que é que o senhor pode provar disso tudo, o que não é mera especulação?

– Tenho uma certidão de casamento de um cartório perto de Oxford. A certidão de casamento de Martin Alistair Blunt e Gerda Grant. Frank Carter viu dois homens deixarem o consultório de Morley às 12h25. O

primeiro era um homem gordo, Amberiotis. O segundo era o senhor, é claro. Frank Carter não o reconheceu, ele o viu do alto da escada, de cima.

– Muito honesto da sua parte mencionar isso.

– Ele entrou no consultório e encontrou o corpo de Morley. As mãos de Morley estavam frias e havia sangue ressecado ao redor da ferida. Isso significa que Morley estava morto já há algum tempo. O dentista que atendera Amberiotis não poderia ser Morley. Tinha de ser o assassino de Morley.

– Mais alguma coisa?

– Sim. Helen Montressor foi presa essa tarde.

Alistair Blunt teve um espasmo. Depois, acomodou-se rígido na cadeira. Ele disse:

– Então não há mesmo mais volta...

– Não. A verdadeira Helen Montressor, sua prima distante, morreu no Canadá, sete anos atrás. O senhor escondeu esse fato e se aproveitou dele.

Alistair Blunt esboçou um sorriso. Ele disse naturalmente, com uma espécie de alegria infantil:

– Gerda sentia-se viva com tudo isso, o senhor entende? Eu sei que é um homem inteligente. Casei-me com ela escondido de todo mundo. Na época, ela trabalhava como atriz junto a uma companhia de teatro. Minha família era muito conservadora e eu estava entrando na empresa. Concordamos em manter a coisa em segredo. Ela seguiu trabalhando como atriz. Mabelle Sainsbury Seale também fazia parte da companhia. Ela sabia sobre nós. Mas então ela foi viajar para o exterior com uma companhia diferente. Gerda recebeu uma ou duas vezes notícias dela da Índia. Depois ela deixou de escrever. Se envolveu com um hindu. Ela sempre foi estúpida, sempre acreditou em tudo.

– Gostaria de poder fazer com que o senhor entendesse o meu encontro e o casamento com Rebecca. Gerda o entendeu. Era como fazer parte da realeza, eu estava tendo a chance de casar com uma rainha e desempenhar o papel do príncipe consorte ou mesmo do rei. Eu via o meu casamento com Gerda como morganático. Eu a amava. Não queria me ver livre dela. Tudo funcionava à perfeição. Eu gostava muito de Rebecca. O talento que ela tinha para finanças era genial, e eu não ficava atrás. Formávamos uma equipe. Nossa parceria era muito gratificante. Ela era uma companhia excelente, e acho que a fiz feliz. Fiquei realmente triste

quando ela morreu. O fato de que tínhamos de nos encontrar escondidos acabava sendo um estímulo para mim e Gerda. Nos valíamos de inúmeros artifícios. Ela era uma atriz nata. Tinha um repertório de sete ou oito personagens, a sra. Chapman era apenas uma delas. Em Paris, ela era uma viúva americana. Na Noruega, uma artista plástica que viajava carregada de telas e tintas. Eu a encontrava durante as viagens de negócios. Mais tarde, fiz com que ela passasse por minha prima, Helen Montressor. Nos divertíamos muito e aquilo mantinha vivo o nosso relacionamento. Poderíamos ter nos casado oficialmente depois que Rebecca morreu, mas não quisemos. Gerda não teria se adaptado à função de minha esposa oficial. E, é claro, alguma coisa do passado poderia acabar sendo desenterrada, mas acredito que mantivemos as coisas como estavam porque gostávamos do segredo. A vida doméstica em comum nos entediaria.

Blunt fez uma pausa. Disse numa voz tensa:

– Mas aí a idiota daquela mulher atrapalhou tudo. Reconheceu-me depois de tantos anos! E contou a Amberiotis. O senhor está entendendo? Eu não tive alternativa, precisava fazer alguma coisa! Não pensei apenas em mim, não foi mero egoísmo. Se eu fosse arruinado dessa forma, o país, meu país, seria também atingido. E eu tenho feito muita coisa a favor da Inglaterra, sr. Poirot. Eu a mantive nos trilhos e livre de dívidas. Isso evitou que ela caísse nas mãos de ditadores, fascistas ou comunistas. O dinheiro não tem importância pra mim. Eu gosto do poder, gosto de determinar o rumo das coisas, mas isso não quer dizer que eu seja tirânico. Somos democráticos na Inglaterra. Realmente democráticos. Podemos resmungar, dizer o que pensamos, dar risada dos nossos políticos. Temos liberdade. Dediquei uma vida toda de trabalho a esses valores. E se eu for afastado... bem, o senhor sabe o que é provável que aconteça. Precisam de mim, sr. Poirot. E um maldito espião, que fazia jogo duplo, um chantagista grego, um picareta, estava a ponto de destruir tudo o que construí. Alguma coisa tinha de ser feita. Gerda compreendeu isso. Lamentamos quanto à srta. Sainsbury Seale, mas era inevitável. Se a deixássemos sair por aí, mais hora menos hora ela iria dar de novo com a língua nos dentes. Gerda foi visitá-la, convidou-a para tomar um chá. Pediu que ela a procurasse no apartamento da sra. Chapman, onde estava ficando. Mabelle Sainsbury Seale apareceu, sem desconfiar de nada. Ela nunca se deu conta de coisa

alguma. Gerda colocou um sonífero pesado no chá. Mabelle simplesmente dormiu e não acordou mais. Fizemos aquilo no rosto só mais tarde. Foi horrível, mas achamos que tinha de ser feito. Precisávamos despachar a sra. Chapman. Minha prima Helen já estava morando no chalé da casa de campo. Pensávamos em casar no futuro. Só faltava acabar de vez com o sr. Amberiotis. E o nosso plano funcionou muito bem. Amberiotis sequer desconfiou que eu não fosse um dentista de verdade. Usei apenas os instrumentos mais simples. Não me arrisquei a usar a broca. De qualquer forma, depois da injeção ele não sentiria coisa alguma. O provável é que se sentisse até bem.

Poirot perguntou:

– E as pistolas?

– Eram de um secretário meu nos Estados Unidos. Ele as comprou em algum lugar, trouxe-as para cá e depois esqueceu de levá-las.

Houve uma pausa. Alistair Blunt perguntou:

– Há mais alguma coisa que o senhor queira saber?

Poirot disse:

– E quanto a Morley?

Alistair Blunt respondeu, apático:

– Lamentei a morte dele.

– Sim, posso perceber...

Houve um silêncio demorado, depois do qual Blunt disse:

– Bem, sr. Poirot. O que é que o senhor pretende fazer?

– Helen Montressor já foi presa.

– E agora é a minha vez?

– Sim, por isso vim aqui.

Blunt disse, educadamente:

– Mas o senhor não está feliz com o que vai ter de fazer?

– Não. Não estou nenhum pouco feliz.

Alistair Blunt disse:

– Assassinei três pessoas. Presume-se que devo ser enforcado pelo que fiz. Mas o senhor ouviu a minha defesa.

– Que consiste em que, exatamente?

– Eu sou necessário para a paz e o bem-estar desse país.

Hercule Poirot admitiu:

– Sim, é possível.

– Então o senhor concorda?

– Concordo. O senhor representa todas as coisas que penso serem importantes. Sanidade, equilíbrio, estabilidade e honestidade nos negócios.

Alistair Blunt disse, baixinho:

– Obrigado.

Ele acrescentou:

– E então?

– O senhor está pedindo para que eu me retire do caso?

– Sim.

– Mas e a sua mulher?

– Dá-se um jeito. Eles vão alegar terem pego a pessoa errada, algo assim.

– E se eu recusar?

– Nesse caso – disse Alistair Blunt –, eu me entrego.

Ele prosseguiu:

– Está em suas mãos, sr. Poirot. A decisão é sua. Mas vou lhe dizer uma coisa: não se trata apenas de autopreservação. O mundo precisa de mim. E o senhor sabe por quê? Porque eu sou honesto. E porque tenho bom-senso e sei negociar.

Poirot fez que sim com a cabeça. Era estranho, mas ele acreditava naquilo tudo.

Ele disse:

– Sim, esse é um lado da história. O senhor é o homem certo no lugar certo. O senhor é sensato, equilibrado e tem bom-senso. Mas há um outro lado. Três pessoas que morreram.

– Sim, mas olhe bem para elas! Mabelle Sainsbury Seale, o senhor mesmo disse: uma mulher com o cérebro de uma galinha! Amberiotis, um pilantra chantagista!

– E o sr. Morley?

– Já lhe disse. Lamento a morte de Morley. De qualquer forma, ele não passava de um homenzinho comum, um bom dentista. E há muitos assim.

– Sim – disse Poirot. – Há outros dentistas. E Frank Carter? O senhor o deixaria morrer também, sem nenhum remorso?

Blunt disse:

– Não sou eu que vou me compadecer dele. Ele não presta. É um sujeito podre.

Poirot disse:

– É um ser humano.

– Somos todos seres humanos, sr. Poirot.

– Sim, somos todos seres humanos. E o senhor parece que não tem se lembrado disso. Para o senhor, Mabelle Sainsbury Seale não passa de uma tonta, Amberiotis de um crápula, Frank Carter de um perdido, e Morley... Bem, Morley era apenas um dentista, e dentistas existem muitos. Nesse ponto divergimos. Para mim, as vidas dessas quatro pessoas são tão importantes quanto a sua.

– O senhor está errado.

– Não, não estou. A natureza lhe deu um caráter dos mais honestos e equilibrados. Mas o senhor se afastou disso. A fachada permaneceu a mesma. Publicamente, o senhor continua o mesmo, correto, confiável, honesto. Mas interiormente o seu apego ao poder extrapolou todos os limites. O senhor não apenas sacrificou quatro vidas. O senhor pensa que não é preciso responder por elas.

– A segurança e a felicidade de toda uma nação dependem de mim.

– Não estou preocupado com nenhuma nação, monsieur. Estou preocupado com a vida dos indivíduos. Cada um deles tem o direito de que a vida não lhe seja tirada.

Ele se levantou.

– Então é essa a sua posição?

– Sim, essa é a minha posição.

Ele caminhou até a porta e abriu-a. Dois homens entraram.

II

Hercule Poirot caminhou em direção à moça.

Jane Olivera, pálida e tensa, estava encostada no consolo da lareira. Ao lado dela estava Howard Raikes.

Ela disse:

– E então?

– Está tudo terminado – respondeu Poirot, educadamente.

Raikes perguntou, desconfiado:

– O que é que o senhor quer dizer?

– O sr. Alistair Blunt foi preso por assassinato – respondeu Poirot.

Raikes disse:

– Pensei que ele fosse comprá-lo.

Jane interrompeu:

– Não. Eu sabia que isso não ia acontecer.

Poirot suspirou. Ele disse:

– O mundo é de vocês. Um novo céu e uma nova terra. Peço apenas que reservem, nesse novo mundo de vocês, um espaço para a liberdade e para a piedade...

Dezenove, vinte, o meu prato ainda vazio

Hercule Poirot voltou para casa caminhando pelas ruas desertas.

Uma figura discreta se juntou a ele.

– E então? – perguntou o sr. Barnes.

Hercule Poirot deu de ombros e abriu os braços.

Barnes disse:

– O que foi que ele disse?

– Ele admitiu tudo e justificou-se enfatizando que o país precisa dele.

– E precisa mesmo.

Depois de um minuto ou dois o sr. Barnes perguntou:

– O senhor não concorda?

– Sim, concordo.

– Bem, então...

– Talvez estejamos errados – disse Hercule Poirot.

– É possível, embora isso me surpreenda.

Eles caminharam mais um trecho, e Barnes perguntou:

– No que é que o senhor está pensando?

Hercule Poirot citou de memória:

– *Porque rejeitaste a palavra do Senhor, ele também te rejeitou, a ti, para que não sejas rei*.

– Hum... Entendo – disse o sr. Barnes. – Saul... depois do que ocorreu com os amalequitas.

Seguiram ainda caminhando juntos por um tempo.

– Pego o metrô aqui. Boa noite, sr. Poirot – disse Barnes. Ele fez uma pausa, depois acrescentou confuso:

– Tem algo que gostaria de lhe dizer...

– *Sim, mon ami*...

– Estou em dívida com o senhor. Acabei fazendo com que seguisse uma pista errada, mas não foi de propósito. O que quero lhe dizer é a

respeito de Albert Chapman, Q.X.912.

– Sim?

– Albert Chapman sou eu. Em parte, foi por isso que me interessei pela história. E é obvio... eu nunca fui casado!

Barnes deu uma risadinha e saiu apressado.

Poirot não se moveu, apenas arregalou os olhos.

Ele disse para si mesmo:

– *Dezenove, vinte, meu prato ainda vazio*...

E voltou para casa.

[1] Centro de mesa com suportes para flores, frutas, doces. (N.T.)

[2]Também conhecido como gás hilariante, usado como anestésico. (N.T.)

[3] Tipo de missões cristãs na Índia. (N.T.)

[4] História folclórica inglesa sobre uma esposa recém-casada que, ao brincar de se esconder na festa de casamento, acaba presa em um baú, sendo encontrada pela família e os amigos apenas anos mais tarde. (N.T.)

Agatha Christie
(1890-1976)

Agatha Christie é a autora mais publicada de todos os tempos, superada apenas por Shakespeare e pela Bíblia. Em uma carreira que durou mais de cinquenta anos, escreveu 66 romances de mistério, 163 contos, dezenove peças, uma série de poemas, dois livros autobiográficos, além de seis romances sob o pseudônimo de Mary Westmacott. Dois dos personagens que criou, o engenhoso detetive belga Hercule Poirot e a irrepreensível e implacável Miss Jane Marple, tornaram-se mundialmente famosos. Os livros da autora venderam mais de dois bilhões de exemplares em inglês, e sua obra foi traduzida para mais de cinquenta línguas. Grande parte da sua produção literária foi adaptada com sucesso para o teatro, o cinema e a tevê. A *ratoeira*, de sua autoria, é a peça que mais tempo ficou em cartaz, desde sua estreia, em Londres, em 1952. A autora colecionou diversos prêmios ainda em vida, e sua obra conquistou uma imensa legião de fãs. Ela é a única escritora de mistério a alcançar também fama internacional como dramaturga e foi a primeira pessoa a ser homenageada com o Grandmaster Award, em 1954, concedido pela prestigiosa associação Mystery Writers of America. Em 1971, recebeu o título de Dama da Ordem do Império Britânico.

Agatha Mary Clarissa Miller nasceu em 15 de setembro de 1890 em Torquay, Inglaterra. Seu pai, Frederick, era um americano extrovertido que trabalhava como corretor da Bolsa, e sua mãe, Clara, era uma inglesa tímida. Agatha, a caçula de três irmãos, estudou basicamente em casa, com tutores. Também teve aulas de canto e piano, mas devido ao temperamento introvertido não seguiu carreira artística. O pai de Agatha morreu quando ela tinha onze anos, o que a aproximou da mãe, com quem fez várias viagens. A paixão por conhecer o mundo acompanharia a escritora até o final da vida.

Em 1912, Agatha conheceu Archibald Christie, seu primeiro esposo, um aviador. Eles se casaram na véspera do Natal de 1914 e tiveram uma única filha, Rosalind, em 1919. A carreira literária de Agatha – uma fã dos livros de suspense do escritor inglês Graham Greene – começou depois que sua irmã a desafiou a escrever um romance. Passaram-se alguns anos até que o primeiro livro da escritora fosse publicado. *O misterioso caso de Styles* (1920), escrito próximo ao fim da Primeira Guerra Mundial, teve uma boa acolhida da crítica. Nesse romance aconteceu a primeira aparição de Hercule Poirot, o detetive que estava destinado a se tornar o personagem mais popular da ficção policial desde Sherlock Holmes. Protagonista de 33 romances e mais de

cinquenta contos da autora, o detetive belga foi o único personagem a ter o obituário publicado pelo *The New York Times*.

Em 1926, dois acontecimentos marcaram a vida de Agatha Christie: a sua mãe morreu, e Archie a deixou por outra mulher. É dessa época também um dos fatos mais nebulosos da biografia da autora: logo depois da separação, ela ficou desaparecida durante onze dias. Entre as hipóteses figuram um surto de amnésia, um choque nervoso e até uma grande jogada publicitária. Também em 1926, a autora escreveu sua obra-prima, *O assassinato de Roger Ackroyd*. Este foi seu primeiro livro a ser adaptado para o teatro – sob o nome Álibi – e a fazer um estrondoso sucesso nos teatros ingleses. Em 1927, Miss Marple estreou como personagem no conto "The Tuesday Night Club".

Em uma de suas viagens ao Oriente Médio, Agatha conheceu o arqueólogo Max Mallowan, com quem se casou em 1930. A escritora passou a acompanhar o marido em expedições arqueológicas e nessas viagens colheu material para seus livros, muitas vezes ambientados em cenários exóticos. Após uma carreira de sucesso, Agatha Christie morreu em 12 de janeiro de 1976.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Título original: One, Two, Buckle My Shoe

Tradução: Alessandro Zir

Capa: designedbydavid.co.uk © HarperCollins/Agatha Christie Ltd 2008

Preparação: Carlos Saldanha

Revisão: Pedro Henrique Fandi

CIP-Brasil. Catalogação-na-Fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

C479u

Christie, Agatha, 1890-1976

Uma dose mortal / Agatha Christie; tradução de Alessandro Zir. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.

(Coleção L&PM POCKET; v. 923)

Tradução de: One, Two, Buckle My Shoe

ISBN 978.85.254.2213-2

1. Romance inglês. I. Zir, Alessandro. II. Título. III. Série.

10-6580. CDD: 823

CDU: 821.111-3

Agatha Christie™ Poirot™ Uma dose mortal, Copyright © 2011

Agatha Christie Limited (a Chorion company). All rights reserved.

One, Two, Buckle My Shoe was first published in 1940

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores

Rua Comendador Coruja, 314, loja 9 – Floresta – 90220-180

Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221.5380

PEDIDOS & DEPTO. COMERCIAL: vendas@lpm.com.br

FALE CONOSCO: info@lpm.com.br

www.lpm.com.br